

LEONARDO ANTONIO SOARES

**O discurso gay na televisão:
uma análise das representações gays nas novelas**

BELO HORIZONTE, 2009

LEONARDO ANTONIO SOARES

O discurso gay na televisão:
uma análise das representações gays nas novelas

Área : Lingüística do Texto e do Discurso

Linha :Análise do Discurso

Orientador: Sônia Maria Oliveira Pimenta

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

BELO HORIZONTE, 2009.

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos

Dissertação intitulada “*O discurso gay na televisão: uma análise das representações gays nas novelas*”, de autoria de Leonardo Antonio Soares, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta – UFMG – Orientadora

Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues Júnior - UFOP

Prof. Dra. Ida Lúcia Machado - UFMG

Belo Horizonte, outubro de 2009.

Agradeço de forma especial à minha orientadora, professora Sônia Maria Oliveira Pimenta, que fez com que este trabalho se tornasse possível, contribuindo para o preenchimento de uma grande parcela de minha formação intelectual.

Reservo um lugar especial a Flávio Guimarães Cunha que sempre esteve presente nos momentos difíceis, em nenhum momento deixando de acreditar em meu sucesso.

Agradeço aos meus amigos Alex Sander Costa Figueiredo pelo carinho e disponibilidade ao revisar este trabalho.

Agradeço a Adail Sebastião Rodrigues Júnior pela sua contribuição intelectual e disponibilidade.

Por fim, dedico este trabalho a minha mãe, Maria Neves Corrêa que, de um plano superior, me acompanhou em todos os momentos desta trajetória.

“Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso, mas, quem sabe, não estejamos indo nessa direção.”

Michel Foucault, 1970.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
INTRODUÇÃO.....	12

CAPÍTULO1-Aspectos sociais: contextualização histórica e construção da identidade

1.1- Contexto histórico.....	18
1.2 – Masculinidades	34
1.3 - Identidades	48

CAPÍTULO 2-Pressupostos teóricos

2.1- A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF).....	61
2.2 - Análise Crítica do Discurso (ACD).....	86

CAPÍTULO 3-Aspectos metodológicos e análise do corpus: identidade gay

3.1- Análise do Corpus.....	102
-----------------------------	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
---------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA.....	133
-------------------	-----

Lista de Quadros

Quadro 1: Punições aos homossexuais.....	33
Quadro 2: As masculinidades.....	46
Quadro 3: Os tipos de <i>Processos</i>	71
Quadro 4: Análise Interpessoal em “A Próxima Vítima”.....	110
Quadro 5: Análise Interpessoal em “América”.....	122

Lista de Figuras

Figura 1: Direitos dos homossexuais.....	32
Figura 2: “Sistemas” Ideacionais.....	64
Figura 3: Modalidade.....	77
Figura 4: Concepção Tridimensional.....	93

Lista de Tabelas

Tabela 1: Análise Ideacional em “A Próxima Vítima”	109
Tabela 2: Análise Ideacional em “América”	118
Tabela 3: Comparação da metafunção Ideacional nas duas novelas.....	121

Resumo

Este trabalho tem por objetivo investigar o discurso gay nas novelas da Rede Globo de televisão. Para realizar a investigação, parti de uma micro-análise, análise lingüística, que teve como suporte a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) proposta por Halliday, de onde trabalhei com a noção de metafunção Ideacional, Interpessoal e Textual. A partir da micro-análise foi possível fazer uma macro-análise, ou seja, uma análise social que teve como base as teorias de Foucault (as relações de poder na sociedade e as questões referentes ao discurso sexual), Fairclough (hegemonia, relações de poder e discurso da mídia), Connell (estudos sobre as masculinidades), Moita Lopes, Hall e Goffman (questões referentes à identidades) e Bauman (as comunidades no mundo globalizado).

Porém, antes de proceder a análise lingüística e social, apresentei um percurso histórico da homossexualidade, analisando-a em diferentes culturas e contextos sociais, incluindo o Brasil colônia até os dias atuais. Em seguida, apresentei a história da novela brasileira, seu surgimento e a hegemonia da Rede Globo na produção do gênero. Na análise do *corpus*, propriamente dita, fiz um pequeno resumo das duas telenovelas a serem analisadas e procedi a análise do discurso *gay* a partir de orações retiradas dos capítulos selecionados e, por fim, passei à macro-análise, cuja função foi averiguar o papel do discurso *gay* apresentado nas novelas na construção da identidade *gay* brasileira. Tal análise foi possível a partir dos elementos obtidos na micro-análise.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to investigate the gay discourse in the soap operas produced by Globo Television. Firstly, I made a micro analysis, linguistic analysis, using the Functional Grammar proposed by Halliday as basis. I focused on the notion of Ideational, Interpersonal and Textual metafunctions. After this analysis I made a macro analysis, social analysis, based on the theories of Foucault (power relations in society, discourse and sexuality), Fairclough (hegemony, power relations and discourse, media studies), Connell (masculinities), Moita Lopes, Hall and Goffman (identity analysis) and Baruman (communities in the globalization era).

Before I start the corpus analysis, I presented a brief history of homosexuality in different cultures and social contexts, including Brazil since colonial period until nowadays. Then, I presented the history of soap operas in Brazil and the hegemony of Globo Television in the production of the genre. After that, I began to analyse the corpus with a small resumé of the two soap operas and the corpus analysis was made through sentences extracted from the soap operas .

Finally, I made the macro analysis with the aim to discover if the gay discourse presented in the soap operas contribute or not to the construction of the gay identity in Brazil.

Introdução

Meu interesse pela temática nasceu a partir de pesquisas, por mim realizadas, sobre as representações *gays* do Kama Sutra, livro sagrado da cultura indiana. Ao buscar textos que me ajudassem na confecção do trabalho, constatei uma enorme carência de pesquisas na área. Trata-se de um campo, ainda, pouco explorado no universo acadêmico e ainda menos explorado ao levarmos em consideração as pesquisas em estudos lingüísticos. A importância de se discutir a homossexualidade torna-se maior na medida que, na modernidade, a alteridade assume valor cultural de destaque, uma vez que o mundo globalizado, coloca em contato diferentes culturas e formas de expressão.

Uma grande parcela dos trabalhos realizados com temática homossexual se concentra na área de estudos sociais como o de Aldry Sandro Monteiro Ribeiro, UNB, 2005, intitulado “Os Homossexuais em Busca de Visibilidade Social”, sob orientação da Prof. Dra. Ângela Maria de Oliveira Almeida. No trabalho ele procurou identificar os homossexuais como sujeitos à margem da sociedade que buscam construir uma nova forma de organização social que os inclua como cidadãos. Para compreender este processo ele buscou compreender não somente as condições excludentes a que os homossexuais estão expostos, mas também as estratégias de enfrentamento usadas por estes sujeitos, levando em consideração a vivência homossexual e sua condição de minoria. Ele adotou uma perspectiva psicossociológica e usou como base as teorias de Henri Tajfel (Teoria da Identidade Social) e Serge Moscovici (Teoria das Minorias Ativas). Os resultados da pesquisa apontaram que a vivência homossexual é marcada pelo preconceito, discriminação e violência, o que dificulta a construção de uma imagem positiva a cerca de si mesmos. Porém, observa-se que há um movimento de questionamento e enfrentamento de tal condição, fazendo dos homossexuais uma minoria ativa na busca de transformações sociais.

Outro trabalho que merece destaque com a temática homossexual é o de Sandro Braga, UFSC, 2001, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro de Souza. Em sua dissertação de mestrado intitulada “Efeitos do Discurso sobre a Nudez com Nome Próprio: Inflexões do Masculino na Revista G Magazine”, ele buscou analisar representação da masculinidade heterossexual em um periódico destinado ao público homossexual na supracitada revista. Ele utilizou os pressupostos da Análise do Discurso para examinar como a G Magazine elide os leitores da cena interlocutiva das entrevistas realizadas pela revista, deslocando ou apagando o leitor alvo em certos lugares passíveis de co-enunicação, evitando proximidade com a figura masculina em foco no ensaio fotográfico ou entrevista. O foco foi dado em ensaios com jogadores de futebol, tanto nos corpos despidos tanto na fala e descobriu-se que existe uma estratégia enunciativa que visa sustentar a identidade do entrevistado segundo um discurso de virilidade.

Quanto às pesquisas que buscaram analisar as representações e o discurso *gay* realizadas na UFMG, destaco a de Adail Sebastião Rodrigues Júnior, sob orientação da Prof. Dra. Célia Maria Magalhães, POSLIN, 2006, que analisou, a partir da coletânea de contos *gays* intitulada *Stud* (Andros, 1969) e sua tradução brasileira *As aventuras de um garoto de programa* (Andros, 1998), as personagens *gays* e suas realidades de mundo por meio da transitividade (Halliday e Matthiessen, 2004). Ele concluiu que as escolhas lexicais do original *Stud* representam realidades de mundo que ultrapassam os limites do texto e alcançam realidades sociais da comunidade *gay* dos anos 60 e 70 nos Estados Unidos. Já na retextualização *As aventuras de um garoto de programa* as representações estão relacionadas a comunidades e práticas sociais presentes na comunidade *gay* brasileira.

Outra pesquisa com a mesma temática e que buscou analisar a existência ou não de preconceito no discurso *gay* na seção intitulada *Parla G*, da revista *gay* G Magazine,

onde articulistas escrevem sobre assuntos variados e ligados ao universo *gay*, foi a de Roberto Cardoso Pedro, sob a orientação da Prof. Dra. Júnia Diniz Focas, POSLIN, 2006. Ele concluiu que existe, no discurso *gay*, preconceito acerca da orientação homossexual.

Desta forma, ainda são poucas as pesquisas realizadas sobre o assunto e, ao lançarmos um olhar sobre a homossexualidade, constatamos que nem sempre foi fácil encontrar registros sobre esta temática na evolução da humanidade, uma vez que seu papel esteve, na maioria das vezes, nos bastidores da história oficial. Com o passar dos tempos, a humanidade se mostrou repressora ao tratar de uma temática que sempre andou lado a lado com sua evolução e acabou criando barreiras de aceitação.

Ao tratar de um tema tão complexo e polêmico quanto a homossexualidade uma das primeiras perguntas que se tem em mente está ligada a sua origem: ela é fruto de uma predisposição genética ou da criação do indivíduo?

Considerando a predisposição genética como fator decisivo, nós nos deparamos com indivíduos que nascem homossexuais, mas que podem vir a se casar, ter filhos e nunca se envolverem em relações com pessoas do mesmo sexo. Neste caso os fatores sociais como a cultura, religião, leis e valores exercem papel determinante e acabam se sobrepondo à predisposição genética. Por outro lado, ao considerarmos as causas da homossexualidade como sendo unicamente ligadas à criação do indivíduo, encontramos pessoas que, apesar de terem sido criadas em ambientes que têm a heterossexualidade como regra, podem se envolver em relações homossexuais. Autores como Naphy (2006), Goffman (1988) e Connell (2005) apontam que, na maioria das sociedades ocidentais, a heterossexualidade é a norma e ela é constantemente reforçada seja em nível micro (dentro das famílias e a partir dos primeiros anos de vida) ou em nível macro (através de instituições como a escola, igreja, etc).

Naphy (2006) ainda destaca que existem duas correntes divergentes sobre a temática homossexual: a corrente essencialista e a corrente construcionista. Na visão essencialista a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade fazem com que as sociedades respondam de formas diferentes ao se defrontarem com elas, porém as verdadeiras identidades são herdadas pelos indivíduos frente a sua condição humana e, desta forma, a homossexualidade também é uma herança. Já os construcionistas acreditam que termos como homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade são meras categorias criadas por culturas e sociedades. Uma pessoa que pratica sexo com pessoas do mesmo sexo em sociedades onde tais rótulos não existem, pode nem perceber que sua prática sexual é diferente da prática dos demais indivíduos que praticam sexo com pessoas do sexo oposto. O fato é que tais categorizações sociais não são capazes de abranger a vasta gama de valores e atividades sociais e culturais.

O debate estabelecido entre predisposição genética e criação está ligado às razões pelas quais os indivíduos se envolvem em relações homossexuais; já o debate entre essencialistas e construcionistas foca a maneira pela qual os indivíduos e as sociedades identificam, categorizam e explicam o comportamento sexual de seus integrantes. Deixo de lado as razões do primeiro debate e volto a minha atenção para o segundo e, a partir de tal foco, minha pesquisa visará fundamentalmente a homossexualidade masculina. E, para delimitar mais ainda o meu foco de pesquisa, visarei apenas o grupo de homens que se relacionam com outros homens, não tratando dos homens que se travestem em mulher.

Optei por trabalhar duas novelas¹, ambas exibidas no horário nobre da Rede Globo de televisão, ou seja, às nove da noite. A primeira novela, “A Próxima Vítima”,

¹O termo telenovela tem origem espanhola e, no Brasil, os termos novela e telenovela são sinônimos, sendo o primeiro mais usado. Irei usar o termo “novela” ao invés de telenovela, por deixar claro durante toda a pesquisa que me refiro ao contexto televisivo.

foi exibida em 1995 e trata-se de uma trama policial que abordou temas polêmicos como o uso de drogas e a homossexualidade. Optei por analisar os dez primeiros capítulos uma vez que, devido ao seu caráter policial, a relação homossexual se torna mais visível no início da novela. A segunda novela a ser analisada é “América” que foi exibida em 2005 e , também, abordou temas polêmicos como o universo dos deficientes visuais, cleptomania e romance *gay*. Neste caso, foram selecionados os dez últimos capítulos uma vez que, devido à ordem de abordagem dos assuntos dentro da trama, o romance *gay* recebe maior destaque nos últimos capítulos. A escolha das novelas se deveu ao fato do discurso *gay* ser mais significativo e pelo fato de existir um espaço temporal de dez anos entre a exibição das duas. Não optei por fazer a transcrição de todos os capítulos das novelas, mas somente das cenas onde há participação das personagens *gays*. Não optei, tampouco, por fazer um levantamento histórico-social detalhado do período decorrido entre a exibição das duas novelas, mas busquei somente fatos relevantes para a análise. Desta forma, foi possível realizar um estudo comparativo do discurso apresentado e com isso obter uma melhor caracterização do funcionamento do discurso da novela em relação à homossexualidade.

Após a seleção das novelas e dos capítulos a serem analisados, busquei orações, em ambas as novelas, que melhor caracterizassem as personagens *gays*, e que quisessem causar maior interação ou impacto junto aos telespectadores. Tais orações não foram analisadas de maneira isolada, mas foi levado em conta o contexto e as situações em que elas foram ditas.

Pretendo, por fim, deixar claro que ao me referir ao discurso *gay*, me refiro não somente ao “discurso do *gay*” nas novelas, mas também ao discurso das outras personagens em relação aos *gays*, pois segundo Moita Lopes (2002) a identidade é uma construção social, o que implica no fato de que somos criados da forma que somos pelos

outros à nossa volta. Segundo ele, por sermos seres produzidos por outros seres, a alteridade é entendida como constitutiva de quem e do que somos.

No capítulo 1 desta dissertação, apresentarei uma contextualização histórica com base nos estudos e pesquisas do historiador William Naphy (2006) que focalizam a homossexualidade em diferentes contextos, culturas e períodos históricos e João Silvério Trevisan (2007), um dos poucos autores que busca analisar a homossexualidade no Brasil desde o período colonial até os dias atuais; em seguida passarei a uma análise das diferentes masculinidades e das relações de exclusão e aliança que entre elas se estabelecem. Usarei como base teórica as pesquisas de Oliveira (2004) onde buscarei a construção das masculinidades em diferentes períodos históricos, Connell (2005) e Nolasco (1993) ambos lidando com as diferentes masculinidades e como elas são produzidas e reforçadas, Moita Lopes (2006) pesquisas sobre a construção das masculinidades nas crianças e adolescentes, Foucault (1976; 2007) o papel do corpo na construção das masculinidades. Em seguida, ainda no capítulo 1, tratarei das diferentes identidades produzidas no mundo globalizado. Usarei como base teórica Stuart Hall (2006) que analisa as identidades na pós-modernidade, Goffman (1988) que trata das identidades e dos estigmas sociais, Bauman (2003) que analisa o papel das comunidades na era da globalização e Moita Lopes (2006) que considera a construção das identidades a partir do discurso. No capítulo 2 tratarei da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) proposta por Halliday (1994; 2004), onde irei focalizar as três metafunções (Ideacional ou Experiencial, Interpessoal e Textual) e buscarei auxílio em outros autores que trataram do assunto como Eggins (1994), Thompson (2004) e Butt at al (1995); em seguida apresentarei os pressupostos teóricos básicos da Análise Crítica do Discurso (ACD) com foco nas teorias de Norman Fairclough (1994; 1995). No capítulo 3, a partir do contexto histórico apresentado, das teorias a cerca das masculinidades e identidades e da base fornecida pela GSF e pela ACD, analisarei o corpus de pesquisa composto pelas novelas “A Próxima Vítima” e “América”.

CAPÍTULO 1-Aspectos sociais: contextualização histórica e construção da identidade

1.1-Contexto Histórico

Na visão da ACD todo discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, ele se acha situado no tempo e espaço. A herança histórica e a intertextualidade na produção e interpretação de textos constituem-se em formas de mudança que envolvem transgressões, transposições de limites e união de convenções com novas combinações. De acordo com tais pressupostos, que serão discutidos oportunamente neste trabalho, passo a uma contextualização histórica da homossexualidade.

William Naphy (2006), historiador, pesquisador e professor da Universidade de Aberdeen, Reino Unido, é um dos poucos pesquisadores que analisa as relações homossexuais de que se tem registro desde os tempos mais remotos até chegar aos dias atuais e começa por diferenciar a forma pela qual as religiões monoteístas e as politeístas vêm as relações entre pessoas do mesmo sexo. Segundo ele, a maioria das religiões politeístas apresenta deuses e deusas que se envolvem em relações com pessoas do mesmo sexo. Antes da ascensão do monoteísmo, os modelos de deuses e deusas para a adoração apresentavam imagens ambivalentes, sendo a bissexualidade quase uma norma teológica. Naphy acrescenta que o aspecto que permitia tais permutações seria a visão do sexo como algo indiferenciado, ou seja, o gênero do parceiro de um deus era de pouca ou nenhuma importância e a escolha sexual era uma questão de gosto.

Porém, é importante ressaltar que a distinção não estava relacionada ao gênero, mas sim nos papéis ativo/passivo. Num contexto social onde o sexo era visto como sinônimo de penetração, cabia ao penetrador (geralmente um homem maduro) o papel de destaque.

Naphy passa a analisar a visão a cerca das relações entre pessoas do mesmo sexo em diferentes partes do mundo e começa pela Mesopotâmia, onde os atos entre pessoas

do mesmo sexo eram conhecidos e tolerados e onde havia indivíduos que, devido a sua efeminização, exerciam regularmente o papel de passivos.

Na Índia, onde o politeísmo sobreviveu até os dias atuais, os deuses e deusas se relacionavam com indivíduos independentemente do gênero e assumiam papéis sexuais masculinos ou femininos. Tal ambigüidade é característica do hinduísmo e o resultado é que o sexo, a sexualidade e o gênero são susceptíveis de mudanças durante o ciclo da reencarnação e até numa mesma encarnação. Na Índia valorizava-se a amizade acima do casamento e na filosofia indiana, as designações macho e fêmea eram criações sociais que visavam certos papéis. Os indivíduos podiam ser constituídos enquanto machos e fêmeas com base em roupas, atributos físicos, etc., mas tais categorias eram artificiais e temporárias.

Passando-se do hinduísmo ao judaísmo constata-se não a rejeição à homossexualidade em si, mas que o sexo e a penetração tinham por finalidade principal a procriação e, desta forma, o sexo que não se encaixava nestas condições não tinha proteção divina.

Na filosofia chinesa o sexo, também, era visto como destinado à procriação, mas por outro lado era um instrumento de prazer. A filosofia Yin/Yang preservava a essência do indivíduo e destacava a vitalidade sexual para todos. A concepção de pecado estava relacionada com a não geração de filhos, o que não impedia os homens de se relacionarem com outros homens.

O surgimento do cristianismo começou a transformar as religiões politeístas em monoteístas e o sexo por prazer foi aos poucos sendo substituído pelo sexo destinado à procriação.

Não se pode falar de relações entre pessoas do mesmo sexo sem levar em conta a Grécia Clássica, onde o amor entre homens teve papel de destaque. A pederastia

ateniense e o sistema de laços entre os militares espartanos eram institucionalizados; e tais laços se baseavam no amor, amizade e emoção, sendo colocados acima do matrimônio que, por sua vez, tinha como função a geração de herdeiros.

A pederastia ateniense, onde um jovem (efebo) era possuído por um adulto (erástes) estava associada à educação e a formação de cidadãos. Em muitos casos o erástes era selecionado pela família do efebo e o relacionamento constituía laços entre as duas famílias. As escolas de atletismo eram locais onde se exercia a corte entre os homens. Talvez um dos mais interessantes exemplos de amor entre homens venha de Tebas. Os tebanos eram renomados pelo seu poder militar e, de acordo com a lenda, possuíam um exército chamado de Banda Sagrada que era constituído por cento e cinquenta pares de homossexuais.

Já em “Banquete” , através do discurso proferido por Aristófanes, Platão (428 a.C.) busca uma explicação para a homossexualidade e para a pederastia. Segundo ele, a muito tempo atrás, a natureza era bem diferente e havia três sexos humanos: o masculino, o feminino e o andrógeno.

Os homens possuíam formas redondas, tinham costas e flancos ao seu redor, quatro mãos e quatro pernas, duas faces semelhantes sobre um pescoço redondo, uma só cabeça para estes dois rostos opostamente colocados, quatro orelhas, dois órgãos genitais, etc.

Havia três sexos porque o masculino descendia de Hélios (Sol), o feminino de Géia (Terra) , e o andrógeno descendia de Selene (Lua). Esses homens eram assim esféricos, em sua forma e movimentação, porque se assemelhavam a seus progenitores. Seus corpos eram robustos e vigorosos e sua coragem muito grande. Isso inspirou-lhes audácia e resolveram escalar o céu e atacar os deuses.

Depois de muito meditar Zeus decidiu que permitiria a existência dos homens,

porém mais domesticados e que, para isso, eles seriam cortados em duas partes se tornando mais fracos e mais numerosos para servir aos seus deuses.

A partir daí, cada uma dessas metades pôs-se a procurar a outra. É daí que se origina o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; e esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só e restaurar a antiga perfeição.

Os homens que se formaram a partir daquilo que era chamado de andrógono, são loucos por mulheres, e a esta espécie pertencem todos os adúlteros. As mulheres que se originaram por divisão do antigo gênero feminino não sentem nenhuma atração por homens, mas apenas por outras mulheres. Aqueles que são uma secção do masculino ligam-se a outros homens e, enquanto jovens, amam os homens e sentem grande prazer em deitar-se e serem abraçados por eles.

Segundo o filósofo Platão (428 a.C.) há quem diga que eles não têm vergonha, mas é devido à sua imprudência, audácia, coragem e virilidade que eles procedem assim, amando seus semelhantes. Uma prova decisiva disso é que quando atingem o seu completo desenvolvimento, os jovens que possuem esta natureza são os únicos a se portarem como verdadeiros servidores do Estado. Quando, um pouco mais velhos, praticam a pederastia e não demonstram o mínimo desejo de contrair matrimônio e de ter filhos. Caso venham a se casar, fazem isso para ceder à opinião pública que os obriga, pois para eles basta apenas viver com seus amados.

É importante considerar o impacto de tais práticas gregas em Roma. Os romanos não praticavam a pederastia e nenhum homem romano poderia ser penetrado. Não havia problema em manter relações sexuais com outros homens desde que eles fossem prostitutos ou escravos e desde que os romanos permanecessem ativos. Após a incorporação a cultura grega, os romanos incorporaram suas práticas, porém com algumas adaptações, por exemplo, não havia um limite de idade para que um homem se

relacionasse com outro e exercesse o papel de passivo.

Ao aderirem ao cristianismo, por volta de 390, no governo de Theodosius, O Grande, a situação mudou e registrou-se o primeiro caso de castigo corporal devido às relações homossexuais e, posteriormente, foi adotada a pena de morte para quem se envolvesse em relações deste tipo. Tais mudanças estavam relacionadas à concepção do sexo enquanto fator procriativo.

Por volta de 1350, o continente europeu se encontrava devastado pela praga e a homossexualidade masculina recebia o nome de sodomia. A igreja conseguiu convencer a população que a sodomia e a prostituição estavam estreitamente ligadas à chegada da praga, o que fez deste período uma época de perseguições e execuções.

Mais tarde, no Renascimento, a arte italiana buscou as formas masculinas de uma maneira antes vista somente na Grécia Clássica. O Renascimento (fins do século XIII e meados do século XV) foi um período de relativa abertura que se estendeu até a reforma (século XVI) com seu moralismo e culminou no Iluminismo (por volta do século XVII) um período mais liberalista. Porém, o liberalismo presenciado no Iluminismo teve seu fim no período Vitoriano (1837-1901).

Em 1976, o filósofo francês Michel Foucault argumentou que, com o advento da burguesia vitoriana, a sexualidade foi cuidadosamente confinada “dentro de casa”. A vida conjugal tornou-se o foco e a função reprodutiva do sexo uma meta a ser atingida. Os casais tornaram-se modelos, normas foram reforçadas e tudo se resumia a silêncio. Para Foucault somente em lugares como instituições psiquiátricas e bordéis havia lugar para sexualidades “ilegítimas”.

Neste período, Foucault destaca que era difícil até mesmo nomear o sexo e era como se, para assumir o controle sobre ele, fosse preciso subjugá-lo a nível lingüístico. Novas regras foram baixadas e passou-se a ter controle sobre o que podia ser dito, como

podia ser dito e onde isto poderia ocorrer.

Naphy destaca que dentre as personalidades homossexuais que se destacaram no período vitoriano descrito por Foucault, nenhuma outra recebeu mais atenção do que Oscar Wilde (1854-1900). Wilde nasceu em Dublin, na Irlanda e foi poeta, dramaturgo e romancista. Em 1879 ele se mudou para Londres e começou a escrever como forma de garantir sua subsistência, porém a maneira extravagante de se vestir logo chamou a atenção das pessoas. Em 1884, ele se casou com Constance Lloyd e os dois tiveram dois filhos. Sua homossexualidade tornou-se mais conhecida a partir de seu envolvimento com o estudante Robert Ross e com muitos prostitutas.

Porém, seu romance com o aristocrata escocês Alfred Douglas foi o mais conhecido dos seus relacionamentos homossexuais, culminando em sua desgraça social. Ao tomar conhecimento do relacionamento, o pai de Alfred, Marquês de Queensberry, acusou Wilde de sodomia, fazendo com que o caso fosse parar nos tribunais. Após ser julgado e condenado a dois anos de trabalhos forçados, ele ainda teve seus filhos e bens confiscados e viu todos os seus amigos se afastarem. Após o cumprimento da pena, ele se mudou para Paris com Alfred onde morreu em 1900.

Já Naphy (2006) salienta que ao longo do século XIX as relações entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser analisadas pela ciência e a medicina e foi neste contexto que o psicólogo Karoly Maria Benkert usou a termo “homossexual” pela primeira vez, se referindo à aquelas pessoas que praticavam sexo com indivíduos do mesmo sexo. De acordo com a visão científica, médica e psiquiátrica a homossexualidade era uma doença cujas causas eram anormalidades biológicas e problemas mentais. Neste período os homossexuais eram submetidos a tratamentos como a lobotomia que, segundo a crença da época, tratariam as disfunções sexuais.

Não se pode de forma alguma tratar da homossexualidade sem considerar os mais

de 20.000 homossexuais que morreram nos campos de concentração nazistas, que tinham como objetivo a purificação da raça humana. Nos campos de concentração os homossexuais eram marcados pelo triângulo cor-de-rosa.

Para compreender melhor a trajetória da homossexualidade no Brasil, recorrerei a Trevisan (2007), um dos poucos autores que retrata a história da homossexualidade no Brasil Colônia de forma mais detalhada. Ele relata que vários europeus, ao aqui chegarem, ficaram chocados diante da descoberta que a sodomia ou “pecado nefando” era praticada entre os habitantes. Dentre os padres europeus que estiveram no Brasil Colônia, Trevisan destaca Manoel da Nóbrega que, em 1549, relatou aos portugueses que muitos colonos tinham índios por mulheres e, diante de tais relatos, a coroa portuguesa considerou que tais atos se deviam ao paganismo e deu início ao processo de conversão religiosa. Trevisan destaca casos de homossexualidade na aristocracia da época, sendo o mais notável o do baiano Diego Botelho que exerceu o cargo de governador da Bahia entre 1602 e 1607. Ele se relacionava com seus servos e exercia o papel de ativo e passivo e, de acordo com depoimento de um ex-criado durante inquérito inquisitorial, Diego o oferecia presentes e agrados enquanto eram amantes e o levou a cometer o pecado nefando várias vezes.

Para os crimes de sodomia, neste período, bastava o depoimento de uma testemunha e as punições eram muito variadas, indo desde jejuns e orações até açoites e degredação para países da África. O crime de sodomia já se encontrava presente nas Ordenações do Reino de Portugal, em cujos livros se achavam compiladas as leis portuguesas desde a Constituição até o Código Penal e Civil. No caso específico do Brasil foram as Ordenações Filipinas que tiveram maior importância, ficando em vigor por mais de dois séculos. Segundo elas, a pessoa que cometesse o pecado nefando seria queimada, todos os seus bens seriam confiscados para a coroa e seus familiares ficariam

infames.

No Estado Liberal brasileiro a situação não era diferente e tomou-se conhecimento dos altos índices de mortalidade infantil e das péssimas condições sanitárias e com isso a atenção se voltou para a família e viu-se a necessidade de resolver tal situação a partir de prescrições científicas, médicas e educacionais. Instituiu-se o Código Higienista e os homossexuais passaram a ser chamados de uranistas ou pederastas. Neste contexto, assim como Foucault já havia assinalado, o foco recaiu sobre a infância, onde se impôs uma educação onde os meninos teriam que se envolverem em atividades esportivas para que se evitasse a efeminização e, em relação à vida adulta, o pederasta receberia tratamento de choque. A homossexualidade passou a ser estudada à luz da ciência como uma anomalia que se manifestava através da preferência por pessoas do mesmo sexo.

Figari (2007) destaca que um dos momentos de produção do saber da medicina sobre o homossexualismo aconteceu no final da década de 1920 e alcançou seu apogeu entre 1930 e 1940. As questões sexuais adquiriram uma enorme relevância a ponto de passarem a ser uma subdivisão específica da medicina geral denominada Sexologia Forense.

A produção científica da época pode ser dividida entre psiquiátrica e endócrina. A primeira concepção aborda o homossexualismo sob um plano psiquiátrico e atribui a homossexualidade caráter de doença mental. Na segunda concepção, procuram-se traços físicos das orelhas até as mamas desenvolvidas; das nádegas arredondadas até o corpo sem pêlos, que caracterizem o transtorno homossexual.

Havia assim, segundo os médicos da época, causas possíveis para o comportamento homossexual que podiam ser divididas em dois grandes grupos:

1- Inversão adquirida/causas estruturais:

- culto à beleza masculina grega;
- falta de mulheres;
- necessidade por se encontrar em um meio unissexual como quartéis e conventos;
- medo de contágio por sífilis;
- depravação de costumes imposta pelos tempos modernos, por vício ou curiosidade insalubre;
- por profissão como prostituição;
- habilidade ou comodidade;
- falta de prazer sexual.

2- Inversão congênita/causas orgânicas:

- enganos orgânicos ou funcionais;
- perturbações das glândulas ou secreção interna;
- determinações fisiológicas, acompanhadas de estigmas físicos, tais como atrofia dos órgãos genitais e efeminização do homem, voz aguda, raridade de pêlos, tendência à adiposidade, virilismo nas mulheres;
- enfermidade psíquica;
- evolução sexual, seja porque sua sexualidade fora precocemente despertada ou fixada no homossexualismo ou porque o amor com o sexo oposto esteja ligado à situações penosas;
- manifestação de psicopatias na qual a inversão se apresenta como sintoma mórbido.

Já bem mais tarde, nos anos 60, Trevisan (2007) passa a analisar o mundo dos espetáculos e destaca as apologias ao universo *gay* nas peças de Nelson Rodrigues, como o “Beijo no Asfalto”. Na música destaca-se Ney do Matogrosso que, segundo Trevisan, vendeu mais de oitocentos mil LPs devido à sua androgenia. No cinema brasileiro, a partir de 1970, os *gays* apareceram nas porno-chanchadas e viram sua imagem associada

à ridicularização. Já na televisão, apesar de ser um meio de comunicação altamente visado pela censura devido ao seu alcance, buscou-se uma exploração do universo *gay* e, a partir da década de 80, multiplicaram-se as personagens gays em minisséries e telenovelas. A minissérie “Malu Mulher” exibida em 1980, pela Rede Globo de televisão, foi uma das pioneiras ao tratar do assunto de forma direta. Em um episódio chamado “Uma coisa que não deu certo”, um amigo da militante Malu se descobria apaixonado por outro homem. Depois disso a presença homossexual tornou-se uma constante na telenovela brasileira por se tratar de um ingrediente polêmico e que gera audiência.

Nas novelas da Rede Globo, um dos casos que mais chamou a atenção foi o do casal de lésbicas de “Torre de Babel”(1998), onde duas mulheres maduras e bem-sucedidas mantinham um relacionamento homossexual estável. Devido às pressões de setores conservadores, as personagens acabaram mortas na explosão de um *shopping center*. Trevisan (2007) acredita que seja algo difícil determinar até que ponto as novelas prejudicam ou difundem a visibilidade homossexual, ainda que utilizem isto como maneira de fazer sucesso. Há vários exemplos de novelas da Rede Globo que exploraram a temática *gay* e fizeram grande sucesso: “Pedra sobre Pedra” (1992), “Por Amor” (1998), “A Próxima Vítima” (1995), “América” (2005), “Paraíso Tropical” (2007), “A Favorita” (2008).

Para que se possa entender melhor o surgimento dos *gays* nas novelas, passo a uma pequena história do surgimento da televisão no Brasil, da hegemonia da Rede Globo de Televisão e de como as novelas passaram a exercer papel de destaque na cultura brasileira.

A televisão chegou ao Brasil na década de 50, trazida por Assis Chateaubriand que fundou a TV Tupi, o primeiro canal de televisão brasileiro. Nos anos 50, as

transmissões foram marcadas pelo improviso e por programas ao vivo.

O primeiro teleteatro estreou em novembro de 1950 e se chamava “A vida por um fio”, sendo baseado em uma história americana chamada “Sorry, wrong number.” Em 1960, surgiu a TV Excelsor, de São Paulo, que tinha como filosofia a produção de seus próprios programas e a valorização dos profissionais da área. O seu foco principal era a produção de telenovelas. Em 1963, a emissora colocou no ar a telenovela “2-5499 ocupado”, e desta forma, nacionalizou o horário nobre que antes era destinado a produções estrangeiras.

Ainda na década de 60, a TV Tupi passou a investir em novelas e chegou ao sucesso com o drama cubano “O direito de nascer”. Em 1968 a novela “Beto Rockfeller”, também da TV Tupi, inovou na estrutura narrativa através da figura do anti-herói. A partir daí, a novela passou a abordar temas urbanos e regionais que pudessem ter maior aceitação nacional.

Na década de 70 iniciou-se a hegemonia da Rede Globo na produção de telenovelas. Janete Clair tornou-se a autora mais importante do período através de sucessos como “Irmãos Coragem”, “Pecado Capital” e “Selva de Pedra”.

Porém, segundo Melo (1988) durante o primeiro ano de operação a Rede Globo teve uma fraca penetração junto ao público. Ela iniciou seu funcionamento no Rio de Janeiro, em 1965, e só conseguiu atrair atenção dos telespectadores devido à cobertura de uma inundação na cidade. Devido à sua parceria com o grupo norte-americano *Life Time*, no período de 1962-1969, a emissora passou a adotar técnicas até então desconhecidas no mercado nacional, evoluindo mais tarde para o padrão Globo de produção. Tal padrão nada mais é do que uma estratégia de *marketing* que busca maior integração com as necessidades dos telespectadores através de pesquisas e, desta forma, mantém seu público fiel.

Melo (1988) destaca que o processo de nacionalização da emissora atinge 95% no horário nobre e a audiência compreende 69,18% dos telespectadores residentes nas cidades e 30,82% dos que vivem em zonas rurais. O público masculino é de 49,68% e o feminino é de 50,32%. Por faixa etária, de 0 a 4 anos - 13,7%; 5 a 14 anos – 24,48%; 15 a 24 anos – 21,36%; 25 a 39 anos – 19,83%; acima de 40 anos – 20,63%. Essa audiência se concentra principalmente no horário de 18 às 22 horas.

Quanto a produção das novelas, ao invés de permanecer limitada à temáticas ambientadas no Rio de Janeiro, a emissora buscou produzir histórias ambientadas em outras regiões do país, fazendo com que o público de uma determinada região pudesse se identificar com suas paisagens e valores culturais e que o público de outras regiões viessem a conhecer as diferentes culturas presentes no Brasil. Desta, forma, segundo Melo, a novela cumpre um papel de integração nacional e de desvendamento de realidades até então desconhecidas pela maioria da população brasileira.

Melo cita Arthur da Távola que, por sua vez, aponta características inerentes às novelas produzidas pela Rede Globo:

- 1- elas destinam-se a um consumo indiscriminado , atingindo públicos de classes sociais e níveis culturais diferentes;
- 2- vivem da aceitação do mercado; os telespectadores são pesquisados, fazendo com que a novela esteja em íntima relação com quem a consome;
- 3- o autor não pode estabelecer um discurso isolado, sem que primeiro ele estabeleça pontes de relacionamento com o público;
- 4- a novela não é uma obra de um único criador, mas depende de uma equipe realizadora e dos propósitos estabelecidos pelo canal produtor.

Ao analisarmos de uma forma mais cuidadosa as observações feitas por Arthur da Távola acerca das características das novelas da Rede Globo, diremos que elas vão de

encontro com as análises de Fairclough (1995) sobre o discurso da mídia e que serão discutidas mais adiante neste capítulo. Para ele, a produção da mídia é feita sobre um controle profissional e institucional e, geralmente, aqueles que exercem maior controle econômico, político e cultural têm acesso a ela. Os aspectos econômicos de uma instituição são fator determinante em suas práticas e textos produzidos. Os textos e a programação são, assim, mercadorias culturais, produzidos em um mercado aberto que sofre pressões comerciais. A grande disputa por números de audiência faz com que haja uma corrida para a produção de programas que gerem mais audiência, como é o caso das novelas.

As novelas buscam, na maioria das vezes, temas de mais fácil aceitação e, segundo Geraghty, citada por Meinhof (1998), uma característica marcante na novela é sua organização de tempo e espaço. Segundo ela é o tempo e não a ação em si que domina a estrutura narrativa da novela. Cada episódio termina com um momento dramático e não resolvido. O que significa que as personagens precisam ser recapituladas e discutidas. O público assume o papel de observador com acesso privilegiado, o que lhe permite diferentes ângulos de análise, julgar e acessar acontecimentos futuros.

Em contraste com a novela americana e a mexicana, também vistas no Brasil, as novelas brasileiras tentam se colocar o mais próximo possível da vida diária, apresentando preocupações e tópicos atuais. Há um grande número de tramas e personagens centrais e periféricos, o que requer uma certa regularidade por parte dos telespectadores para que haja familiaridade com o que está sendo apresentado.

Meinhof (1998) acrescenta que os escritores buscam uma conciliação entre o ficcional e o não-ficcional, o público e o privado. A busca por realismo social afeta cada vez mais as representações de ambiente físico e social em que as personagens se movem. Desta forma, elementos da vida diária estão presentes nas novelas e, por mais

estereotipada que pareça, esta recriação da vida cotidiana é capaz de envolver os telespectadores.

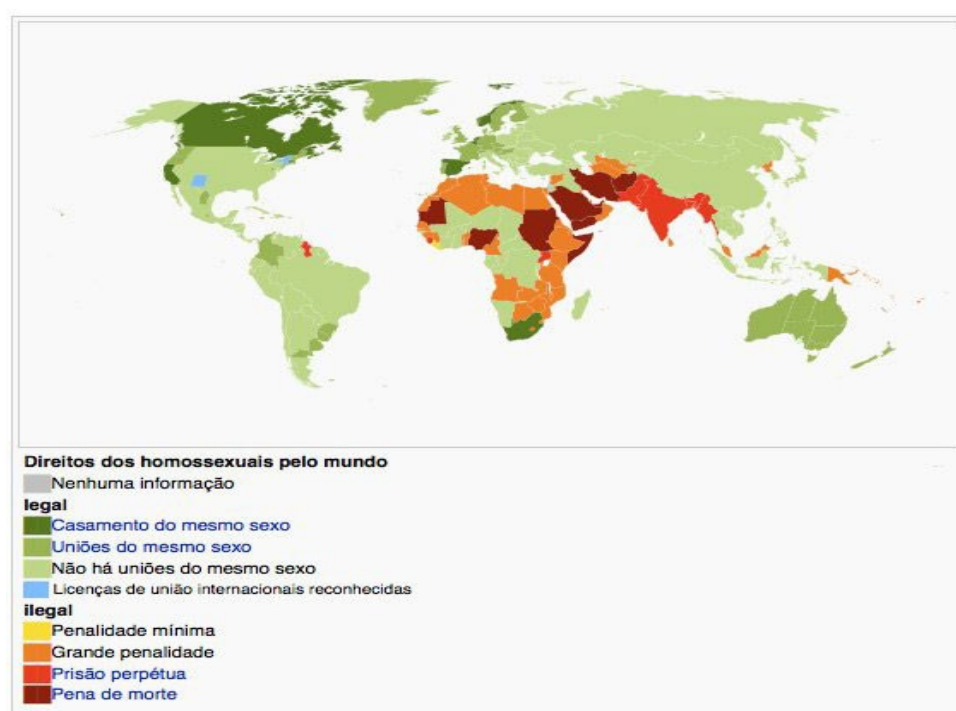
Outro aspecto que tem sido constatado de forma muito acentuada é a inserção de temas políticos e sociais nas novelas. Problemas de relacionamento, conflitos raciais, drogas, sexualidade, etc, afetam a vida das personagens. Meinhof (1998) acredita que, desta forma, a interação entre o público e o privado e entre a ficção e o real seja cuidadosamente coreografada.

Retomando as personagens *gays* nas novelas, tal inserção e explosão de discursos *gays* têm sua origem bem mais profunda e, segundo Foucault (1976), começa quando, no período vitoriano, houve um controle e policiamento dos dizeres. Neste período houve o que ele chama de explosão discursiva e proliferação de discursos relacionados ao sexo. Assim, fala-se em sexo mais do que qualquer outra coisa e sempre nos convencemos de que não foi dito o suficiente. Porém, não lidamos com um único discurso, mas com uma multiplicidade deles que, por sua vez, são produzidos por uma série de mecanismos que operam a partir de instituições diferentes e que visam fins, também, diferentes.

Outro fator que muitos estudiosos apontam como sendo um marco para a liberação homossexual e difusão da cultura e discurso *gay*, ocorreu em junho de 1969 em *Stonewall Inn*, bar situado em Christopher Street, em Nova York, que era freqüentado pelo público homossexual. Conta-se que, após uma investida policial com o suposto objetivo de encontrar irregularidades quanto ao consumo de álcool, os homossexuais foram xingados e expulsos do local, mas ao invés de se retirarem em silêncio eles protestaram do lado de fora, criando barricadas, fazendo com que os agentes ficassem enclausurados no interior do bar e atraindo uma multidão para o local. Houve protestos por três dias e o evento serviu como base para muitas marchas *gays* que ocorrem em diversos países.

O surgimento da AIDS e as campanhas de combate à doença colocaram, mais uma vez, os *gays* em evidência e proporcionou um debate mais aberto sobre a homossexualidade, porém tal evidência acabou levando ao que muitos pesquisadores chamam de explosão do consumo *gay*, que posiciona o público *gay* enquanto consumidores potenciais em uma economia globalizada.

Diante do contexto histórico apresentado os direitos dos homossexuais se encontram divididos da seguinte forma pelo mundo:



Fonte: http://www.esquerda.net/index.php?option=com_content&task=view&id=8561&Itemid=64 em 23/01/2009

figura 1: Direitos dos homossexuais

O mapa nos permite concluir que, no século XXI, a homossexualidade ainda é punida e reprimida de forma severa em muitas partes do mundo. As punições vão de abusos policiais e discriminação até prisão e pena de morte em alguns países. Teremos o seguinte quadro a partir do mapa apresentado:

<i>Tipo de punição</i>	<i>País</i>
Pena de Morte	Afeganistão, Arábia Saudita, Irã e Sudão
Prisão	Paquistão, Nigéria, Somália, Granada, Índia, Jamaica, Nepal, Quênia, Sri Lanka, Angola, Camarões, Etiópia, Líbano, Kuwait, Marrocos, Moçambique, Senegal, Síria, Tunísia, etc
*Repressão por órgãos oficiais	Cuba e Egito
Casamento gay	Noruega, África do Sul, Espanha, Canadá, Bélgica, Holanda
União entre pessoas do mesmo sexo	Hungria, Uruguai, Irlanda, Reino Unido, Slovênia, Suíça, Luxemburgo, Áustria, França, Finlândia, Alemanha, Dinamarca
*Locais onde há leis anti-discriminação	Portugal, Brasil, Irlanda, África do Sul, Noruega

fonte: http://www.esquerda.net/index.php?option=com_content&task=view&id=8561&Itemid=64 em 23/01/2009

Quadro 1: Punições aos homossexuais

1.2- As masculinidades

Para Pedro Paulo Oliveria (2004) a masculinidade é um lugar imaginário e simbólico e se apresenta como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado que aponta para uma ordem de comportamentos sancionados. A palavra “masculinidade” deriva-se do termo latino *masculinus* e começou a ser utilizada apenas em meados do século XVIII, no momento em que se realizava uma série de esforços científicos no intuito de se estabelecer critérios mais explícitos de diferenciação entre os sexos.

A masculinidade atua no discurso e se constrói como uma estrutura de poder, sendo histórica, ideológica e identitária. Ela predispõe comportamentos ao prescrever atitudes especiais em situações distintas, recorrendo sempre a um sistema de valores. Desta forma, um tipo de masculinidade sobrepõe-se em determinadas regiões e momentos históricos, mas modifica-se ao se fortalecer e até mesmo torna-se nula no contato com outras realidades históricas.

Ao analisar a masculinidade na época medieval e na modernidade, Oliveira (2004) acredita que existam características e valores medievais na masculinidade moderna, ainda que tais características estejam acrescidas de novas particularidades capazes de distingui-la daquele período. Na época medieval, um duelo poderia ser desencadeado a partir de uma injúria, sarcasmo ou ironia e, para que ele acontecesse eram necessárias as presenças das testemunhas e do juiz. Os duelos tinham três resultados possíveis para os elementos masculinos envolvidos: manutenção, obtenção ou perda de símbolos de status e honra. Oliveira ainda acrescenta que os duelos podem ser vistos como uma forma de vivência internacional da masculinidade, fundamental para a valorização, manutenção e reprodução da idéia de honra masculina. As disputas, muitas vezes, deixavam marcas e cicatrizes para o resto da vida e tais marcas se transformavam

em verdadeiros troféus, símbolos de dignidade que se estendiam, inclusive, aos perdedores.

Oliveira (2004) cita que, a formação dos Estados modernos, teve papel determinante para a confirmação de comportamentos socialmente considerados como sendo automaticamente masculinos. Para a constituição e manutenção da autonomia e soberania de uma nação foi de fundamental importância a criação de exércitos nacionais. Ao serem convocados para as guerras, os soldados estariam em ação por uma causa nobre e, desta forma, os ideais medievais de bravura foram transferidos para os soldados e seu heroísmo. Houve a união entre militarização, nacionalismo e masculinidade.

Na Europa do século XIX, as guerras napoleônicas e os processos de unificação ilustraram tendências imperialistas e segundo Oliveira (2004), neste período houve a união de três “Ps” (potência, poder e posse) que acabaram definindo a ideologia masculina. A Primeira Guerra Mundial funcionou como um teste para a masculinidade “autêntica”.

Após a primeira metade do século XX ter sido marcada por movimentos expansionistas europeus e da Primeira Guerra Mundial ter sido deflagrada nesta atmosfera, explodiu a Segunda Guerra Mundial que exaltou, através do nazismo, certas características masculinas como lealdade, camaradagem, disciplina e coragem. O nazismo considerava o corpo masculino como parte do Estado e teve como característica chave uma nova raça de homens devotos e dispostos a se sacrificarem em nome da pátria. Tal como o nazismo, o fascismo nutria o espírito de comunidade e tentava desfazer diferenças entre seus membros que pudessem impedir a união de todos. Este espírito de aliança ajudou a disseminar os ideais fascistas e masculinos para todos os segmentos da sociedade.

Depois da Segunda Guerra Mundial, estabeleceu-se a Guerra Fria e um novo tipo

de campo de batalha surgiu: a fábrica. Lá, surgiu a imagem do homem trabalhador exemplar e responsável.

Com relação à religião e sua relação com a masculinidade, Oliveira (2004) acredita que do Islã aos fundamentalistas protestantes americanos tem-se uma vasta gama de exemplos que tal conexão se tornou evidente. Desta forma, tanto na Inglaterra quanto na Alemanha, a tradição puritana pregava um ideal de masculinidade onde deveria prevalecer o controle sobre as paixões, a moderação e a pureza sexual e mental. O realce da figura paterna no seio da vida familiar sempre foi enfatizado pelos cristãos das mais variadas tendências e vinha de encontro às idéias burguesas.

Ainda com relação a orientação religiosa, ela teve papel de destaque na educação das crianças do sexo masculino, conciliando atributos como obediência, responsabilidade e moderação com intrepidez, ousadia, responsabilidade, moderação e amor aos ideais nacionais. Assim, Oliveira (2004) acrescenta que de um lado se encontrava o guerreiro valente e do outro o homem devotado e cheio de princípios.

Os atributos masculinos cresciam com os ideais burgueses e neste período os preconceitos e intolerância contra aqueles que não se enquadravam no modelo masculino socialmente sancionado aumentaram. No século XIX, o casamento serviu como uma barreira contra os vícios e degeneração e passou a ser visto como uma consequência natural na vida do cidadão comum. Quanto mais masculino o homem e mais feminina a mulher, melhor para o Estado. Nesta separação a autonomia do masculino contrastava-se com a submissão feminina. O papel da mulher seria de cuidar dos filhos e do lar e cabia ao homem a esfera pública e o poder.

Para o ideal moderno masculino, a constituição de uma família tinha a função de afastar dúvidas em relação a possível orientação sexual pervertida do homem. A prática sexual entre homens era tida como algo não natural, representando uma ameaça ao

casamento e à família.

Com relação à prática de esportes e os valores masculinos, Oliveira destaca que tal conexão perdura até os dias atuais. No século XIX, a ginástica era comum entre os jovens e a força física se tornou um indício de coragem e moral. Devido ao alistamento obrigatório, os treinamentos e as atividades esportivas receberam um impulso extra e se disseminaram na Europa como atividades tipicamente masculinas.

Os esportes e o treinamento físico constituíam excelente ponto de apoio para a veiculação dos ideais viris da modernidade. Os jovens adquiriam vigor e tornavam-se robustos e, desta forma, adquiriam a admiração e respeito, mantendo-se longe dos vícios que levavam à degeneração física, moral e espiritual.

A disciplinarização do corpo masculino, via esportes e treinamento físico como partes de um processo social mais amplo em que os métodos aplicados de forma consciente permitiam o controle minucioso das operações do corpo, realizando a sujeição de suas forças e impondo-lhes um relação de docilidade e utilidade. Este processo de subjetivação era quase igual ao processo de sujeição presente nas forças armadas, nas escolas, internatos, colégios, quartéis, presídios, hospitais, asilos, etc.

No século XX, os esportes continuaram a ser de fundamental importância para a veiculação e valorização do ideal moderno de masculinidade. Sua disseminação como um dos principais espetáculos e atividade de lazer, transformou-se em uma grande vitrine nas quais os tipos masculinos ideais estão sempre sendo admirados.

Além do aspecto nacionalista e do sentimento de orgulho de pertencer a uma nação vitoriosa, o futebol se relaciona com um amplo mercado de consumo destinado ao público masculino que busca tornar viril a imagem de certos produtos como desodorantes, loção de barbear, cigarros e bebidas, através da sua associação com tal aquele universo.

Quanto às leis, elas expressam, de modo evidente, a consolidação legal do poderio masculino sobre as mulheres e as crianças, bem como uma punição para aqueles que não se enquadram dentro dos moldes desenhados para os homens na sociedade. Oliveira (2004) lembra que existem sanções punitivas previstas em diversas leis, atos e outros instrumentos jurídicos que visam intimidar aqueles que não se comportam de acordo com os preceitos da masculinidade hegemônica. Ele aponta cinco elementos que norteiam a constituição de leis referentes aos aspectos da vida sexual dos agentes no final do século XIX: sexo é algo natural se for heterossexual; sexo genital é primário e determinante; o verdadeiro sexo é falocêntrico; e o sexo é algo que deve ocorrer de preferência no casamento. Oliveira conclui que o forte apelo tecnológico e à busca incessante de novos mercados, se tornaram características principais da pós-modernidade e certos valores associados ao ideal moderno de masculinidade se desgastaram, mas que as mudanças provocadas pelo capitalismo ainda permitem que algumas instituições e grupos como milícias e gangues urbanas mantenham um código de disciplina e comportamentos que vão de encontro aos ideais patriarcalistas.

Já com relação às diferentes masculinidades, discussões sobre a globalização apontam para um papel cada vez maior da mídia e das novas tecnologias no mundo atual e, sendo assim, as ordens de gênero de diferentes sociedades foram colocadas em contato umas com as outras, resultando em um sistema de gêneros de padrões locais que carrega as características de uma sociedade global. Neste contexto, a masculinidade ainda se relaciona com os três “Ps” (potência, poder e posse) apontados por Oliveira, mas muda no que diz respeito à antiga forma de masculinidade patriarcal. Há maior tolerância à diversidade e aumentou a incerteza quanto à ordem do gênero.

Nas questões referentes à masculinidade, Moita Lopes (2002) apresenta pontos que, em sua concepção, são fundamentais sobre o tema:

- 1- existem diferentes masculinidades em uma dada sociedade que são, por sua vez, construídas no discurso e existem projetos que visam transformar “homens em homens”;
- 2- a fragmentação, contradição e fluidez são características das identidades masculinas;
- 3- o gênero masculino tem que ser visto sob uma perspectiva racional no que se refere ao gênero feminino e a sexualidade;
- 4- a masculinidade hegemônica é usualmente tomada como uma norma na sociedade em relação a qual a feminilidade e as práticas homoeróticas são medidas sendo, desta forma, naturalizada.

Buscarei, com a ajuda de outros pesquisadores, tornar mais claros os pontos apresentados por Moita Lopes.

Para Connell (2005) o gênero não é fixado anteriormente à interação social, mas é construído dentro dela. Assim, a masculinidade produzida em um escritório é diferente daquela produzida em uma fábrica ou em uma universidade, uma vez que as formas de interação entre os homens se diferenciam. As diferenças entre as classes e raças e seus respectivos cenários são aspectos importantes a serem considerados, mas não são os únicos e masculinidades diferentes podem ser produzidas dentro de um mesmo cenário. Connell ainda destaca que reconhecer a diversidade nas masculinidades não é suficiente, mas que se deve levar em conta as relações que se estabelecem entre elas: relações de aliança, dominação e subordinação. Tais relações são possíveis por meio de práticas de inclusão e exclusão, tornando possível uma política de gênero dentro da própria masculinidade.

Vários estudos, Goffman (1988), Moita Lopes (2002), Connell (2005), comprovam a existência de uma masculinidade hegemônica e que ela é exaltada em certos locais como a família e a escola, sendo que na última a prática de esportes representa um teste à masculinidade dos garotos. Como toda hegemonia, esta não

representa um controle total e pode ser rompida. Segundo Connell, as relações que constroem a masculinidade são dialéticas e não correspondem a uma via de mão única em relação ao modo de socialização, gerando a construção de masculinidades de “opção”. Um foco nas relações entre homens deve levar em conta as múltiplas masculinidades; já a masculinidade hegemônica não é a mesma em todos os lugares, mas ela ocupa tal posição em um dado momento devido a um padrão socialmente estabelecido.

A cada época, uma forma de masculinidade é culturalmente exaltada e Connell (2005) acredita que quando mudam as condições de defesa da patriarquia, as bases de dominação de uma determinada forma de masculinidade são abaladas, fazendo com que novos grupos desafiem a velha ordem e construam uma nova hegemonia. As definições normativas das masculinidades têm como problema que nem todos os homens se encaixam no padrão eleito, mas trazem consigo o aspecto positivo que todos eles irão se beneficiar desta hegemonia. Ainda no que se refere à masculinidade hegemônica, Connell salienta que o corpo exerce papel de destaque na sua construção, sendo violentado em prol das realizações masculinas.

Sobre o papel do corpo, Foucault (2007) acredita que o poder exercido sobre ele nunca deixou de existir totalmente até meados do século XIX. Ele ressalta que em nossas sociedades, os sistemas punitivos são sempre recolocados e ainda que não recorram a castigos violentos, mesmo através de métodos suaves, há sempre a submissão do corpo e suas forças. O corpo está ligado ao campo político e as relações de poder têm alcance imediato sobre ele. Elas marcam, dirigem, supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam a cerimônias e exigem-lhe sinais. Este investimento político está estreitamente ligado à sua utilização econômica; é como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação, mas em compensação sua constituição como força de trabalho só

é possível se ele estiver preso num sistema de sujeição; o corpo se torna útil se, ao mesmo tempo, ele for produtivo e submisso. O que está relacionado com as análises de Oliveira (2004) sobre o papel dos esportes na formação masculina.

Foucault (2007) acredita que haja um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, mas é um controle de suas forças que é maior que a capacidade de vencê-las. Tal poder produz saber e poder e saber estão diretamente implicados; não há relação de poder sem constituição de um campo de saber e nem saber que não suponha relações de poder.

Foucault conclui suas análises sobre as forças que agem sobre o corpo dizendo que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação da multiplicidade humana. Elas tentam definir uma tática que obedece a critérios como tornar o exercício do poder menos difícil ou fazer com que o poder seja elevado ao máximo possível e que ele alcance o mais longe possível.

Se considerarmos o homem do século XXI, podemos dizer que seu conhecimento a cerca de seu corpo aumentou consideravelmente, mas que as forças que atuam sobre ele continuam a moldá-lo e a supliciá-lo. Não visualizamos mais castigos corporais como relatados por Foucault (2007) em “Vigiar e Punir”, mas nos defrontamos com rituais, mesmo inconscientes, que visam moldá-lo para que ele se encaixe dentro dos padrões estabelecidos pela masculinidade hegemônica. A violação começa na infância, quando muitos meninos são obrigados a se submeterem a práticas esportivas na escola e vão até a vida adulta quando homens recorrem a academias de ginástica para esculpirem seus corpos.

Quanto à masculinidade hegemônica no Brasil e especialmente no Rio de Janeiro, no século XVII e XVIII, Figari (2007) relata que o senhor branco, cristão, luso-ocidental, proprietário do “novo mundo”, converteu-se no amo absoluto das riquezas materiais e

dos “corpos” que, em sua totalidade, lhe estavam subordinados. A base de tal regime era a violência e as relações sociais eram permeadas por ela e, neste contexto, os futuros senhores, também, eram submetidos a ela para que eles pudessem aprender a reproduzi-la em seus subordinados.

Figari (2007) ainda destaca a noção entre atividade e passividade, onde a primeira era atribuída aos homens e a segunda aos demais como mulheres, crianças e escravos. A passividade e incapacidade eram associadas e a legislação civil colocou o homem como responsável pelos incapazes. A construção deste padrão masculino ativo como formação discursiva dominante supõe a existência das diferenças subalternas e a estigmatização dos outros que não atendia ao padrão socialmente sancionado.

Figari acredita que os principais aparelhos de repressão, o Estado e a Igreja, tentam definir as fronteiras da masculinidade. Os mecanismos de controle e repressão como sermões e a legislação civil, constituem metáforas de repulsa ao não-masculino.

Segundo Nolasco (1993) o trabalho e o desempenho sexual funcionam com as principais referências para a construção do modelo de comportamento dos homens. O trabalho tem dupla função: é um eixo norteador do modo de agir e pensar; e a inserção da subjetividade no campo da disciplina, remetendo-os a um cotidiano repetitivo. Há a crença de que o trabalho fará com que eles se encontrem consigo mesmos no momento em que conquistarem seus sonhos de felicidade, que são definidos *a priori* pela ideologia de consumo. Em função desta limitação para escolherem e posicionarem-se no mundo do trabalho, os homens tendem a procurar uma sensação de liberdade na área sexual.

Nolasco (1993) acredita que, como produto da ideologia patriarcal, as relações entre os homens se fundamentam na busca da identidade, não com as singularidades inerentes a cada um, mas com o que há de comum com o modelo masculino socialmente definido. A necessidade de dominação, ascendência e controle de um sobre o outro

aparece como parâmetro tanto no trabalho quanto no plano social. Ativo-passivo, patrão-empregado, homem-mulher são percebidos pelos homens como pares opostos e vão além de expressões de dinâmicas subjetivas e culturais.

Ainda com relação à vida sexual e afetos masculinos, Nolasco (1993) acredita que mesmo que estes estejam direcionados para fora da esfera familiar, eles sejam controlados por ela. A família funciona como grande fonte provedora e catalisadora destes afetos. Os homens são livres para agir, mas não são livres para ser o que querem ser. Há, acima de tudo, uma expectativa social definida à revelia dos próprios homens. Quando o indivíduo faz uma escolha, ele elege dentre um conjunto de opções disponíveis para ele e uma vez realizada tal escolha ele definirá a qualidade e a intensidade do envolvimento, entrando num campo de trocas, satisfações e frustrações.

Com base nos estudos realizados por Maurice Godelier (1982), Welzer-Lang (2001) denomina de “casa-dos-homens” os espaços monossexuados, ou seja, lugares onde os homens atribuem a exclusividade de uso masculino e onde eles combatem aspectos que possam compará-los aos não-homens.

Segundo Welzer-Lang, em nossas sociedades as crianças do sexo masculino deixam o mundo das mulheres ao começarem a se agrupar com outros meninos de sua idade, atravessando uma fase de homosociabilidade na qual emergem fortes tendências ou pressões para que eles vivam momentos de homossexualidade. Escondidos dos olhares das mulheres e de homens de outras gerações, os meninos se iniciam mutuamente em jogos eróticos. Nestes grupos, os mais velhos, que já foram iniciados, mostram, corrigem e moldam os que buscam acesso à virilidade. Cada homem se torna iniciado e iniciador.

Ele ainda cita que em pesquisas realizadas por Maurice Godelier, junto aos Baruya, povo da Nova Guiné, ficou comprovado que os homens jovens e solteiros da

tribo devem ingerir o esperma dos mais velhos e iniciados através da felação. Tal ritual tem por objetivo transmitir os rudimentos da dominação das mulheres. A violação deste segredo é punida severamente e aquele que resistir à iniciação será forçado a fazê-la.

O período de aprendizagem constitui um rito de passagem e os meninos se vêm obrigados a aceitar as leis dos mais velhos. Welzer-Lang (2001) cita casos de homens que relatam que esta aprendizagem se faz através de sofrimento. Sofrimento psíquico e físico de não poder, por exemplo, jogar bola tão bem quanto os outros e tais sofrimentos devem ser aceitos em silêncio para que se possa integrar o círculo restrito dos homens. Nestes grupos incorporam-se gestos, movimentos, reações masculinas e tudo que contribuirá para que os meninos se tornem homens.

Através desta iniciação se aprende a mensagem clara: ser homem é ser diferente de ser mulher. A casa-dos-homens é, também, freqüentada por homens mais velhos que servem de modelo para os mais jovens. Alguns se encontram presentes fisicamente e outros através de suas mensagens e valores como atores, cantores e jogadores de futebol.

Porém, Welzer-Lang (2001) lembra que cada cultura e classe social corresponde a uma forma de casa-dos-homens. A iniciação dos homens se comporta de maneira extremamente variável. O masculino é uma submissão à um modelo e a obtenção de privilégios a partir dele. Alguns homens mais velhos se aproveitam de sua posição para abusar dos mais novos, o que significa que a iniciação de muitos meninos pode ocorrer pela violação causada por um homem mais velho.

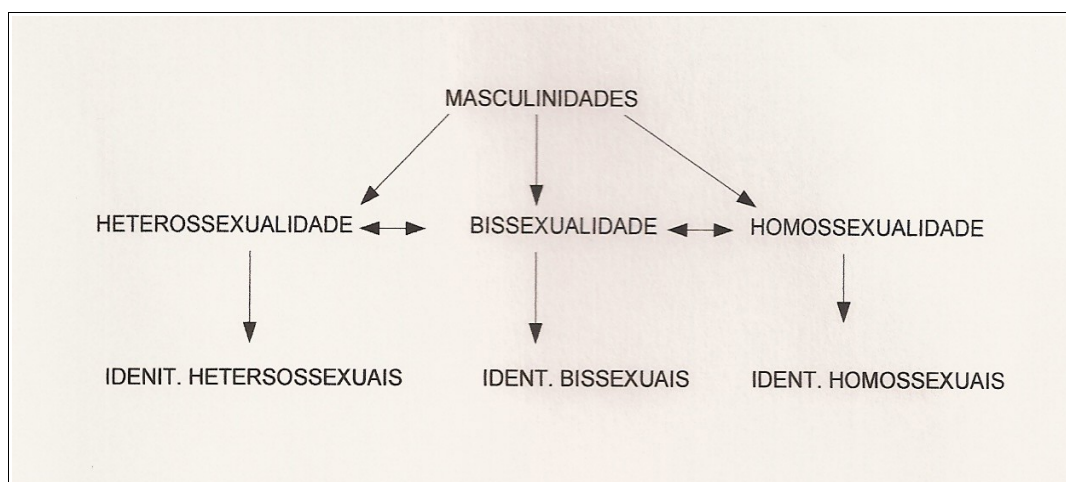
Welzer-Lang finaliza salientando que não existem somente aspectos negativos no aprendizado coletivo. A solidariedade masculina e a casa-dos-homens torna-se um local de prazer, de descobertas dos interesses coletivos sobre os individuais e valores que se relacionam à solidariedade humana. A noção de casa-dos-homens não se aplica somente

à socialização infantil ou juvenil, mas tal noção se estende aos homens adultos que, mesmo depois de casados, continuam a frequentar espaços como cafés, bares e até a prisão, onde é necessário que eles se distingam dos fracos e das mulheres.

Com relação à masculinidade nos dias atuais, Connell (2005) acredita que nunca se pode falar em uma crise na masculinidade, mas sim em uma ruptura ou transformação. No contexto atual, a heterossexualidade compulsória é forçada aos homens e o corpo deve ser moldado para que tal fim seja atingido. A masculinidade se vê dividida entre as convenções sociais, que podem ser descartadas e as características naturais do corpo, que não podem ser descartadas. Muitos *gays* se aproximam dos padrões heterossexuais, mas Connell acredita que tal aproximação é subvertida quando seu objeto de desejo é considerado. Ele ainda acrescenta que não exista uma identidade homossexual e alguns homens negociam suas masculinidades em nome de instituições.

Na história da masculinidade não existe uma estrutura linear, não há tampouco uma transição do tradicional ao moderno e Connell (2005) destaca a existência, desde a antiguidade, de complexas estruturas de relações de gênero onde dominantes, subordinados e marginalizados, conviviam em constante interação, com trocas de condições para a existência e transformação uns dos outros.

Com base nas análises de Connell, elaboro o seguinte esquema com relação às masculinidades e as relações estabelecidas entre elas:



Quadro 2: As masculinidades

Não se pode falar em uma única masculinidade, mas sim em masculinidades, uma vez que existem diferentes tipos de masculinidades que, em épocas diferentes, interagem entre si por meio de relações de dominação, subordinação e alianças. Porém, cada uma destas masculinidades são fragmentadas e, no seu interior, surgem subgrupos ou identidades menores. Assim, por exemplo, dentro do grupo de homossexuais encontram-se diversos tipos de identidades homossexuais.

Para Connell (2005), na sociedade contemporânea, existem duas principais instituições que têm como base a dominação masculina: a igreja católica e a mídia. Quanto a relação entre masculinidade e mídia, ele aponta que o risco que se corre em abraçar a imagem de homem sensível expressa na mídia é que ao invés de se abolir o patriarcalismo, ele esteja apenas sendo modernizado e conclui que na arena global novos modelos de masculinidade são oferecidos, existindo uma tendência em se suavizar a masculinidade hegemônica e posicionar os homens enquanto consumidores.

A respeito da representação da masculinidade hegemônica na mídia, Goffman (1988) aponta o que, segundo ele, seria o homem perfeito nos dias atuais:

“... um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, no Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, bom aspecto, bom peso, boa

altura e com sucesso recente nos esportes. (p.139)”

Tais características apontadas por Goffman vão de encontro à representação *gay* nas novelas analisadas: homens jovens, bonitos, nível educacional elevado, bom porte físico, etc. Porém, em “A Próxima Vítima” o casal *gay* perde estas características e é mostrado um relacionamento *gay* entre um negro e um latino. Apesar de apresentar alguma variação, a representação *gay* nas novelas apresenta três características principais que serão analisadas futuramente neste trabalho:

- 1- contribui para uma maior visibilidade dos *gays*, seja a visibilidade alcançada por meios de produtos destinados ao consumo, seja pelo debate a cerca da homossexualidade;
- 2- mostra-os sob o viés da heterossexualidade. Ainda se tem a heterossexualidade como regra e a homossexualidade como gira em seu entorno, até mesmo na hora de se escolher os atores que irão representar os papéis homossexuais;
- 3- privilegia o modelo de masculinidade hegemônica, pois vemos homens viris e bonitos interpretando tais papéis, impondo certa distância da realidade e fazendo com que muitos *gays* busquem se enquadrar no perfil apresentado.

Devido às mudanças pelas quais as masculinidades vêm passando, ao caráter fragmentado de sua natureza e às várias identidades existentes dentro de cada tipo de masculinidade, como já foi apontado por Connell anteriormente, passo a um estudo mais aprofundado sobre as identidades .

1.3- As identidades

Iniciarei as teorias sobre as identidades a partir das concepções de Bakhtin sobre o discurso, pois a idéia que a identidade tem sua origem na negociação entre os discursos dos participantes de uma interação será importante para minhas análises.

Para Bakhtin (2006) a palavra dirige-se a um interlocutor e, em função dele, ela poderá ou não variar. O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo possuem um auditório social próprio e bem estabelecido, em cuja atmosfera se constrói suas deduções interiores, motivações e apreciações. Toda palavra tem duas faces: procede de alguém e se dirige a alguém; constituindo o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra se define em relação à coletividade e Bakhtin define como “uma ponte lançada entre mim e os outros”(p.117).

Assim, Bakhtin (2006) acredita que a atividade mental do “eu” tende a auto-eliminação, dando lugar à atividade mental do “nós”, sendo a última uma atividade diferenciada que quanto mais forte, mais bem organizada ela será. O centro organizador da enunciação é, desta forma, o exterior que, por sua vez, está situado no meio social que envolve o indivíduo. A enunciação é um produto da interação social.

Bakhtin conclui que a verdadeira substância da língua está no fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. A interação verbal é, assim, a realidade fundamental da língua.

Já na visão psicanalítica de Lacan (1998) entre o sexto e o oitavo mês a criança vê sua imagem, geralmente refletida em um espelho, pela primeira vez e entende que o que ela está vendo é, de alguma forma, sua própria imagem, causando-lhe confusão e fazendo com que aconteça o seu primeiro conflito de identidade.

Com esta formação limitada de identidade vem a separação e a imagem passa a ser o Outro. Tal separação cria uma sensação de vazio. A imagem parece perfeita e será

amada durante a fantasia narcisista, mas por outro lado, o Outro também gera inveja, desgosto e parece fazer perguntas, gerando tensão entre dois pólos opostos. A falta de reconhecimento se concretiza quando ele contrasta a imagem do espelho consigo mesmo, considerando-se inferior e reforçando o trauma da imperfeição e o desejo de se tornar “ideal”.

O desejo de preencher o vazio e o da perfeição individual representam uma tensão entre a não-identidade e a identidade. A partir daí a criança continua a construir sua imagem, oscilando entre outras imagens e fragmentos do seu próprio corpo. O Ego começa a emergir como uma construção inconsciente.

Os adultos, como indivíduos integrados, ainda se sentem desconfortáveis sobre suas identidades. Auto-imagens continuam por suas vidas inteiras, causando fascinação narcisista ou desconforto ao perceberem que a imagem refletida não é a que eles esperavam que fosse.

A partir da fase de espelho de Lacan (1998) inicia-se a formação do “eu” baseada no olhar do Outro. A criança passa a relacionar-se com o mundo fora dela e os sentimentos não resolvidos farão com que o sujeito seja dividido, mas que vivencie sua identidade como algo completo e resolvido. Assim seria a origem contraditória da identidade.

Stuart Hall (2006) também acredita na fragmentação, incompletude e na construção das identidades a partir do olhar do Outro, porém ele começa por analisar as principais mudanças pelas quais a construção das identidades tem passado no mundo globalizado.

Para Hall (2006) a questão da identidade está sendo discutida amplamente no novo contexto globalizado e as “velhas” identidades que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, causando o surgimento de novas identidades e a fragmentação do indivíduo moderno que, até então, era visto como um sujeito cuja

identidade era algo unificado. A chamada crise da identidade é entendida por Hall como sendo um processo amplo de mudanças que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas.

Para que se entenda a questão do sujeito possuidor de uma identidade unificada, Hall (2006) destaca três concepções de identidade:

1- a identidade do sujeito iluminista que se baseava na concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de capacidade de razão, consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior que emergia no momento do nascimento e permanecia inalterado a vida inteira. Este centro essencial do “eu” era a identidade da pessoa. A concepção iluminista era muito individualista e tinha o masculino como seu principal elemento;

2- a identidade do sujeito sociológico que refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com o Outro que, por sua vez, mediava para o sujeito os valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura dos mundos que ele habitava. A identidade era formada a partir da interação entre o “eu” e a sociedade. O sujeito tem seu núcleo ou “eu” real, mas ele é modificado em um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que eles oferecem;

3- existe um processo de mudança onde o sujeito, que antes possuía uma identidade unificada e estável, tornou-se fragmentado e composto por várias identidades contraditórias e não resolvidas e Hall aponta as características das identidades pós-modernas como não fixas ou permanentes. Esta identidade é formada e transformada continuamente a partir das formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Trata-se de uma identidade definida historicamente e não biologicamente.

Hall (2006) aponta que a descontinuidade traz consigo características positivas e dentre elas, a desarticulação das identidades estáveis do passado e a criação de novas identidades e sujeitos. As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença; são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições do sujeito, ou seja, identidades.

Para Hall (2006) a identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato. Existe a fantasia de sua unicidade, porém ela é incompleta e está sempre em processo de formação. Ele cita como exemplo as partes femininas do “eu” masculino que são negadas e permanecem com o sujeito por toda a vida, encontrando expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas da vida adulta.

Assim, não podemos falar da identidade como algo acabado, mas sim como um processo em andamento e, como Lacan (1998) argumenta, ela surge a partir de uma falta que deverá ser preenchida pelo exterior, pela forma através da qual nós imaginamos ser vistos pelos outros.

Hall (2006) ainda acredita que uma das razões da descentralização do sujeito é o impacto causado pelo feminismo como crítica e movimento social:

- 1- ele enfatizou, como questão política e social, o tema da forma pela qual somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (homem/mulher, mãe/pai, etc);
- 2- o movimento expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e gênero;
- 3- o feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a Humanidade, substituindo-a pela questão da diferença social.

A respeito das identidades de gênero, Butler (2003) acredita que a fonte da ação pessoal e política não provém do indivíduo, mas se dá pelas trocas culturais complexas

entre corpos; assim a identidade é construída, desintegrada e recirculada no contexto de um campo dinâmico de relações culturais. O processo de ser ou tornar-se homem ou mulher não tem nada de fixo. O gênero não deve ser constituído como uma identidade estável, ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; mas sim como uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída através de uma repetição estabilizada de atos.

Para ela a própria ordem de ser de um determinado gênero ocorre por caminhos discursivos. A coexistência ou convergência de várias injunções discursivas produz a possibilidade de uma reconfiguração e um reposicionamento complexos; não é um sujeito transcendental que permite a ação em meio a uma convergência.

Com relação às relações culturais citadas por Butler, Hall (2006) analisa o que ele chama de culturas nacionais e as define como não somente instituições culturais, mas símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que é capaz de influenciar e organizar tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Mais adiante ele aponta três consequências da globalização para as culturas nacionais:

- 1- desintegração como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”;
- 2- as identidades nacionais e algumas identidades locais estão sendo reforçadas pela resistência à globalização;
- 3- as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades híbridas estão tomando seu lugar.

Hall (2006) cita Kenneth Thompson que acredita que as identidades globais começam a ser colocadas acima das identidades nacionais e que os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de identidades “partilhadas”-

como consumidores para bens, clientes para serviços, públicos para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas à influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através da infiltração cultural.

Porém, Hall (2006) cita Kevin Robin que acredita que exista uma contra-tendência no processo de homogeneização, termo definido por Hall como sendo uma redução das diferenças e distinções culturais no interior do discurso de consumo global, uma espécie de língua franca. Robin acredita que exista, no mundo global, uma tendência à valorização da alteridade e uma fascinação pela diferença e, de acordo com esta visão, é pouco provável que o processo de globalização destrua as culturas nacionais, mas que ele produza novas identidades globais e novas identidades locais. A inserção cada vez maior de personagens *gays* nas novelas e a visibilidade dada ao seu discurso vai de encontro à valorização da alteridade e fascinação pela diferença apontadas por Robin.

Moita Lopes (2002) em seus estudos sobre discurso, gênero e masculinidade, corrobora a visão de Hall e Butler. Ele acredita que o discurso seja uma forma de co-participação social e que os participantes discursivos constroem o significado ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares. É através deste processo de construção de significado, no qual a participação do interlocutor é crucial que as pessoas se tornam conscientes de quem são e constroem suas identidades sociais interagindo no mundo por intermédio da linguagem. Moita Lopes se ampara nas análises de Bakhtin sobre o discurso ao afirmar que as identidades sociais são construídas por meio de práticas discursivas com o Outro.

Nesta visão do discurso enquanto construção social, por meio do qual os participantes constroem a realidade social e a si mesmos, a construção da identidade

social é vista como algo sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares. Pode-se dizer que as identidades não são propriedades dos indivíduos, mas sim construções sociais, suprimidas ou promovidas de acordo com os interesses políticos de uma ordem social dominante.

Os processos discursivos, na visão de Moita Lopes (2006), constroem certas identidades para terem voz na sociedade, embora elas possam se alterar em épocas e espaços diferentes. Identidades sociais de classe social, gênero, sexualidade, raça, idade, profissão, etc, são exercidas simultaneamente pelas mesmas pessoas, nas mesmas ou em práticas sociais diferentes. A escolha de nossas múltiplas identidades independe de nossa vontade, sendo determinadas pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos. Assim, as identidades sociais são construídas no discurso, não estando nos indivíduos. Elas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais eles estão posicionados.

Moita Lopes (2006) aponta três traços característicos das identidades sociais: fragmentação, contradição e processo. A natureza fragmentada das identidades sociais se refere ao fato das pessoas não terem identidade social homogênea. Elas são complexas e gênero, raça, classe social, sexualidade, idade, etc, coexistem na mesma pessoa. Quanto à sua natureza contraditória, ela está ligada ao fato de que as identidades sociais vêm à tona na dependência de práticas discursivas específicas em que as pessoas estejam agindo ou posicionadas em um dado momento. Por fim, as identidades não são fixas e estão sempre em processo de construção e reconstrução ao tentarmos fazer os significados compreensíveis para o outro. É, portanto, por meio da participação em discursos diferentes é que aprendemos quem somos.

Ao proceder sua análise com relação à sexualidade, Moita Lopes (2006) a considera como algo dinâmico que não vai somente em uma direção a vida toda. Nós nos

posicionamos diferentemente em identidades sexuais diferentes, em períodos diferentes de nossas vidas e em práticas discursivas diferentes.

As características das identidades sociais apontadas por Moita Lopes (2006), podem ser identificadas nas personagens *gays* de ambas as novelas onde contradição e o processo de construção chamam mais atenção. O aspecto contraditório das identidades se manifesta a partir do posicionamento das personagens na trama, se considerarmos a personagem Júnior, em “América” percebemos tal fator de forma mais acentuada. Aos olhos dos habitantes da cidade de Boiadeiros, ele é o filho que toda mãe gostaria de ter, ou seja, bonito, casado, pai de família, bravo e destemido como seu pai um dia fora. Porém, no fundo ele possui uma identidade contrária daquela projetada pelo meio social; ele é uma pessoa sensível, *gay* e que sonha em se tornar um estilista famoso.

Com relação a identidade *gay*, estudos realizados por Pereira e Ayrosa (2007) apontam que os indivíduos passam por estágios ao longo da construção da identidade homossexual até chegar à “saída do armário”, estágio considerado crítico na vida do *gay*, no qual ele aprende sobre os valores e comportamentos da cultura *gay* e assume uma identidade homossexual para si e para os outros. Eles apontam os seguintes estágios associados ao rito de passagem de “saída do armário”:

- 1- sensibilização: o indivíduo se sente marginalizado e diferente dos demais;
- 2- confusão: a possível homossexualidade provoca conflitos internos no indivíduo e ele deixa para traz padrões heterossexuais de comportamento e assimila novos padrões ligados à cultura *gay*;
- 3- suposta identidade e compromisso: fase em que o indivíduo se revela homossexual, primeiramente em nível doméstico, e onde a homossexualidade é aceita por ele próprio e é legitimada socialmente. Neste estágio a identidade homossexual está relacionada a um modo de vida.

Algo que se faz notar nas novelas é o papel do grupo de amigos, que é fundamental para que os relacionamentos se tornem possíveis. Em “A Próxima Vítima” existe Irene, amiga de Sandrinho e Jefferson, que mesmo sem mencionar em momento algum o relacionamento entre os dois, mostra-se simpática a ele. Por outro lado, em “América”, além de Maria Elis, há Kerry, ex-namorada de Júnior que, após descobrir o relacionamento entre ele e Zeca, passa a acobertar o casal.

Segundo Goffman (1988) há pessoas compassivas, dispostas a adotar o ponto de vista e compartilhar o sentimento do estigmatizado, considerando-o uma pessoa normal. Uma característica marcante deste grupo de pessoas é tornar o rótulo social mais flexível. Ele usa o termo “informados”, que segundo ele foi tomado emprestado dos *gays*, para designar aquelas pessoas que são normais, mas que tomam parte na vida íntima dos estigmatizados e simpatizam com ela. Ele conclui que a manifestação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade. O papel dos normais e dos estigmatizados é parte do mesmo complexo, recortes do mesmo tecido. O estigmatizado e o normal são parte um do outro.

Trevisan (2007) usa o termo “simpatizante” para designar aquelas pessoas que tomam parte do mundo *gay* e que são consideradas normais e ele acredita que a criação do conceito GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) seja um avanço que permitiu um convívio mais pluralista nas sociedades democráticas modernas. O conceito permitiu a flexibilização de fronteiras e a expansão do gueto, possibilitando que um simpatizante freqüente um local GLS de forma tranqüila, desde que ele esteja disposto a aceitar as diferenças comportamentais. Trevisan ainda aponta o fato de que o termo pode ser usado para camuflar comportamentos sexuais, uma vez que muitos *gays* se escondem por traz do “S”.

Com relação à guetificação e à comunidade *gay* e seu papel no atual contexto

globalizado, Bauman (2003) acredita que o termo comunidade sugere uma coisa boa, sendo um lugar “cálido”, confortável e aconchegante. A comunidade representa o lugar onde os indivíduos se encontram a salvo dos perigos à espreita. Em uma comunidade, todos se entendem bem, podendo confiar no que ouvimos, estando seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desprotegidos ou desconcentrados. Ele conclui que este mundo não está ao nosso alcance, mas que é nele que gostaríamos de viver. Bauman destaca dois tipos de comunidades: a comunidade dos nossos sonhos e comunidade real. No primeiro tipo, exige-se uma lealdade incondicional e trata-se tudo aquilo que ficar aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição. Já o segundo tipo exige obediência em troca dos serviços prestados, sendo a segurança um deles.

Há um preço a ser pago pelo privilégio de se viver em comunidade. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada de autonomia, direito a auto-affirmação ou identidade. Assim, não ter comunidade significa não ter proteção e, por outro lado, alcançar a comunidade poderá significar a perda da liberdade. Bauman acredita que exista um entendimento compartilhado pela comunidade que, por ser muito natural, pode passar despercebido pelos seus membros. Ele cita Redfield que atribui três características básicas às comunidades onde não há motivação para reflexão, crítica ou experimentação:

- distintas de outros grupos humanos;
- pequena a ponto de estar à vista de todos os seus membros;
- auto-suficiente de modo que ofereça oportunidades e atenda às necessidades de seus membros.

A distinção está relacionada à divisão existente entre “nós” e “eles”, não havendo espaço para intermediários; a pequenez significa que a comunicação entre os membros é densa e alcança a todos; a auto-suficiência é um isolamento em relação a “eles” que é quase completo, as ocasiões para rompê-los são muito pequenas.

Para Bauman (2003), um golpe muito duro sofrido na naturalidade do entendimento comunitário foi o advento das tecnologias. A partir do momento em que a informação passou a viajar independentemente de seus portadores e numa velocidade além da capacidade dos meios mais avançados de transporte, a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não pôde mais ser estabelecida.

A respeito das tecnologias e seu papel na formação de comunidades e construção de identidades na atualidade, Figari (2007) aponta a Internet como um espaço privilegiado de encontro para novas tribos, estimulando a reflexão e o agrupamento. Segundo ele, seres isolados descobrem-se iguais e começam a construir-se definindo assim um tipo identitário.

Bauman (2003) cita Jock Young que acredita que as comunidades entraram em colapso para dar lugar às identidades. A identidade tem haver com ser diferente e, assim, a sua procura não deve deixar de dividir e separar. No entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais leva os construtores das identidades a buscar apoio em conjunto; o que ele chama de “comunidades cabides”.

Bauman ainda busca analisar o indivíduo enquanto sujeito global, dando o nome de “cosmopolitanismo global” ao estilo de vida que celebra a irrelevância do lugar, ou seja, indivíduos bem-sucedidos e extraterritoriais que não precisam de comunidades devido ao seu grau de individualismo. Ele cita Geoff Dench que acredita que um traço característico da comunidade é o de partilhar as vantagens entre seus membros, independentemente do talento ou importância deles; e este é ponto que fere a visão de indivíduo extraterritorial (aquele que não pertence à uma só nação) focado no individualismo.

Bauman (2003) também busca analisar as identidades que são construídas neste contexto global e para ele, assim como para Hall (2006), a identidade tornou-se um

questão de escolha e uma resolução, estando em construção permanente. A facilidade de desfazer-se de uma identidade no momento em que ela deixa de ser satisfatória, ou deixa de ser atraente pela competição com outras identidades mais sedutoras, é muito mais importante do que o “realismo” da identidade buscada ou momentaneamente apropriada. A comunidade que emerge neste contexto deve ser tão fácil de decompor, assim como ela é facilmente montada. Sua criação e desmantelamento devem ser determinados pelas escolhas feitas pelos seus componentes, suas decisões de firmar ou retirar o compromisso. Em nenhum caso o compromisso deverá ser irrevogável: o vínculo constituído pelas escolhas não deve jamais prejudicar escolhas adicionais.

Bauman (2003) se utiliza do termo “comunidade estética”, retirado de Kant, que é usado para nomear este tipo de comunidade onde os indivíduos podem entrar e sair sempre que quiserem: “ela tem que manter as entradas e saídas escancaradas.” (p.62). As comunidades estéticas possuem natureza superficial e transitória dos laços que surgem entre seus participantes. Tais comunidades jamais cobram de seus membros responsabilidades éticas e compromissos de longo prazo. Como exemplo deste tipo de comunidade ele cita os fãs que se unem em torno de seu ídolo.

Do conceito de comunidade Bauman (2003) passa ao conceito de gueto e ele usa como base Loïc Wacquant, que define gueto como sendo a combinação entre confinamento espacial e social. Há, ainda, a homogeneidade dos que nele estão inseridos que vai contra a heterogeneidade daqueles que estão de fora. Ele ainda distingue os guetos voluntários dos guetos reais e acredita que a diferença básica entre eles reside no fato dos primeiros terem a função de impedir a entrada de intrusos e os segundos de impedir a saída dos participantes.

Muitos traços apresentados por Bauman (2003) a cerca das comunidades no mundo globalizado podem ser aplicados ao papel da comunidade *gay* nos dias atuais.

Com o advento da Internet e outras tecnologias que permitiram a transmissão instantânea de informações, a comunidade *gay* passou a ser uma comunidade de caráter global onde diversos discursos se entrecruzam e buscam afirmação. A busca de identidade por parte de seus integrantes fez com que ela enfraquecesse e se fragmentasse, se aproximando do tipo de comunidade estética apontado por Bauman. Por outro lado, nota-se uma tendência a se acabar como o processo de guetificação, uma vez que o discurso *gay* aponta para além de suas fronteiras.

A constituição dos *gays* enquanto consumidores, aspectos discutidos mais adiante neste trabalho, os transformou em indivíduos com características extraterritoriais e cosmopolitas na busca de suas identidades. Fala-se muito em identidade *gay* e sua busca frenética acaba por escamotear os laços existentes entre os participantes daquela comunidade.

A representação *gay* nas novelas tem haver com este indivíduo na busca incessante de identidade, mostrando os *gays* como indivíduos desprovidos de comunidades ou guetos.

O capítulo seguinte se refere aos pressupostos teóricos básicos para a análise do corpus.

CAPÍTULO 2-Pressupostos teóricos

2.1-Gramática Sistêmico-Funcional (GSF)

Em meados dos anos 60, M.A.K. Halliday começou a desenvolver sua teoria com base em lingüistas como Firth e sociólogos como Bernstein. A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) se baseia na concepção sócio-semiótica de sistema de Firth, onde uma teoria sistêmica é uma teoria de escolhas em nível de significado. Sistema, neste caso, pode ser entendido como um conjunto de opções de significado inter-relacionados que servem de base para outros sistemas e subsistemas , formando uma rede de sistemas. Cada sistema da rede representa a realização de escolhas que o locutor pode fazer em diferentes níveis para a comunicação de significados. O produto final destas escolhas é o texto e é através da sua decodificação que se chega ao seu significado.

Na concepção da GSF é o uso que o falante faz da língua que modela o sistema lingüístico e, desta forma, o conceito de uso é importante para a teoria. Os elementos lingüísticos são analisados em produções textuais autênticas e descritos em termos da função que eles desempenham no sistema como um todo.

Ao considerarmos a língua enquanto sistema semiótico e o seu uso como um processo de construção de significado feito com base em escolhas, dá-se ao falante papel ativo na seleção dos elementos lingüísticos adequados a cada situação de comunicação.

Duas noções são cruciais para a GSF: contexto de cultura e contexto de situação. Para Halliday o contexto de cultura é mais amplo e abrangente do que o contexto de situação. Ele determina a natureza dos códigos produzidos em um dado espaço cultural e compartilhado pela mesma comunidade discursiva, o texto é produzido obedecendo a parâmetros definidos e enquadrado em um dado gênero que os falantes legitimam.

Já o contexto de situação diz respeito ao campo de ação imediato do evento

lingüístico, ou seja, aspectos lingüísticos e extralingüísticos, como os papéis sociais dos interlocutores. É no contexto situacional que Halliday destaca três variáveis: *campo*, *relação* e *modo*. O *campo* se relaciona ao que é dito, ou seja, o tópico da mensagem; a *relação* está ligada ao tipo de interação estabelecida entre os falantes; e o *modo* se relaciona com o a maneira que a língua está sendo usada na mensagem (escrita ou falada).

Os textos refletem, deste modo, as influências do contexto, na medida em que se considera as variáveis de campo, relações e modo. O contexto age de forma que delimita e influencia os dizeres; e a forma pela qual os textos são construídos nos permite deduzir o seu contexto de produção. Assim, os falantes são moldados por convenções institucionalizadas e ideológicas que determinam a sua produção.

As variáveis apresentadas acima estão relacionadas com as funções da linguagem que Halliday (1985,1994; Halliday e Matthiessen, 2004) apresenta da seguinte forma:

- 1- para falar de experiências do mundo (inclusive mentais), descrever eventos e estados em que estamos envolvidos (função Ideacional);
- 2- para interagir com outras pessoas, estabelecer e manter relações com eles, influenciar seu comportamento, expressar pontos de vista, elucidar e transformar as coisas (função Interpessoal);
- 3- para organizar as mensagens, encaixando umas com outras e indicar o contexto como um todo (função Textual).

O “ator” de processo é aquele que “faz” a ação acontecer e se considerarmos seu papel pelo viés da função Ideacional, podemos dizer que é como ele se refere aos elementos do mundo. Através da função Interpessoal iremos denominá-lo “sujeito” e verificar como ele negocia significados com seus ouvintes. Já na perspectiva Textual iremos analisar como o falante incluso no Tema irá organizar os vários grupos de

orações² na sentença.

Assim “João” assumirá diferentes posições na oração de acordo com a perspectiva de análise adotada:

<i>Função</i>	<i>João</i>	<i>trouxe</i>	<i>um presente para Ana.</i>
Ideacional	Ator	Processo	Meta
Interpessoal	Sujeito	Predicado	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Em todas as produções lingüísticas escritas ou faladas existe uma simultaneidade funcional, ou seja, as três funções ou metafunções estão presentes. A separação das três metafunções só se justifica por fins analíticos.

Para Thompson (2004) os fatores sócio-culturais influenciam ou determinam aquilo que é expresso através da língua. As coisas são ditas somente em determinados contextos e ele cita Halliday que dá o nome de “registro” à variação que ocorre de acordo com o uso, ou seja, usamos certas configurações lingüísticas em certos contextos.

Thompson ainda define gênero através da seguinte equação:

$$\text{Gênero} = \text{registro} + \text{propósito}$$

Metafunção Ideacional

Para Butt et al (1995) a língua constrói retratos da realidade abrangendo pessoas e lugares, assim como coisas concretas e abstratas, eventos e circunstâncias. A experiência humana pode ser agrupada em três categorias gerais (coisas, eventos e circunstâncias) que ocorrem juntas nas orações, cujo elemento principal é o Processo.

Butt et al (1995) apresentam o seguinte sistema para que se torne mais fácil a compreensão da metafunção Ideacional:

² Optei por usar o termo “oração” ao invés de “frase”, pois segundo a GSF o primeiro é mais abrangente do que o segundo, pois o sentido se encontra além dos limites da frase. Porém, dependendo do autor trabalhado e do sentido que ele busca dar ao sua análise conservo o termo “frase”.

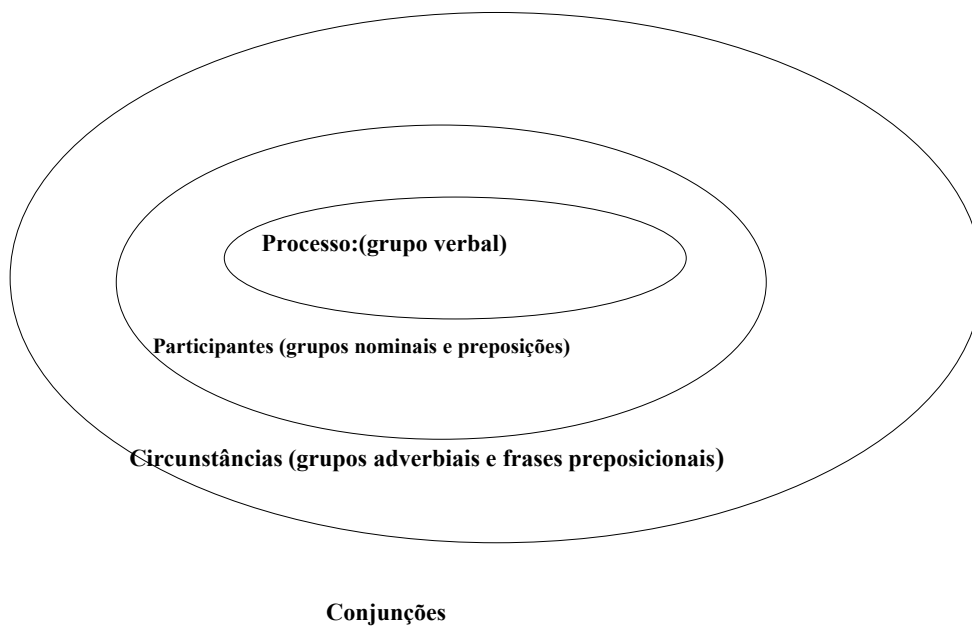


figura 2: “Sistema” Ideacional

O Processo, constituído pelos grupos verbais, se encontra no centro do sistema; os Participantes, onde estão englobados os grupos nominais e preposições, giram em torno dos Processos e interagem com eles graças aos papéis desenvolvidos pelos Participantes. As Circunstâncias da experiência humana (os porquês, quantos e entretantos) são representadas por grupos adverbiais, orações preposicionais e às vezes por grupos nominais exercendo a função de advérbios e elas giram em torno dos Participantes. Os grupos de conjunções se encontram na camada mais externa do sistema, exercendo a função de mecanismos que ajudam a juntar os vários sistemas (orações) em relações lógicas.

A oração poderá ser partida em três constituintes funcionais: Participantes, Processo e Circunstância. O Participante exerce papel de Ator, Agente, Meta, Portador e Dizente.

Os quadros a seguir exemplificam os três constituintes por eles apontados:

A loja	fecha	às 18 horas.
O sol	brilha	no horizonte.
PARTICIPANTE	PROCESSO	CIRCUNSTÂNCIA

O sol	brilha	no horizonte.
O ódio	é	uma paixão destrutiva.
PARTICIPANTE	PROCESSO	PARTICIPANTE

Eu	descasquei	a laranja	cuidadosamente.
PARTICIPANTE	PROCESSO	PARTICIPANTE	CIRCUNSTÂNCIA

Pare!
Corra!
PROCESSO

Algumas orações projetam outras orações e o Processo necessita de uma complementação como o Processo Verbal mostrado no exemplo abaixo.

Ela	disse	que o DVD estava quebrado.
O gerente	contou	para a equipe os planos da empresa.
PARTICIPANTE	PROCESSO	ORAÇÃO PROJECTADA

Butt et al (1995) divide os verbos ou Processos em três grupos: Processos que descrevem eventos e acontecimentos externos; Processos que descrevem pensamentos, sentimentos e dizeres; e Processos que ligam os Participantes a suas características.

Os Processos relacionados ao “fazer” podem ser agrupados ou subdivididos em:

1- Processos que contêm experiências do mundo externo e material e que se relacionam com “fazer e acontecer” como, por exemplo, chegar, quebrar, trabalhar, etc. Teremos, neste caso, os Processos Materiais;

2- Processos que expressam “comportamentos” e que se encontram situados entre os aspectos mentais e o “dizer” como, por exemplo: espirrar, assistir, cantar, respirar, sorrir, olhar, etc. Teremos os Processos Comportamentais. Para Halliday (2004) tais Processos podem ser identificados como manifestações internas que se exteriorizam, mas dependendo do contexto eles podem ser considerados como Processos Materiais ou Mentais.

Os Processos Projectantes podem ser agrupados da seguinte forma:

1- Processos que contêm experiências internas como curtir, lembrar, pensar, sentir, etc e que são chamados de Processos Mentais;

2- Processos ligados ao “contar” e “dizer” que externalizam o mundo interior. Tais Processos são denominados Verbais.

O último grupo de Processos pode ser subdividido em Processos Existenciais e Processos Relacionais. Os primeiros servem para indicar a existência de um Participante (é, era, eram, etc) e os segundos têm como função atribuir características a estes Participantes (ser, parecer, ter, tornar, sentir).

PROCESSO MATERIAL

Os Participantes assumirão papéis de Ator, Meta, Extensão e Beneficiário.

1	Joana	chegou.
	Ator	P. Material

2	Eles	comeram	tarde da noite.
	Ator	P. material	Circunstância

3	Téo	pegou.	a bola de golfe.
	Ator	P. Material	Meta

4	A bola de golfe	foi pega	por Téo.
	Ator	P. Material	Meta

5	A bola de golfe		foi pega.
	Meta		P. Material

6	Eu	postei	uma carta	para um amigo
	Ator	P. Material	Meta	Beneficiário

7	Eu	postei	para um amigo	uma carta.
	Ator	P. Material	Beneficiário	Meta

8	Ela	fez	algumas pesquisas.
	Ator	P. Material	Extensão

Nas orações 4 e 5, utiliza-se a voz passiva e percebe-se uma diminuição do valor do papel do Participante. Na oração 8, o Processo necessita da Extensão para que seu significado seja completado.

PROCESSO COMPORTAMENTAL

Os Participantes serão o Comportante e a Extensão.

A mulher	sorriu.
Comportante	P. Comportamental

O gato	dorme	na varanda.
Comportante	P. Comportamental	Circunstância

Felipe e João	assistiram	o filme.
Comportante	P. Comportamental	Extensão

O vulcão	adormecei.
Comportante	P. Comportamental

PROCESSO MENTAL

Os Participantes serão Experienciador e Fenômeno.

Ana	sabe	a resposta.
Experienciador	P. Mental	Fenômeno

Henry	quer	um sorvete.
Experienciador	P. Mental	Fenômeno

Eu	pensei:	“Ele é ridículo”.
Experienciador	P. Mental	Oração Projectada

PROCESSO VERBAL

Os Participantes serão Dizente, Receptor, Alvo e Verbiagem.

Ela	disse	que ia atuar.
Dizente	P. Verbal	Verbiagem

Ele	disse:	“Estou cansado”.
Dizente	P. Verbal	Oração Projectada

Isabel	contou	o segredo	à sua melhor amiga.
Dizente	P. Verbal	Verbiagem	Receptor

Marco Antonio	elogiava	Júlio César.
Dizente	P .Verbal	Alvo

PROCESSO EXISTENCIAL

O Participante será o Existente.

Há	um cheiro estranho na sala.
P. Existencial	Existente

PROCESSO RELACIONAL

Ele relaciona o Participante, neste caso o Portador, ao seu Atributo. Podemos identificar dois tipos de Processos Relacionais: Atributivo e Identificativo.

O escritório	é	luxuoso.
Portador	P. Relacional	Atributo

Seu escritório	é	à esquerda.
Portador	P. Relacional	Identificador

Podemos, também, atribuir outra função ao Processo Relacional que está relacionada com a identificação de uma função e, neste caso, teremos como Participante, a Característica e o Valor.

João	é	um líder.
Portador	P. Rel. Atributivo	Atributo

João	é	o líder.
Portador	P. Rel. identificativo	Valor

A sala à direita	é	seu escritório.
Característica	P. Rel. Identificativo	Valor

Seu escritório	é	A sala à direita.
Valor	P. Rel. Identificativo	Característica

Há, ainda, o Relacional Atributivo Circunstancial e o Relacional Atributivo

Possessivo:

Maria	tem	um cachorro bonito.
Portador	P.Rel.Atributivo Possessivo	Atributo Possuído

Aquele carro	pertence	a Bruno.
Valor Possuído	P.Rel.Identificativo.Possessivo	Característica

Com relação à metafunção Ideacional, Thompson (2004) acredita que, assim como usamos a língua para interagir com o outro, nós a usamos para falar do mundo, seja ele externo (coisas, eventos, qualidades) ou interno (pensamentos, crenças, sentimentos). Ao direcionarmos este olhar sobre a língua estamos focando o conteúdo da mensagem ao invés do propósito que levou o falante a confeccioná-la. Na perspectiva ideacional, a língua comporta uma série de recursos que se referem à entidades do mundo e a maneira pela qual elas agem ou se relacionam umas com as outras.

Thompson identifica grupos verbais que indicam ações físicas (seguir, esperar, ligar, deixar, andar, etc); verbos que expressam sentimentos e percepções (sentir, ver, ouvir, etc); verbos de fala (dizer); verbos que expressam experiências internas (decidir, pensar, etc); e o verbo ser (é, era).

Desta forma, Thompson sintetiza os Processos no seguinte quadro:

<i>Tipo de processo</i>	<i>Significado</i>	<i>Participantes</i>
P. Material	fazer/acontecer	Ator/Meta/Beneficiário
P. Mental	sentir/perceber/pensar/querer	Experienciador/ Fenômeno
P. Relacional	ser/estar	Portador/Atributo
P. Verbal	dizer	Dizente/Recebedor/ Verbiagem/Alvo
P. Comportamental	comportar	Comportante/ Circunstância
P. Existencial	existir	Existente

Quadro 3: Os Processos

Metafunção Interpessoal

Para Butt et al (1995) os significados interpessoais cobrem duas áreas principais: a primeira está relacionada com dar e receber informações e a segunda com o posicionamento dos falantes com relação à suas mensagens.

Dar e receber informações são significados a nível semântico que, a nível lexicogramatical, são entendidos como fazer perguntas ou afirmações.

Pedir informação: São quantos quilômetros até Belo Horizonte?

Dar informação: Cerca de 20 quilômetros.

Pedir informação: eu consigo chegar lá por volta de 19 horas?

Dar Informação: Sim, talvez mais cedo.

Em contraste com o uso da língua para troca de informações, ela é usada para nos oferecermos a fazer determinadas coisas ou pedirmos que alguém mais as faça. Demandar bens e serviços são significados no nível semântico que a nível lexicogramatical são entendidos como dar ordens e instruções. Certos contextos onde poder e conhecimento são distribuídos motivam ordens ou instruções.

No exemplo a seguir, recebe-se instruções de como chegar a um determinado local.

Chegar ao Parque Municipal é simples: desça a Avenida Afonso Pena direto em direção ao Palácio das Artes. Passe pelo Palácio das Artes e, à sua direita você irá avistar o parque. Ele fica aberto de Terça a Domingo e a visitação é gratuita. Lá você encontrará uma área verde no coração da avenida mais movimentada da cidade.

Para o significado Interpessoal a relação entre as funções gramaticais é crucial. Duas funções têm maior peso neste contexto: o Sujeito e o Finito. Eles, combinados em uma oração, formam o MOOD ou Modo Oracional. A ordem do Sujeito e do Finito na oração é um sinal do tipo de troca que está sendo estabelecida entre eles.

O Finito

O Finito ou grupo verbal é constituído por uma ou mais palavras onde o Evento é a parte mais importante deste grupo. O Finito representa o foco de expressão do significado interpessoal. Ele é a parte do grupo verbal que contém o tempo ou a opinião do falante. Desta forma, ele tem dois papéis: apontar o tempo em relação ao falante, sua fala e seus ouvintes ou sinalizar a opinião do falante.

ex. 1- Os três gatinhos comeram a torta.

2- A paciente não podia comer doces.

3- Os porcos não eram sacrificados.

4- Por que eles não estão trabalhando ?

5- Você irá precisar de ovos e farinha de trigo.

Nas orações foram marcados os grupos verbais e nos exemplos 1 e 3 o tempo verbal é o passado; na oração 4 “estavam” é primeira palavra do grupo verbal e sinaliza o presente; a oração 5 sinaliza um evento futuro. Já na oração 2 , há uma espécie de moderação a cerca do que está sendo dito sobre a paciente, então a questão não é simplesmente o que ela fez, mas o que ela poderia ou não fazer. Desta forma, o Finito está relacionado com a opinião do falante ao invés do tempo e, neste caso, encontramos um Finito Modal. A oração 3 é negativa e nos deparamos com a Polaridade, ou seja, todas as orações, a menos que elas sejam marcadas, possuem uma Polaridade negativa e uma positiva.

ex. Os porcos não eram sacrificados.(polaridade negativa)

Os porcos eram sacrificados.(polaridade positiva)

Se o grupo verbal contiver mais que uma palavra, o Finito será a primeira palavra do grupo verbal, mas se ele contiver apenas uma palavra, ela servirá como Finito e Predicador ao mesmo tempo.

Os três gatinhos	comeram	a torta.
	Finito passado + Predicador	

A paciente	não podia comer	doces.
	Finito modal + Predicador	

Os porcos	não eram sacrificados	
	Finito passado + Predicador	

Por que eles	não estão trabalhando?	
	Finito presente + Predicador	

Você	irá precisar	de ovos e farinha de trigo.
	Finito futuro + Predicador	

O Sujeito e a Relação Sujeito-Finito

O grupo nominal que interage mais diretamente com o Finito é o Sujeito e tal relação é fundamental, sendo que, às vezes, ela poderá ser vista como o efeito do Sujeito sobre o Finito.

Eles	estavam caminhando	depressa demais.
Sujeito	Finito passado + Predicador	

Há uma relação tão forte entre Sujeito e Finito que eles podem ser agrupados em um só grupo chamado de MOOD BLOCK, deixando o Predicador e o resto da oração como Resíduo.

Eles	estavam caminhando	depressa demais.
Sujeito	Finito passado + Predicador	Complemento
MOOD BLOCK		RESÍDUO

O MOOD (Modo) ou MOOD BLOCK é o nome dado ao Sujeito, Finito e a Polaridade. O Mood Tag poderá ser construído e ele nos permitirá “retornar” à mensagem principal, separando o Sujeito e o Finito.

Ele	tinha nadado	lá,	não tinha ?
Sujeito	Finito passado+predicador	Adjunto	
MOOD BLOCK		RESÍDUO	MOOD TAG

Para troca de informações, o Sujeito e o Finito estão presentes e podem ser facilmente recuperados a partir do texto precedente. A ordem do Sujeito e do Finito no Mood Block mostra se a informação está sendo dada ou recebida.

Dando Informações – modo declarativo

Na cena final,	Eurípedes	mostra	isto
Adjunto	Sujeito	Finito presente+ Predicador	Complemento
RESÍ-	MOOD BLOCK		DUO

No exemplo dado acima “isto”, caracterizado como um Complemento, poderá ser recuperado a partir de um texto ou contexto precedente.

Para pedir informações os falantes, geralmente, utilizam formas interrogativas.

Pedindo Informações – modo interrogativo

Andrea	joga	futebol?
Sujeito	Finito presente + Predicador	Complemento

	Posso entrar	agora?
Sujeito oculto	Finito modal + Predicador	Complemento

Quem	pegou	minha caneta vermelha?
Sujeito	Finito passado + Predicador	Complemento

Onde	meu cachorro	foi?
Adjunto	Sujeito	Finito passado+predicador

Quando	eles	chegarão?
Adjunto	Sujeito	Finito futuro+predicador

Para demandar bens e serviços, os falantes podem dar ordens ou comandos. Aparentemente não há Sujeito ou Finito. Tais configurações são denominadas de Modo

Imperativo.

Jogue	futebol.
Limpe	a casa.
Predicador	Complemento
Resíduo	

A respeito do uso de modalizadores, Eggins (1994) afirma que partir de uma oração declarativa pode-se dizer se o locutor tem ou não dúvida quanto ao seu enunciado como, por exemplo: 1- João é o professor; 2- João pode ser o professor. Na oração 1 há certeza por parte do locutor; já na oração 2 o locutor se coloca mais distante da verdade expressa na proposição e manifesta incerteza quanto ao fato relatado. Tal afastamento expressa um não comprometimento do falante com relação à verdade contida em seu enunciado.

Halliday (1994;2004) identifica quatro tipos de modalidade: a probabilidade, a habitualidade, a obrigação e a inclinação. A probabilidade tem haver com o grau de certeza que um evento pode ocorrer e a habitualidade se relaciona com a frequência que algo acontece. Ele aponta graus de probabilidade (possível, provável, certo) e graus de habitualidade (às vezes, normalmente, sempre). Quando a modalidade está associada a obrigações e inclinações Halliday a chama de **modulação**.

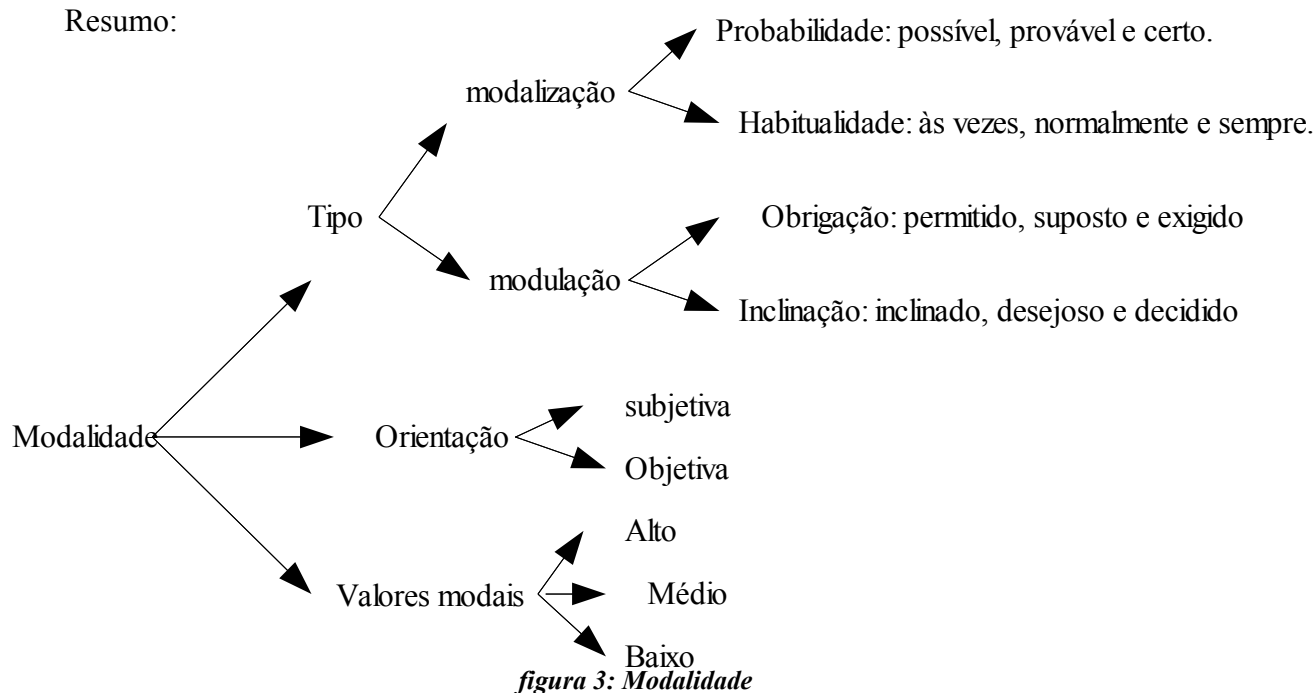
A modulação está associada ao grau de confiança do locutor no eventual sucesso da troca. Com relação a dar ordens, ela está relacionada com a obrigação de seu cumprimento; nas ofertas, ela se refere à inclinação em aceitá-las ou recusá-las. Numa ordem do menor ao maior, a escala de obrigação está assim configurada: permitido, supostos e exigido; já na escala de inclinação teremos: inclinado, desejoso e decidido.

Assim, a modalização envolve diversos graus ou escalas. O locutor pode demonstrar maior ou menor grau de certeza com relação à validade de uma proposição,

ou pode exercer maior ou menor grau de pressão para que uma ordem seja cumprida. Encontramos os níveis de valores modais (alto, médio, baixo) que estão relacionados com o grau de comprometimento do locutor em relação ao seu enunciado.

Halliday ainda acredita que em qualquer evento discursivo, o locutor pode optar por exprimir claramente sua postura com relação ao que ele está dizendo ou objetivá-la. Encontramos então as modalidades subjetiva (ex. Eu estou certo que isto é verdade.) e objetiva (ex. Certamente é verdade.). O estudo da modalidade nos permite perceber métodos a que os locutores recorrem para amenizar ou mascarar o seu comprometimento no evento discursivo.

Resumo:



A cerca da modalização, Thompson (2004) destaca que o uso de modalizadores em histórias indica que estamos vendo os eventos não sob o ponto de vista de um narrador onisciente, mas como uma personagem dentro da história. Desta forma teremos um ângulo de visão menos restrito dos fatos, abrindo uma gama de possibilidades para o leitor.

Segundo Hodge e Kress (1988) na comunicação do dia a dia percebe-se o peso que é colocado em determinadas palavras. Palavras como “pode” ou “poderia” são os modalizadores lingüísticos. A modalização aponta para a construção ou contestação de sistemas de conhecimento, ela fornece um componente crucial para ao processo complexo que visa estabelecer os sistemas hegemônicos. Os marcadores de modalidade incluem suposições a cerca de produtos, mensagens e sobre disponibilidade de representações da realidade.

FUNÇÃO TEXTUAL

A Função Textual tem como função organizar os significados experienciais e interpessoais de maneira linear e como um todo coerente.

FUNÇÃO	O leão	abateu	o unicórnio	próximo à cidade.
Ideacional	Ator	Proc. Material	Meta	Circunstância
Interpessoal	Sujeito	finito+predicador	Complemento	Adjunto
	MOOD BLOCK		RESÍDUO	

FUNÇÃO	Próximo à cidade	o leão	abateu	o unicórnio.
Ideacional	Circunstância	Ator	Proc. Material	Meta
Interpessoal	Adjunto	Sujeito	finito+predic.	Complemento
	RESÍ-	MOOD BLOCK		DUO

FUNÇÃO	Pelo leão	o unicórnio	foi abatido	próximo à cidade.
Ideacional	Agente	Meta	Proc. Material	Circunstância
Interpessoal	Adjunto	Sujeito	finito+predic	Complemento
	RESÍ-	MOOD BLOCK		DUO

FUNÇÃO	O unicórnio	foi abatido	próximo à cidade	pelo leão.
Exeperiencial	Meta	Proc. Material	Circunstância	Ator / Agente
Ideacional	Sujeito	finito+predic	Adjunto	Adjunto
	MOOD BLOCK		RESÍDUO	

Cada oração foi resultado de um processo de escolhas. Todas elas são válidas e sendo assim podemos dizer que oração 1 é sobre o leão; oração 2 é parte de uma conversa onde várias ações sucessivas ocorreram; oração 3 é sobre o direcionamento ou agência da ação e a oração 4 é sobre o unicórnio. Em língua inglesa o que vem primeiro na oração, geralmente, sinaliza para a audiência o tópico da mensagem e sendo assim, o significado textual estará na primeira posição. O primeiro elemento será o TEMA e o restante da oração o REMA. Para Halliday (1994;38) o Tema é aquilo com que a mensagem se preocupa; o ponto de partida para aquilo que o falante irá dizer.

TEMA	REMA
O leão	abateu o unicórnio próximo à cidade.
Próximo à cidade	o leão abateu o unicórnio.
Pelo leão	o unicórnio foi abatido.
O unicórnio	foi abatido pelo leão.

A divisão entre Tema e Rema em orações finitas sempre ocorre no final do primeiro grupo ou oração relevante para a função experiencial e significado. O primeiro elemento poderá ser um Participante, Processo e Circunstância. Este é o local onde as experiências começam em uma oração e ele é chamado de Tema Tópico.

Tema tópico	Rema
O homem na esquina	sumiu num piscar de olhos.
O leão	lutava pela sobrevivência.
Meus pais	moravam no interior.

Com frequência o primeiro elemento da oração poderá ser uma Circunstância (oração adverbial ou oração preposicional)

No primeiro dia do ano, as lojas ficam fechadas.

No domingo de manhã, eu os vi andando na rua.

Tema Textual

Com frequência os significados experienciais podem ser transmitidos por meio de um grupo ou oração cuja função é conectar a mensagem a uma outra mensagem ou a um texto anterior. Nestes casos, as conjunções ocorrem no início e, quando isto acontece, elas são consideradas temáticas. Chamamos de Temas Textuais tais ocorrências para que elas sejam diferenciadas dos Temas Tópicos.

Tema Textual	Tema Tópico	Rema
E	Jill	apareceu não janela.
Mas	ele	nunca saberá a verdade.
Portanto	aquela	era melhor alternativa.

Tema Interpessoal

Quando queremos indicar o tipo de interação entre os falantes ou as posições de cada um, as orações se iniciam com Temas Interpessoais, ou seja, orações ou palavras interrogativas que são usadas para pedir informações, vocativos, adjuntos de modo, etc.

Tema Interpessoal	Tema Tópico	Rema
Podemos	(nós)	ficar para o jantar?
Jennifer,	venha	cá.
Poderia	nosso time	bater os favoritos?

Marcados e não marcados e sua relação com o Tema.

Quando encontramos Temas marcados procuramos entender o propósito por traz do uso do falante, pois tal propósito poderá estar ligado à busca do reconhecimento de um determinado grupo ou à construção de um texto que seja mais fácil de ser seguido. Para Temas não marcados teremos o Ator (Dizente, Portador, Identificador, Comportante) Sujeito e Tema em um mesmo grupo nominal.

Função	O cãozinho	latiu.
Experiencial	Ator	
Interpessoal	Sujeito	
Textual	Tema	

Quando a Meta estiver inclusa no mesmo grupo nominal que o Sujeito e o Tema, ele se torna mais marcado.

função	O porco	foi comido.
Experiencial	Meta	
Interpessoal	Sujeito	
Textual	Tema	

Quando o primeiro grupo da oração for uma Circunstância o Tema será ainda mais marcado.

Função	Próximo ao local do acidente,	o ladrão foi visto.
Experiencial	Circunstância	
Interpessoal	Adjunto	
Textual	Tema	

Se o primeiro grupo for um Complemento, o Tema será extremamente marcado.

Função	Feliz	é o homem cuja sorte anda solta.
Experiencial	Atributo	
Interpessoal	Complemento	
Textual	Tema	

Modo Interrogativo (pedindo informações)

Quando se espera do falante uma resposta negativa ou afirmativa a oração, não marcada, tem caráter interpessoal e segue o padrão onde o Ator, Sujeito e Tema Tópico fazem parte do mesmo grupo nominal.

função	Você	está indo	para São Paulo?
Experiencial	Ator		
Interpessoal	Sujeito		
Textual	Tema tópico		

Quando se pede uma informação específica a partir de perguntas com Onde, O que, Quando, etc. ocorrerá um Tema não marcado e haverá a fusão de significados experienciais e interpessoais.

Função	Quem	vai lá ?
Experiencial	Ator	
Interpessoal	Sujeito	
Textual	Temas Interpessoal e Tópico	

Em orações onde a Circunstância precede o Finito ela tomará o lugar do Tema.

Função	Na primavera,	nós	devemos ir caçar ?
Experiencial	Circunstância	Ator	
Interpessoal		Sujeito	
Textual	Tema marcado		

No caso do Imperativo os Temas não são marcados.

Função	Feche	a porta.
Experiencial	Proc. Material	
Interpessoal	Predicador	
Textual	Tema	

Porém, qualquer variação no modo imperativo tornará o Tema mais marcado.

Função	Você,	arrume seu quarto!
Experiencial	Ator	
Interpessoal	Sujeito	
Textual	Tema marcado	

Função	Por nenhum motivo	abra aquela porta.
Experiencial	Circunstância	
Interpessoal	Adjunto	
Textual	Tema marcado	

Orações mais complexas

Tema	Rema
Quando ela chegou lá,	o armário estava arrombado.

O Tema irá sinalizar o ponto de partida do autor da oração ou oração tópico. Se o Tema é o ponto de partida, o Rema será o destino. Desta forma, a parte mais importante da oração estará no Rema.

Dando novas informações

Há uma relação entre Tema/Rema e Dado/Novo. Os falantes dividem seus textos em unidades de informação e cada uma apresenta mudanças e variações capazes de sinalizar o que é Novo e excitante. O restante será o Dado. Cada falante irá selecionar o elemento que ele julgar como sendo informação Nova nas orações. Os falantes escolhem seus Temas e as informações que eles julgam como sendo novas para guiar o público através dos textos e tal escolha influencia na organização dos significados experienciais e interpessoais. Uma das razões de se escolher a voz passiva seria colocar o Ator, Sujeito ou Tema com sendo o Novo na informação.

O cachorro	mordeu	o menino.
Ator	Proc. Material	Meta
Sujeito	finito+predicador	Complemento
Tema	Rema	
DADO	NOVO	

Na Voz Passiva onde o Sujeito é posto em destaque e ao considerarmos a relação Tema/Dado e Rema/Novo, ele sumirá a posição de Novo na oração.

O menino	foi mordido	pelo cachorro.
Meta	Proc. Material	Ator
Complemento	finito+predicador	Sujeito
TEMA-DADO	REMA – NOVO	

2.2- A análise crítica do discurso (ACD)

Ao analisar o discurso e as relações de poder que através dele são estabelecidas, Foucault (1976) define “poder” como sendo uma multiplicidade de forças que atuam na sociedade e que constituem sua própria organização; como um processo que passa por lutas e confrontos incessantes, transformações, fortalecimentos ou revestimentos. Tais forças encontram suporte umas nas outras, formando um sistema ou entram em atrito e se isolam umas das outras. As estratégias que tais forças usam para surtir efeitos são representadas pelo aparato do Estado, na formulação das leis e nas várias hegemonias sociais. O poder está em toda parte, não porque ele é capaz de abraçar tudo, mas porque ele vem de todas as partes. Ele não é uma instituição, uma estrutura; mas o nome que se dá a uma complexa situação estratégica em uma dada sociedade.

As relações de poder não estão em posição de exterioridade em relação aos outros tipos de relação; elas são efeitos imediatos de divisões e desequilíbrios. Porém, Foucault lembra que onde há poder, há resistência e que esta resistência nunca está em posição de exterioridade em relação ao poder. Os pontos de resistência estão presentes em todos os pontos da rede, existindo uma pluralidade de resistências e cada uma delas se aplica a um caso específico: resistências possíveis, necessárias, solitárias, improváveis, violentas, etc.

Porém, é no discurso que poder, conhecimento e resistência se encontram. Segundo Foucault (2007), o discurso representa um corpo de conhecimentos e seu conceito se afasta de algo relacionado à língua (no sentido gramatical, por exemplo) e se aproxima do conceito de disciplina no sentido de matérias escolares e de instituições disciplinares. As sentenças e as regras que governam o discurso não são puramente lingüísticas, mas sim ligadas a funções sócio-históricas.

Foucault (2007) argumenta que um discurso é identificado pela existência de

critérios de formação, transformação e correlação. As regras de formação são as condições que tornam possíveis os objetos e conceitos de um discurso. As regras de transformação são os limites de sua capacidade de se auto-modificar, a fresta através da qual são trazidas as inovações. E, por fim, as regras de correlação que representam as relações de um determinado discurso com outros, em um determinado tempo e contexto não-discursivo em que ele se encontra. As posições de uma hierarquia discursiva podem se alterar e um discurso pode passar a exercer certa supremacia sobre os demais.

Foucault (2007) conclui que nunca devemos imaginar o mundo discursivo dividido entre discursos aceitáveis e excluídos ou entre discursos dominantes e dominados; mas como uma multiplicidade de elementos discursivos que entram em ação segundo diferentes estratégias. Assim, o discurso é um instrumento e um efeito do poder, mas também um ponto de resistência. Ele cita como exemplo o chamado “grande pecado contra a natureza”. O extremo segredo dos textos que lidavam com a sodomia e uma reticência universal em se falar sobre o tema, tornaram possíveis uma extrema severidade (punições na fogueira, por exemplo), mas por outro lado uma tolerância se espalhou, principalmente entre os homens da corte e dos exércitos. Sem dúvida que o surgimento, no século XIX, de discursos psiquiátricos, judiciais e literários sobre a homossexualidade, pederastia, inversões, etc, tornaram possíveis um grande controle social contra a perversidade, mas proporcionaram o surgimento dos discursos inversos: a homossexualidade começou a falar por si própria, a demandar a sua naturalidade e fazia uso das mesmas categorias discursivas que a desqualificava. Assim, não há um discurso de poder e um discurso que se opõe a ele, mas pode haver diferentes e até contraditórios discursos dentro de uma mesma estratégia.

Para Norman Fairclough (1994) conceituar “discurso” é uma tarefa bastante complexa por haver tantas definições conflitantes formuladas por diferentes áreas.

Segundo ele, é mais comum, em lingüística, o “discurso” se referir à linguagem escrita ou falada. O discurso enfatiza a interação entre o falante e o ouvinte; ou entre escritor e leitor e, sendo assim, um processo de produção, interpretação e uso da língua em determinados contextos situacionais. Outro ponto importante na concepção de Fairclough e da Análise Crítica do Discurso (ACD) é o foco dado na mudança histórica, ou seja, como os diferentes discursos são combinados sob condições sociais particulares para formar um novo e complexo discurso.

Fairclough (1994) busca analisar o discurso frente às mudanças que têm ocorrido no mercado de consumo globalizado e, conseqüentemente, nas diferentes áreas da vida social. Tais mudanças afetam as relações sociais e as identidades das pessoas e parte delas consiste em mudanças nas práticas discursivas, ou seja, no uso da língua e como ele tem assumido grande importância como um meio de produção e controle social. Assim, na concepção de Fairclough, estamos testemunhando um “tecnologização” do discurso, onde as tecnologias discursivas estão sendo sistematicamente aplicadas em uma série de organizações por pessoas que pesquisam, redesenham e fornecem treinamento nas práticas discursivas. Práticas discursivas, que tradicionalmente pertenciam à esfera particular, estão sendo sistematicamente simuladas dentro de organizações.

Os eixos da análise das práticas discursivas de Fairclough são os conceitos de ideologia e hegemonia. Ele conceitua hegemonia³ como:

- uma liderança que exerce poder em vários domínios da sociedade (econômico, político, cultural e ideológico);
- uma manifestação do poder de uma classe economicamente definida em aliança com as outras forças sociais que atuam sobre a sociedade como um todo. O domínio total

³ Althusser, primeiramente, usou o termo *superdeterminação* para tratar de hegemonia; em seguida Gramsci o aparefeiçou e usou para designar algum tipo de dominação.

nunca é alcançado, sendo parcial, temporário e instável;

- construção de alianças e integração através de concessões;
- foco de luta constante entre as classes com fins de construir, manter ou romper alianças e relações de dominação e subordinação.

As lutas hegemônicas ocorrem em setores como a educação, negócios, família, etc. Ele acredita que a hegemonia ofereça um modelo e uma matriz. Ela é um modelo na educação, por exemplo, onde os grupos dominantes parecem exercer poder através de alianças, integrando os grupos subordinados ao invés de dominá-los, ganhando seu consentimento e alcançando um precioso equilíbrio que pode ser minado por outros grupos por meios discursivos. Ela é uma matriz, pois alcançar a hegemonia a nível social requer um grau de integração de instituições locais e relações de poder, sendo as últimas moldadas pelas relações hegemônicas.

A ideologia⁴, a partir desta visão de hegemonia, é uma concepção do mundo que está implicitamente manifesta em áreas como a arte, o direito, economia ou na transformação da ordem do discurso e das relações sociais e assimétricas existentes.

Fairclough (1994) entende a ideologia como sendo construções da realidade que estão presentes em várias dimensões e formas nas práticas discursivas. As ideologias se tornam mais efetivas quando são naturalizadas e atingem o *status* de senso comum, porém tal estabilidade não é definitiva devido às lutas para remodelar as práticas discursivas e as ideologias nelas contida. As práticas discursivas são ideologicamente revestidas porque elas incorporam significados que contribuem para a manutenção ou reestruturação das relações de poder. As relações de poder podem, desta forma, ser afetadas por práticas discursivas de qualquer tipo. As ideologias surgem em sociedades caracterizadas por relações de dominação baseadas em classes, gêneros, culturas , etc e

⁴Termo usado por Althusser ao relacionar o marxismo com a psicanálise e que, para ele, era uma relação imaginária, transformada em prática, reproduzindo as relações de produção vigentes.

quando os indivíduos são capazes de transcender tais sociedades; eles são capazes de transcender a ideologia.

Fairclough (1994) acredita que um dos maiores problemas relacionados às teorias lingüísticas está no fato do sistema lingüístico ser tratado como algo autônomo e independente do uso da língua. Ele busca auxílio em Halliday (1973) que afirma que “A língua é o que é por causa de sua função na estrutura social” e argumenta que a língua que as pessoas têm acesso depende de sua posição no sistema social. Ele recorre a Halliday, também, ao considerar a gramática como um sistema de escolhas de onde os falantes fazem sua seleção de acordo com as circunstâncias sociais. Fairclough cita Fowler (1979) que acredita que a língua contenha visões particulares do mundo e os textos contêm ideologias ou teorias. Sendo assim, o objetivo de sua análise é a interpretação crítica de textos através da recuperação do significado social expresso no discurso através da análise das estruturas lingüísticas à luz dos contextos interacionais e sociais. Desta forma, as análises de Fairclough e os princípios da ACD estão estreitamente relacionados às teorias de Halliday e à Gramática Sistêmico-Funcional, já apresentadas anteriormente neste trabalho.

A lingüística crítica se diferencia das demais teorias por direcionar sua atenção para a gramática e o vocabulário dos textos. Há muitas referências à “transitividade”, ou seja, o aspecto gramatical de uma sentença que se relaciona com a função ideacional (representações do mundo) ou interpessoal (foco nas relações estabelecidas), também já detalhadas anteriormente neste trabalho.

Fairclough (1994) cita Fowler que acredita que valores são atribuídos a determinadas estruturas (como uso da voz passiva) de forma mecânica, mas os textos se abrem a diferentes interpretações dependendo do contexto e do leitor, o que significa que o significado social (incluindo as ideologias) do discurso não pode ser extraído do texto

sem se levar em consideração padrões e variações na distribuição, consumo e interpretação do mesmo. O processo de interpretação é um processo ativo onde o significado extraído depende dos recursos empregados e da posição social do leitor.

Michel Pêcheux apud Fairclough (1994) desenvolveu um método crítico para análise do discurso que tentava combinar a teoria social do discurso com um método de análise de textos que visava analisar principalmente discursos políticos escritos. Segundo ele, a ideologia está longe de ser apenas um conjunto de idéias sem corpo, mas ela pode ocorrer de formas materializadas. A ideologia trabalha na construção de pessoas enquanto sujeitos sociais, fixando-os em posições e, ao mesmo tempo, dando a eles a ilusão de serem agentes livres. A contribuição de Pêcheux foi ter desenvolvido a idéia de língua como uma importante forma material de ideologia. Ele usa o termo “discurso” para destacar a natureza ideológica da língua e sugere que cada posição social incorpora uma “formação discursiva” e que a formação ideológica determina o que pode ou poderia ser dito. As palavras mudam seu significado de acordo com as posições daqueles que as usam.

Duas formações discursivas diferentes podem ter palavras e expressões em comum, a relação entre estas palavras e expressões irá diferenciar nos dois casos e seu significado, também, irá diferenciar uma vez que é o relacionamento entre elas que irá determiná-lo. Pêcheux ainda acredita que as formações discursivas são formações sócio-históricas que, em seus pontos de estabilização, sejam capazes de produzir sujeitos e, simultaneamente, aquilo que ele pode ver, entender, fazer, temer e esperar. Tais formações se posicionam dentro de complexas relações com outras formações discursivas, construindo o interdiscurso e o significado específico de uma dada formação discursiva é dado “de fora”, pela relação com as outras através do interdiscurso. No entanto, esta determinação externa das formações discursivas é algo que os sujeitos não

estão cientes e tendem a se colocar como fonte de significado de um dada formação discursiva, quanto eles são apenas seu efeito.

Já a visão Fairclough (1994) a cerca do discurso e das relações de poder que através dele se estabelecem é de natureza mais lingüística e ele usa a palavra discurso de forma mais restrita do que os cientistas sociais e limita o termo ao uso falado ou escrito da língua. Porém, ele considera tal uso uma prática social, ao invés de uma atividade puramente individual. Isto gera duas implicações: em primeiro lugar, o discurso é visto como uma forma de ação sobre o mundo e; em segundo lugar, isto faz com que exista uma relação dialética entre discurso e estrutura social. Se por um lado o discurso é moldado e limitado pela estrutura social no mais amplo sentido e em todos os níveis, através de sistemas de classificação, normas e convenções de natureza discursiva e não discursiva; por outro lado, ele é constituinte de todas as dimensões da estrutura social que ele, direta ou indiretamente, molda e limita.

Fairclough (1994) distingue três aspectos do efeito constitutivo do discurso. Em primeiro lugar ele contribui para a construção das identidades sociais e para o posicionamento do sujeito. Em segundo lugar, ele serve para construir as relações entre pessoas e, por último, ele contribui para a construção de conhecimentos e crenças. Estes três efeitos do discurso correspondem respectivamente ao que Fairclough chama de funções da língua que, por sua vez, coexistem e interagem em qualquer discurso:

- 1- função identitária que contribui para a construção ativa da auto-identidade e identidades coletivas;
- 2- função relacional que tem haver com a forma pela qual as relações entre os participantes são negociadas;
- 3- função ideacional que expressa a relação entre o texto e mundo.

A prática discursiva é constitutiva de forma convencional ou criativa: ela

contribui para a reprodução social (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças), mas ela, também, contribui para a transformação social. Para Fairclough, a constituição discursiva da sociedade não emana de idéias livres, mas de práticas sociais firmemente enraizadas e orientadas pela realidade. O discurso representa uma mistura de práticas políticas e ideológicas. Enquanto prática política ele estabelece, sustenta e muda as relações de poder e enquanto prática ideológica constitui, naturaliza, sustenta e muda os significados do mundo de diversas posições nas relações de poder. As práticas políticas e ideológicas não são independentes uma da outra. Por ideologia, entendem-se relações de poder e de luta pelo poder e o discurso enquanto prática política não é apenas um sítio de lutas pelo poder, mas uma afirmação de tais lutas. As práticas discursivas se apóiam sobre convenções que naturalizam relações particulares de poder e ideologias, tais convenções por si somente e pela forma pela qual são articuladas, são um foco de luta.

Fairclough (1994) apresenta a sua concepção tridimensional do discurso que, segundo ele, é uma tentativa de unir as três tradições analíticas, indispensáveis para a análise do discurso.

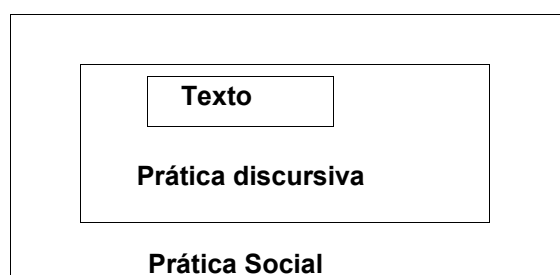


Figura 4: Concepção Tridimensional

Ao focar o discurso enquanto *texto*, Fairclough recorre a certas palavras e ao seu significado político e ideológico; como as palavras podem ser moldadas a partir de certos contextos e como elas estão relacionadas a fatores políticos e ideológicos. A *prática*

discursiva envolve os processos de produção, distribuição e consumo de textos, sendo que a natureza destes processos varia de acordo com os diferentes tipos de discurso e fatores sociais. Já o discurso enquanto *prática social* se relaciona com os aspectos ideológicos e hegemônicos nele contidos e tais aspectos representam eixos norteadores para a análise de Fairclough.

Nas dimensões sócio-cognitivas da produção e interpretação textual, há uma relação entre os recursos que os participantes de um ato discursivo possuem internalizados e o processo de produção e interpretação de textos. Tal relação é estabelecida de forma inconsciente e automática, o que é fator importante na determinação de sua efetividade ideológica, embora muitos aspectos sejam, também, trazidos para o texto de forma consciente. Ainda em termos de produção textual, Fairclough destaca a intertextualidade, no sentido de Bakhtin, onde um texto sempre estabelece relações com textos anteriores, construindo cadeias comunicativas. Em termos de distribuição a intertextualidade é útil no sentido de que é possível explorar a rede pelo qual o texto se move, se submetendo a transformações previsíveis de um tipo de texto em outro. Em termos de consumo, a perspectiva intertextual deixa claro que as relações estabelecidas entre os textos moldam sua interpretação.

Quanto à localização da ideologia no texto, na lingüística crítica, acredita-se que ela está contida nos textos de forma que seja impossível remove-la e, desta forma, uma oposição rígida entre a forma e o significado não seria possível uma vez que o significado dos textos está sempre mesclado com sua forma e suas estruturas formais estão, em vários níveis, relacionadas com questões ideológicas. Não se deve imaginar que as pessoas estejam cientes de todas as dimensões ideológicas em suas práticas. As ideologias construídas através de convenções podem ser naturalizadas e automatizadas, tornando difícil a compreensão de que nas práticas normais existem expressões de

ideologias específicas. As práticas discursivas são ideologicamente revestidas porque elas incorporam significados que contribuem para a manutenção ou reestruturação das relações de poder que podem, em princípio, ser afetadas pelas práticas discursivas de qualquer tipo.

A concepção de luta hegemônica em termos de articulação, desarticulação e rearticulação de elementos vai de encontro com a visão dialética de Fairclough a cerca da relação entre as estruturas discursivas e os eventos. As estruturas discursivas são vistas como ordens de discurso concebidas através da configuração de elementos mais ou menos estáveis e os textos são centrados na intertextualidade e como eles articulam convenções prévias. Uma ordem discursiva pode ser vista como algo que possui um equilíbrio contraditório e instável e a produção, distribuição e consumo de textos são facetas da luta hegemônica que contribuem em vários graus para a reprodução ou transformação, não apenas da ordem do discurso, mas, também, da ordem social e das relações de poder.

Embora a hegemonia pareça ser a forma organizacional predominante de poder na sociedade contemporânea, ela não é a única. Há, também, restos de formas anteriores onde a dominação foi alcançada através de uma imposição de regras, normas e convenções. Tal fator está relacionado com um modelo codificado de discurso onde o discurso representa uma prática altamente normativa e regimentada, contrastando com o modelo articulatório de discurso que corresponde a uma forma organizacional de caráter hegemônico. Tais modelos codificados são altamente orientados por instituições ao passo que os modelos articulados são orientados pelo público. Quanto aos últimos, Fairclough identifica-os como pós-modernos e podem ser encontrados principalmente em anúncios de publicidade.

Na visão da ACD, como já foi discutido anteriormente neste trabalho, todo

discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, ele se acha situado no tempo e espaço. A herança histórica e intertextualidade na produção e interpretação de textos constituem-se em formas de mudança que envolvem transgressões, transposições de limites e união de convenções com novas combinações.

Os eventos discursivos podem contribuir para a preservação e reprodução de relações de gênero tradicionais e hegemonias ou podem, ainda, se apoiar nas convenções problemáticas e lutas hegemônicas para resolver dilemas através de inovações. Os produtores e intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos em eventos discursivos novos, sendo produtores de mudanças estruturais através da desarticulação da ordem existente e rearticulação em novas ordens e hegemonias discursivas. Tais mudanças estruturais podem afetar não somente a ordem local do discurso em uma instituição, mas transcender instituições e afetar a ordem social do discurso.

Fairclough identifica no discurso o que ele chama de “personificação sintética”, uma simulação de privado, do discurso cara a cara, através do discurso público de massa (jornais, revistas, rádio e televisão). Esta tendência está ligada à migração do discurso privado para os domínios institucionais e é estabelecida através de lutas, possuindo estabilidade limitada devido à heterogeneidade de seus próprios elementos contraditórios que levam a mais lutas e mudanças.

Já com relação ao discurso da mídia, Fairclough (1995) acredita que ela tenha o poder de influenciar conhecimentos, crenças, valores, relações e identidades sociais e o identifica como sendo uma importante dimensão de consumismo: uma mudança aparente do poder dos produtores para os consumidores. Os noticiários da mídia selecionam leitores, telespectadores ou ouvintes em um contexto de mercado onde suas vendas são essenciais para a sua sobrevivência. As tendências lingüísticas podem ser interpretadas

como uma concretização da forma com que os produtores maximizam as formas de se encaixarem no estilo de vida e universo dos consumidores, embora eles possuam a função, também, de construir consumidores e estilos de vida para cada produto.

O processo é complexo uma vez que ele parte de um grupo de pessoas que possuem acesso privilegiado à mídia, vozes que possuem ampla representação no discurso da mídia. Ao traduzir tais vozes para a linguagem popular, há um grau de mistificação das vozes e posições que estão sendo representadas. Se tais vozes pertencem à pessoas e ou grupos que exercem poder político, econômico, etc e passam a ser representadas no discurso do dia a dia, fazendo com que certas identidades, relações e distâncias sociais entrem em colapso. A mídia é considerada como uma forma de transmissão de ideologias de forma visível ou camuflada. Ela tem papel hegemônico importante não só de reprodução, mas de reestruturação das relações entre os domínios público e privado, uma tendência que envolve a fragmentação da distinção, reduzindo a vida pública e privada a um modelo quase único. Assim, a mídia, embora possua várias representações de práticas discursivas e vários padrões de interdiscursividade, possui a tendência de combinar os discursos público e privado.

Fairclough (1995) aponta três tendências de mudança no discurso contemporâneo da mídia: a democratização, tecnologização e a mercantilização ou comercialização.

Por democratização ele entende como a remoção de disparidades e assimetrias, obrigações e direitos e do prestígio de certos grupos lingüísticos. A democratização tem representado um parâmetro para as mudanças discursivas nas últimas décadas. O processo tem sido suave e tem levantado questões se tais mudanças são reais ou cosméticas. Fairclough aponta áreas principais onde a democratização tem sido mais visível: as relações entre línguas e dialetos, o acesso à formas de prestígio do discurso, a eliminação de marcadores de poder em certos discursos institucionais (informalidade

maior no uso da língua) e mudanças lingüísticas nas práticas de gênero. Um bom exemplo são as transmissões televisivas onde as pessoas, com dialeto não-padrão e sotaques regionais têm acesso, embora com algumas restrições. Tais transmissões colocam a linguagem não-padrão e as minorias lingüísticas no domínio público.

A tendência de eliminação de marcadores de poder está relacionada a uma tendência à informalidade, movendo-se das esferas privadas para as públicas. Uma das dimensões desta manifestação de informalidade é a mudança de relação entre os discursos falado e escrito. As mudanças fazem com que a forma escrita se aproxime da forma falada.

O último ponto a ser discutido a cerca da democratização do discurso é a relação de gêneros (masculino e feminino). Tem havido certa democratização e abertura em termos de relações de gênero que está amplamente relacionada com aspectos discursivos. Não somente as feministas, mas outros grupos se empenham para que as práticas lingüísticas se tornem menos sexistas, podendo, esta intervenção assumir diversas formas como a produção de avisos em instituições contra práticas sexistas e anúncios em revistas que desafiam o discurso sexista.

Quanto à tecnologização do discurso, Fairclough (1995) acredita que em entrevistas e anúncios, por exemplo, estão sendo empregadas ferramentas diversas de formas bastante variadas e tais ferramentas ou tecnologias estão sendo usadas por agentes sociais em instituições específicas. Tais agentes são pesquisadores que procuram eficiência e refinamento à luz de pesquisas e demandas institucionais e têm a função de repassar as técnicas à adiante. Eles detêm o poder e as tecnologias discursivas desenhadas, servem para produzir certos efeitos sobre determinados tipos de público que as desconhecem. Desta forma, estabelece-se uma relação entre conhecimento, língua, discurso e poder; e identifica-se um refinamento em termos de vocabulário, gramática,

entonação, organização de diálogos, etc.

Com relação à comercialização, a crescente construção do público enquanto consumidor e a pressão sobre os produtores para entreter, podem ser vistos como parte de uma normalização e naturalização do comportamento e cultura consumista que envolve anúncios e representações de pessoas em vários tipos de mensagens midiáticas. Há, assim, na visão de Fairclough, uma diversidade de vozes bem organizadas e convincentes e que são endossadas e reendossadas no sistema. Quanto à televisão, ele acredita que ela seja uma tecnologia capaz de harmonizar-se com a cultura contemporânea, uma vez que seu foco recai sobre o individualismo e o culto à personalidade e conclui que o discurso da mídia tanto pode moldar as ordens sociais do discurso quanto ser moldado por elas. A mídia, também, influencia as práticas discursivas de domínio privado, fornecendo modelos de interação e estabelecendo relação dialética complexa entre o seu discurso e o dia a dia.

Ainda considerando a comercialização do discurso e o consumo apontados por Fairclough na ACD, Pereira e Ayrosa (2007) acreditam que entre as várias ações sociais em que os indivíduos se engajam está o consumo. Estudos enfatizam que as ações de consumo são centrais para a criação de significados simbólicos na sociedade, grupos e indivíduos. Tais ações se relacionam, também, à criação e manutenção de identidades e são utilizadas para nos localizar como seres sociais. Eles citam Bourdieu (1983), Belk (1988), Slater (2002) e Kates (2002) que apontam o consumo como uma forma de classificação social, de construção identitária e como uma forma de resistência à exclusão e discriminação. Assim, o consumidor não estaria apenas reduzido à compra, mas à identificação com um determinado grupo. Pereira e Ayrosa citam Coelho (2002) que acredita que os objetos podem identificar os indivíduos, grupos e culturas e constituem-se em suportes ou unidades textuais. As posses podem, desta forma, ser

consideradas como um discurso que auxilia os indivíduos nos seus processos de construção identitária e de comunicação em relação aos grupos a que eles pertencem. Para Belk (1988), citado em Pereira e Ayrosa, os consumidores utilizam as suas posses, de forma consciente ou não, para construir, reforçar e entender o senso do “Eu”.

O consumo ainda tem a função de, além de construir identidades, construir as diferenças. Pereira e Ayrosa citam Slater (2002) que acredita que na sociedade atual as relações circulam em torno dos indivíduos na busca da definição de suas identidades, sendo o consumo uma das formas de fazê-lo. Porém, ele destaca que os significados sociais relacionados ao consumo podem ser objetos de manipulação e negociação entre os grupos dominantes e dominados.

Pereira e Ayrosa (2007) destacam que o uso de bens para a construção de identidades pode indicar o que eles chamam de “resignificação” ou “resistência”. O que ocorre a partir da transformação de bens e serviços a partir da vontade do consumidor. O resultado disso seria a libertação do consumidor em relação a dominação exercida pelo mercado. De acordo com Peñaloza, apud Pereira em Ayrosa, as formas de resistência podem variar desde o uso de forma organizada e coletiva, como boicotes, até formas individuais de ação como comunicação interpessoal negativa ou a transformação de consumo em produção através da reutilização de bens em domínios estranhos àqueles que foram destinados. Eles citam Kates (2002) que discute em suas análises a aceitação por parte da comunidade *gay* de determinadas marcas, como a Calvin Klein, que se posicionaram pró-segmento *gay* e passaram a ser referências daquela comunidade.

Eles concluem que a natureza simbólica do consumo tanto pode auxiliar na construção da identidade homossexual dos indivíduos, como também refletir suas experiências de vida e padrões sociais de comportamento. Consumidores *gays* podem se auto definir por meio de suas posses, como se redefinir por meio delas. Assim, o uso de

certos produtos é fundamental para que os *gays* se sintam como integrantes de um grupo, assim como integrados à realidade.

Ainda considerando a expansão do consumo *gay*, Melo Andrade (2008) cita exemplos de fenômenos que contribuíram para a inserção dos *gays* no mercado brasileiro como a criação da sigla GLS, o festival Mix Brasil, a Parada GLBTS, a fundação ABGLT, a criação do Fórum Paulista de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros em 1999 e até a criação de revistas com a *Sui Generis* e a *G Magazine*. Ele lembra que existem duas teorias sobre o consumo *gay*: uma que afirma que o mercado GLS legitima os homossexuais e ajuda a diminuir o preconceito e outra que acredita que este fenômeno seja um entrave para a real aquisição dos direitos políticos e sociais. Ele conclui que a propaganda de produtos direcionados aos *gays*, o aparecimento deles em novelas no horário nobre, a criação de empresas GLS, etc, fazem com que a sociedade assimile a sub-cultura homossexual à cultura nacional, representando um caminho para uma menor discriminação e preconceito.

Retomando o poder da mídia atual em fornecer modelos de interação e influenciar as práticas discursivas, como já apontado por Fairclough, uma característica marcante está no fato dela tentar, através de suas imagens e discurso, criar a imagem do que é chamado por muitos de “homem do século XXI” ou “novo homem”. Tal tendência passa por uma tentativa de reformulação da masculinidade patriarcalista.

Passarei, no capítulo seguinte, à análise do corpus, pois a imagem do “novo homem” criada pela mídia está relacionada ao discurso gay e à imagem dos homossexuais apresentada nas novelas.

CAPÍTULO 3

3.1- Aspectos metodológicos e análise do Corpus

Decidi não separar os aspectos metodológicos em um capítulo a parte e optei por incluí-los neste capítulo que trata da análise do corpus.

Considerando o capítulo 1 desta dissertação onde foram tratados o contexto histórico, as relações estabelecidas entre as diferentes masculinidades e as identidades no mundo pós-moderno; o capítulo 2 onde foram apresentados os pressupostos da GSF e as teorias de Fairclough a cerca do discurso, do poder da mídia em influenciar, criar identidades e colocar certos discursos em evidência; e a partir de minha constatação de que há uma presença homossexual cada vez mais constante e importante nas novelas, especialmente aquelas exibidas no horário nobre da Rede Globo, surgiram os seguintes questionamentos a cerca das representações *gays* nas novelas:

- 1- Que recursos lingüísticos, a partir das metafunções propostas pela GSF, são utilizados nas novelas da Rede Globo para promover uma maior interação/identificação com o público gay ?
- 2 - Os mecanismos lingüísticos usados reforçam ou não estereótipos e discriminação ?
- 3 - O discurso utilizado está em consonância com as mudanças sociais relacionadas aos gêneros ?
- 4 - Como o discurso *gay* nas novelas contribui para a construção da(s) identidade(s) homossexual (is) ?

No que se refere aos objetivos desta pesquisa têm-se:

Geral – analisar o corpus composto por capítulos de novelas da Rede Globo na perspectiva da GSF, ACD e teorias sociais de gênero e identidade, oferecendo subsídios para que se promova uma reflexão acerca do discurso homossexual na sociedade;

Específicos:

- 1- analisar os mecanismos lingüísticos presentes no discurso *gay* de novelas da Rede Globo de épocas diferentes e identificar a noção de homossexualidade apresentada;
- 2- verificar a evolução do discurso *gay* na novela e suas relações com a cultura globalizada;
- 3- verificar se este discurso contribui para a construção da(s) identidade(s) *gay(s)* no Brasil.

A escolha da temática e do *corpus* deste estudo, como já citado anteriormente, se deveu ao fato de existirem poucas pesquisas que contemplam a temática homossexual, pelo fato da alteridade ter se tornado cada vez mais importantes no mundo atual e, também, por ambas as novelas possuírem personagens *gays* que se envolvem em relações amorosas, tornando o discurso *gay* apresentado mais significativo.

A primeira novela, “A Próxima Vítima”, foi exibida em 1995 e trata-se de uma história policial, mas que destaca outras temáticas como a homossexualidade; a segunda novela, “América”, foi exibida em 2005 e entre os seus principais temas, a relação entre dois homens recebe um destaque de forma nunca antes vista na televisão brasileira. Outro fator que determinou a escolha das novelas foi o fato de existir um espaço de dez anos entre sua exibição.

Foram selecionados dez capítulos em ambos os casos. Em “A Próxima Vítima” a escolha recaiu sobre os dez primeiros capítulos; já em “América” foram analisados os dez últimos. A escolha dos capítulos obedeceu ao critério de destaque da temática dentro das novelas.

Em seguida, os capítulos foram assistidos e transcritos e, após a transcrição, foram selecionadas somente as orações que se mostravam relevantes para análise, ou

seja, orações extraídas de cenas onde houve participação dos *gays* de forma destacada e onde o tema era abordado. Para que o contexto em que as orações foram ditas não se perdesse totalmente, optei por fazer um pequeno resumo da cena de onde a oração foi extraída.

Apesar dos ricos recursos visuais oferecidos pelas novelas, neste trabalho, optei por analisar somente os recursos lingüísticos. Em primeiro lugar, será feita uma micro-análise, ou seja, análise lingüística das orações. Para tal análise buscarei base na GSF de Halliday, onde trabalharei a idéia de metafunção Ideacional, Interpessoal e Textual, colocadas nesta ordem dentro de cada quadro.

Em seguida passarei para a macro-análise, análise social dos elementos lingüísticos destacados na análise sistêmico-funcional. Para proceder a análise buscarei auxílio em Fairclough, Connell, Goffman, Foucault, Moita Lopes e Hall e outros autores citados nas discussões dos capítulos teóricos.

A Próxima Vítima

A novela “A Próxima Vítima” foi produzida pela Rede Globo e exibida de 13 de março a 4 de dezembro de 1995. Foi escrita por Sílvio de Abreu, Alcides Nogueira e Maria Adelaide de Amaral.

Na trama, Francesca Ferreto descobre a traição praticada por seu marido Marcelo por 20 anos. Ele mantém um romance e uma segunda família com Ana, dona da cantina italiana e mãe de Júlio, Sandrinho e Carina. Marcelo é executivo do Frigorífico Ferreto, cujas donas são as irmãs Ferreto: Filomena, Carmela e sua mulher Francesca.

Por se tratar de uma história policial, a novela se inicia com a morte de Paulo Soares, desencadeando uma série de outros assassinatos, inclusive o suposto assassinato de Francesca que retorna no final da história para revelar a chave de todo o mistério.

Neste contexto policial, a novela trouxe outros temas que geraram polêmica e

discussão como o uso de drogas, o homossexualismo, a prostituição por opção, o amor entre e pessoas de faixas etárias diferentes, etc. A relação homossexual se dá entre Sandrinho, filho mais velho de Ana e Marcelo; e Jefferson, filho de Kleber e Fátima e pertencente a uma família de negros de classe média alta.

Apesar de abordar temas polêmicos, observa-se que, na maioria das vezes, o autor da novela evita debater as questões diretamente como no capítulo 3, na cena em que Sandrinho briga com o irmão Júlio que, por sua vez, o olha diretamente nos olhos e diz: “Eu não sou...” o telespectador, diante da hesitação, espera que ele complete a oração com “gay como você.”, mas ao invés disto ele completa com “perfeito como você”. Percebe-se, também, que as cenas são cortadas após as demais personagens expressarem suas opiniões sobre os gays, como no capítulo 4, onde Irene expressa sua opinião sobre Sandrinho dizendo: “Eu achei ele o máximo.”

A partir da transcrição dos capítulos 01 a 10 da novela, da seleção de diálogos onde o discurso *gay* foi mais relevante e com base na GSF, pude elaborar a seguinte análise:

Capítulo 3

Sandrinho tem sua primeira aparição de destaque neste capítulo. Ele conversa com a mãe durante o almoço. Sandrinho é o filho mais velho e Ana e o amigo com quem ela e o pai, Marcelo, podem conversar sobre sua relação amorosa. Ana e Marcelo não são casados e ele mantém duas famílias por mais de vinte anos. Acontece uma discussão de família e os outros dois irmãos, Júlio e Carina, deixam a mesa, deixando-o sozinho com a mãe. Durante a discussão, ao ser interrogado sobre sua vida escolar, Júlio diz a Sandrinho que não vai bem na escola e completa:

função	<i>Não</i>	<i>sou...</i>	<i>perfeito</i>	<i>como você.</i>
Ideac.	Portador elíptico (eu)	Proc. Relacional atributivo	Atributo	Circunstância de comparação/modo
Interp.	Finito presente+predicador		Complemento	
Textual	Tema		Rema	

Há uma hesitação e, como já foi citado anteriormente, espera-se que Júlio vá dizer “gay como você”, uma vez que a vida amorosa de Sandrinho não é segredo para as demais personagens.

Capítulo 4

Jefferson, filho de Kleber e Fátima e namorado de Sandrinho, conversa com Irene, sua amiga de faculdade e filha do advogado de moral duvidosa, Hélio Ribeiro. Eles estão saindo da faculdade e conversam sobre uma festa que Irene dará em sua casa para os amigos mais íntimos. Jefferson quer saber se poderá levar Sandrinho consigo e ela afirma que sim e acrescenta:

Função	<i>Eu</i>	<i>achei</i>	<i>ele o máximo.</i>
Ideac.	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno
Interp.	Sujeito	Finito passado+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Irene é a melhor amiga de Sandrinho e Jefferson e, apesar de não falar do assunto, ela sabe da relação entre os dois e se mostra simpática a ela.

Capítulo 6

Sandrinho e Jefferson aparecem juntos falando da festa na casa de Irene. Os dois estão tomando café da manhã juntos e discutindo sobre uma prova que Sandrinho fará na faculdade. Eles, também, falam de Irene e da amizade dela pelos dois. Jefferson conta a Sandrinho que Irene teve uma ótima impressão dele e o achou um “gatinho”. Sandrinho

responde rindo em tom de brincadeira:

Função	<i>Eu</i>	<i>podia</i>	<i>ter dado uns amassos</i>	<i>nela.</i>
Ideac.	Ator	Proc. Material		Meta
Interp.	Sujeito	Finito modal+predicador	Complemento	
Textual	Tema		Rema	

Capítulo 8

Ana revela aos filhos que o pai deles, Marcelo, sempre fora casado e que tem outra família. Após a revelação, Marcelo e Ana sobem para o quarto e conversam a respeito da reação dos filhos diante do fato. Marcelo diz a Ana:

Função	<i>Que</i>	<i>filhos legais</i>	<i>a gente</i>	<i>tem,</i>	<i>Ana !</i>
Ideac.		Atributo	Portador	Proc. Relac. Atributivo possessivo	
Interp.	Complemento		Finito presente+predicador		Vocativo
Textual	Rema		Tema		

Capítulo 10

Neste capítulo observa-se que há uma sequência de cenas e um diálogo entre Sandrinho e o pai, porém Sandrinho permanece calado na maioria das vezes e o pai lhe dá atributos.

A verdadeira esposa de Marcelo, Francesca, descobre que ele tem outra mulher e filhos, ameaçando matá-lo. Sandrinho vai até o frigorífico onde o pai trabalha para pedi-lo que não termine tudo com sua mãe e que tudo permaneça como sempre foi. Após Sandrinho ter feito o pedido, Marcelo acrescenta:

Função	<i>Você</i>	<i>é</i>	<i>a pessoa mais importante pra mim.</i>
Ideac.	Valor	Proc. Relacional identificativo intensivo	Token (característica)
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Após a conversa no frigorífico, Sandrinho e Marcelo saem e vão para um bar onde os dois continuam a falar sobre a família e sobre a importância de um para o outro.

Marcelo diz a Sandrinho:

Função	<i>Você</i>	<i>é</i>	<i>homem como eu sou.</i>
Ideac.	Valor	Proc. Relacional identificativo intensivo	Token (característica)
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Marcelo:

Função	<i>Eu</i>	<i>olho</i>	<i>para você</i>	<i>e vejo você fazendo</i>	<i>as coisas que eu fazia na sua idade.</i>
Ideac.	Comportante	P. Comportamental	Circunstância	P. Material	Fenômeno
Interp.	Sujeito	Finito presente+pred.	Complemento	Finito pres+predic.	Complemento
Textual	Tema		Rema		

Marcelo:

Função	<i>Eu</i>	<i>já</i>	<i>te</i>	<i>disse</i>	<i>uma vez</i>	<i>que você foi a maior alegria da minha vida.</i>
Ideac.	Dizente		Recebedor	Proc. Verbal	Circunst. tempo	Alvo
Interp.	Sujeito	Adjunto	Complemento	Finito pres+pred	Adjunto	Complemento
Textual	Tema					Rema

As orações foram selecionadas por terem sido direcionadas aos gays ou se referirem diretamente a eles, porém observa-se que, como já destacado anteriormente, elas não se referem à temática homossexual diretamente, ou seja, a temática *gay* não foi debatida nesta novela.

A partir da dos elementos fornecidos pela análise Ideacional constatee na novela “A Próxima Vítima”:

<i>Processo</i>	<i>Número de ocorrências</i>
Proc. Material	2
Proc. Relacional	4
Proc. Mental	1
Proc. Verbal	1
Proc. Comportamental	1

Tabela 1: Análise Ideacional em A Próxima Vítima

Existe uma predominância do Processo Relacional em orações como “Você é homem como eu sou.” e tal Processo serve para caracterizar e identificar, podendo estar relacionado com experiências internas ou externas. Podemos dizer que as personagens *gays* recebem atributos ou valores das outras personagens. Assim, por exemplo, na oração dita por Júlio, ao irmão de Sandrinho, percebe-se a maneira pela qual as outras personagens enxergam os *gays* na novela, nos levando a pensar se esta não foi uma forma encontrada pelo autor de livrar as personagens do estigma social, destacando para o telespectador apenas suas características positivas:

Júlio: “ Não sou perfeito como você.”

Nas orações extraídas da novela, constata-se duas ocorrências do Processo Material, o que denota que a intenção do autor não era de mostrar personagens ativos atuando sobre o mundo à sua volta; por outro lado constata-se a presença do Processo Mental, nos remetendo a personagens capazes de falar e refletir a cerca do mundo à sua volta e, como existe apenas uma ocorrência, podemos dizer que tais personagens não refletem ou falam muito do mundo ao seu redor.

Ao considerarmos o contexto sócio-histórico e econômico do período, vê-se que os *gays* mostrados na televisão e mesmo os do mundo real ainda não possuíam voz ativa e nem o direito de expressar suas opiniões e preferências de forma direta. Eles recebiam

atributos e valores sociais e eram constituídos apenas pelo olhar do Outro. Constata-se ainda a ocorrência de um Processo Comportamental e um Verbal, remetendo à falta de expressividade das personagens *gays*.

Já na oração “Eu podia ter dado uns amassos nela.”, além do Processo Material, encontramos um modalizador (podia), que coloca o telespectador como uma personagem da história e faz com que ele automaticamente se pergunte:” E por que não o faz?” A ocorrência do Processo Material (ter dado) na oração , dita por Sandrinho a Jefferson sobre a amiga Irene, nos remete a um olhar heterossexual , colocando a personagem gay em um papel mais ativo.

Segundo Sell (2006) como a identidade se forma a partir da relação dialética Eu-Outro, a identidade homossexual se estabelece com relação à heterossexualidade. A formação da identidade homossexual se dá com relação a padrões aceitos como ideais, tomando como base um comportamento masculino desejável. A aprendizagem dos papéis masculino/feminino se faz em, primeiro lugar, por imitação. O diferente passa a ser entendido como anormal.

Passando para a análise Interpessoal ficou constatado que:

Orações	Modo	Polaridade	Deicticidade	Sujeito
1- Não sou perfeito como você.	Declarativo	Negativa	Presente	Falante
2- Eu achei ele o máximo.	Declarativo	Positiva	Passado	Falante
*3- Eu podia ter dado uns amassos nela.	Declarativo	Positiva	Modal	Falante
4- Que filhos legais a gente tem, Ana.	Declarativo	Positiva	Presente	Não-interactante
5- Você é pessoa mais importante pra mim.	Declarativo	Positiva	Presente	Endereçado
6- Você é homem como eu sou.	Declarativo	Positiva	Presente	Endereçado
7- Eu olho pra você e vejo você fazendo as coisas que eu fazia na sua idade.	Declarativo	Positiva	Presente	Falante
8- Eu já te disse uma vez que você foi a maior alegria da minha vida.	Declarativo	Positiva	Presente	Falante

Quadro 4: Análise Interpessoal em A Próxima Vítima

Não foi observada a presença de modos interrogativos e houve apenas uma ocorrência de modalizadores, o que denota menor interação com os telespectadores. O Sujeito falante EU em três das orações não é *gay*, mas sim outras personagens que buscam expressar sua opinião sobre as personagens gays como em “Eu já te disse uma vez que você foi a maior alegria da minha vida.”

Na análise Interpessoal, oração número 3 se destaca no conjunto uma vez que ela, além de colocar a personagem gay em um papel ativo e de apresentar um modalizador, como já fora apontado na análise Ideacional, representa a única oração em que os gays expressam sua opinião a cerca das outras personagens. Sandrinho, em conversa com o namorado Jefferson, sobre sua amiga Irene.

Já na análise Textual alguns dos Temas são marcados como na oração a seguir onde “você”, neste caso Sandrinho, exerce a função de Valor, Sujeito e Tema. Não houve ocorrência de Temas Textuais e Interpessoais.

Função	<i>Você</i>	<i>é</i>	<i>a pessoa mais importante pra mim.</i>
Ideac.	Valor	Proc. Relacional identificativo intensivo	Token (característica)
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Ainda com relação à função Textual, a posição do Sujeito ou Tema nas orações serviu, muitas vezes, para indicar a importância do Complemento/Rema sobre Sujeito/Tema.

<i>Que</i>	<i>filhos legais</i>	<i>a gente</i>	<i>tem,</i>	<i>Ana !</i>
Rema		Tema		

Considerando o exemplo acima e a relação Tema/Rema e Dado/Novo, observa-se que o destaque foi dado nos “filhos legais” que figurou como uma informação nova (NOVO) e o Tema foi colocado como elemento secundário, uma vez que o fator a ser destacado é relação entre Ana, Marcelo e os filhos.

América

“América” foi uma novela produzida pela Rede Globo, exibida de 14 de março a 05 de novembro de 2005 e foi escrita por Glória Perez.

A novela contou a história de Sol, uma garota do subúrbio carioca que se vê atraída pelas promessas do sonho americano e investe na tentativa de imigrar para os Estados Unidos, onde acredita existir melhores condições de vida do que no Brasil. Depois de ter o visto negado várias vezes, ela apela para coíotes e decide entrar no país, ilegalmente, através do México. Ela aceita levar uma encomenda para a suposta mãe de um dos atravessadores e acaba presa pela polícia americana sob a alegação de imigração ilegal e porte de drogas. Ela é mandada para a prisão de onde consegue fugir. Na fuga ela conhece Ed, noivo de May, que aceita casar-se com ela para que ela possa permanecer no país, em troca de um pagamento que lhe permitirá pagar a edição de seu livro. No Brasil está Tião, peão apaixonado por Sol, que vai se tornando famoso no mundo dos rodeios.

Neste contexto três assuntos polêmicos foram debatidos: o universo dos deficientes visuais, a cleptomania e o romance *gay*. O romance *gay* acontece entre Júnior e Zeca. Júnior é filho da viúva Neuta que, por sua vez, é madrinha de Tião e dona do boi bandido, animal que nenhum peão jamais conseguiu montar. Neuta contrata Zeca para tomar conta do animal e Júnior se vê envolvido por ele.

Júnior possui um casamento de fachada com Maria Elis que foge por ter se apaixonado por um outro peão e deixa para traz o seu filho Sinvalzinho que Neuta acredita ser filho de Júnior. O romance *gay* se dá em um ambiente de dominação e hegemonia masculina. Ao contrário do ocorrido em “A Próxima Vítima”, nesta novela as cenas não são cortadas e as temáticas são debatidas mais a fundo. A autora divide a

novela em blocos e cada etapa da novela irá lidar com uma temática que fora introduzida no início da trama. Assim o romance gay passa a receber maior destaque no final da história, onde pode ser constatado um processo de amadurecimento da personagem Júnior através de sua aceitação enquanto homossexual.

Após a transcrição dos capítulos 193 a 203 e a escolha das orações, foi possível a seguinte análise com base na GSF:

Capítulo 193

Júnior possui um casamento de fachada com Maria Elis com quem tem um filho. Maria Elis se apaixona por um peão e vai embora, deixando para traz o filho. Kerry é apaixonada por Júnior e após a partida de Maria Elis, inicia um relacionamento com ele. Porém, após algum tempo ela sente um certo afastamento entre os dois e, neste capítulo, os dois têm uma conversa séria sobre o assunto. Ela quer saber se ele ainda gosta dela e se ele “sente tesão” por ela. Ele diz que está gostando de outra pessoa. Ela quer saber se é uma garota de Boiadeiros, cidade fictícia onde a trama se passa, ou do Rio de Janeiro. Ele diz que prefere não falar sobre o assunto e que, apesar de tudo, ainda gosta muito dela. E conclui:

Função	<i>Eu</i>	<i>tô me sentindo</i>			<i>envolvido.</i>
Ideac.	Experienciador	Proc. Mental			Fenômeno
Interp.	Sujeito	Finito pres.	Compl	Predicador	Complemento
Textual	Tema		Rema		

Ao ouvir isto Kerry se retira.

Capítulo 194

Após conversar com Kerry, Júnior está no rodeio , em uma mesa separada, conversando com Zeca, peão contratado por sua mãe, viúva Neuta, para cuidar do boi Bandido e por quem Júnior se sente envolvido. Eles conversam sobre a discussão que Júnior acabara de ter com Kerry e sobre as desconfianças dela. Júnior diz:

Função	<i>Ela</i>	<i>me</i>	<i>cobra</i>	<i>um entusiasmo, um sentimento.</i>
Ideac.	Comportante		Proc. Comportamental	Fenômeno
Interp.	Sujeito	Complemento	Finito pres+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema		

Zeca permanece calado e Júnior Continua:

Função	<i>Se</i>	<i>eu</i>	<i>pudesse</i>	<i>escolher...</i>
Ideac.		Experienciador	Modalizador	Proc. Mental
Interp.		Sujeito	Finito modal	Predicador
Textual	Tema		Rema	

Júnior:

Função	<i>Por que</i>	<i>é</i>	<i>tão difícil</i>	<i>a gente</i>	<i>sentir</i>	<i>o que não devia ?</i>
Ideac.				Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno
Interp.	Adjunto	Finito pres.	Compl	Sujeito	Predicador	Complemento
Textual	Tema			Rema		

Após a conversa, os dois deixam a mesa e vão para a fazenda.

Capítulo 196

A viúva Neuta, mãe de Júnior, sempre se referiu ao marido como um exemplo e tentou passar tal imagem para o filho que, segundo ela, era “igualzinho ao pai”. Júnior descobre que o pai não era exatamente o que sua mãe dizia e ela se defende dizendo que ela inventou aquela imagem do pai para que ela pudesse criá-lo como uma pessoa decente.

Neuta:

Função	<i>Para que</i>	<i>você</i>	<i>tivesse</i>	<i>um exemplo de pai.</i>
Ideac.		Experienciador	P. Relacional possessivo	Atributo possuído
Interp.		Sujeito	Finito passado+predicador	Complemento
Textual	Tema		Rema	

Júnior:

Função	<i>A vida inteira</i>	<i>eu</i>	<i>me</i>	<i>sentí</i>	<i>culpado</i>	<i>por não me parecer com ele.</i>
Ideac.	Circunst. Tempo	Experienciador		Proc. Mental	Fenômeno	Circunst. Causa
Interp.	Adjunto	Sujeito	Compl.	Finito passado	Predicador	Compl.
Textual	Tema	Rema				

Capítulo 197

Após descobrir a imagem inventada do pai, Júnior conversa com Zeca na cozinha da fazenda e os dois trocam olhares e chegam quase a se declarar um para o outro.

Júnior:

Função	<i>Uma sensação de liberdade, uma leveza de</i>	<i>(é) oculto</i>	<i>saber</i>	<i>que você não precisa ser parecido com o seu pai.</i>
Ideac.	Valor	Proc. Rel. Identificativo intensivo elíptico	Token (característica)	
Interp.	Sujeito		Finitopres+predic	Complemento
Textual	Tema		Rema	

Zeca:

Função	<i>Você</i>	<i>pode</i>	<i>ser</i>	<i>você mesmo.</i>
Ideac.	Portador	Modalizador	Proc. Relacional	Atributo
Interp.	Sujeito	Finito modal	Predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema		

Júnior:

Função	<i>Você</i>	<i>tá</i>	<i>querendo saber</i>	<i>se eu vou ter coragem de...</i>
Ideac.	Experienciador	Proc. Mental		Fenômeno
Interp.	Sujeito	Finito presente	Predicador	Complemento
Textual	Tema			Rema

Durante a conversa com Zeca, Júnior se lembra das conversas que tinha com uma ex-mulher, Maria Elis, que sempre desconfiou de sua opção sexual e queria que ele se assumisse para ser uma pessoa mais feliz. Tais lembranças aparecem em forma de *flashes*.

Maria Elis:

Função	<i>Não</i>	<i>tem</i>	<i>nada demais</i>	<i>ser gay!</i>
ideac		Proc. Relacional atributivo	Circuns. Modo	Atributo
Interp.	Finito presente+predicador		Adjunto	Complemento
Textual	Tema			Rema

Capítulo 199

Kerry encontra Júnior e Zeca conversando na cozinha da fazenda e descobre o envolvimento entre os dois. Zeca se retira e a deixa discutindo com Júnior. Neuta entra na fazenda neste exato momento e escuta Kerry dizendo que ele está apaixonado pelo Zeca. Ela pede a Kerry que se retire e interroga Júnior e ele acaba confirmando o que Kerry havia dito.

Júnior:

Função	<i>Mãe,</i>	<i>eu</i>	<i>tô</i>	<i>apaixonado</i>	<i>pelo Zeca!</i>
Ideac.		Experienciador	Proc. Mental		Fenômeno
Interp.	Vocativo	Sujeito	Finito presente	Predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema			

Júnior:

Função	<i>A gente</i>	<i>fica</i>	<i>perguntando</i>	<i>quem eu sou, do que eu gosto, o que eu vou fazer da minha vida...</i>
Ideac.	Dizente	Proc. Verbal		Verbiagem
Interp.	Sujeito	Finito presente	Predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema		

Neuta:

Função	<i>Eu</i>	<i>não vou</i>	<i>deixar que</i>	<i>ninguém estrague sua vida.</i>
Ideac.	Ator	Proc. Material		Meta
Interp.	Sujeito	Finito presente	Predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema		

Júnior:

Função	<i>Eu</i>	<i>não agüento</i>	<i>mais</i>	<i>ser o que não sou.</i>
Ideac.	Experienciador	Proc. Material		Fenômeno
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador		Complemento
Textual	Tema	Rema		

Capítulo 202

Após a descoberta de Neuta, ela decide mandar Zeca embora da fazenda. Júnior pede desculpas a ela por não ser o filho que ela tinha idealizado e implora para que ela não mande Zeca embora.

Júnior:

Função	<i>Eu</i>	<i>não sou</i>	<i>o filho que você queria ter,</i>	<i>mãe.</i>
Ideac.	Portador	Proc. Relacional atributivo	Atributo	
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento	Vocativo
Textual	Tema	Rema		

Júnior:

Função	<i>Eu</i>	<i>não agüento</i>	<i>mais</i>	<i>gostar das coisas que eu não gosto.</i>
Ideac.	Experienciador	Proc. Mental	Intensificador	Fenômeno
Interp.	Sujeito	Finito pres+predicador	Complemento	
Textual	Tema	Rema		

Júnior:

Função	<i>Eu</i>	<i>quero</i>	<i>ser</i>	<i>o que sou.</i>
Ideac.	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno	
Interp.	Sujeito	Finito presente	Predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema		

Capítulo 203

No último capítulo da novela, Neuta, ao perceber a tristeza de Júnior, sai a procura de Zeca que está trabalhando em outra fazenda. Ela o chama de volta e conversa com Júnior sobre a decisão que ela tomara.

Neuta:

Função	<i>Eu</i>	<i>quero</i>	<i>o melhor pra você,</i>	<i>filho.</i>
Ideac.	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno	
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento	Vocativo
Textual	Tema	Rema		

Júnior resolve se afirmar novamente para a mãe:

Função	<i>Eu</i>	<i>nasci</i>	<i>gay.</i>
Ideac.	Comportante	Proc. Comportamental	Atributo
Interp.	Sujeito	Finito passado+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

No momento que Neuta está encerrando a conversa com Júnior, as meninas que moram na fazenda entram no quarto e escutam o final da conversa e exclamam em conjunto:

Função	<i>Ele</i>	<i>é</i>	<i>gay!</i>
Ideac.	Portador	Proc. Relacional atributivo	Atributo
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Neuta responde rapidamente :

Função	<i>Meu filho</i>	<i>é</i>	<i>um homem maravilhoso.</i>
Ideac.	Portador	Proc. Relacional atributivo	Atributo
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Função	<i>Eu</i>	<i>tenho</i>	<i>muito</i>	<i>orgulho de ter um filho gay</i>
Ideac.	Experienciador	P. Relacional atrib. Possessivo	Intensificador	Atributo
Interp.	Sujeito	Finito presente+predicador	Complemento	
Textual	Tema	Rema		

Assim temos o seguinte quadro referente á metafunção Ideacional na novela “América”:

<i>Processo</i>	<i>Número de ocorrências</i>
Proc. Material	1
Proc. Relacional	8
Proc. Mental	10
Proc. Verbal	1
Proc. Comportamental	2

Tabela 2: Análise Ideacional em América

Existe uma predominância do Processo Mental, ou seja, as personagens *gays* falam e refletem a cerca do mundo ao seu redor, agindo sobre ele e buscando transformá-lo a partir de sua visão e sentimentos, o que pode ser constatado em orações como: “Eu não agüento mais ser o que eu não sou.” ou “Eu quero ser o que sou.”

Por outro lado ainda existe uma grande ocorrência de Processos Relacionais, onde podemos constatar a predominância de atributos positivos, onde a palavra *gay* perde seu peso social de estigma e se transforma em atributo: “Não tem nada demais ser gay!” ou “Ele é gay!”.

Em orações como “Você pode ser você mesmo.”, constatamos a presença do modalizador que tem como função fazer o telespectador se colocar no lugar de Júnior e escolher entre as possibilidades que lhe são apresentadas: assumir sua homossexualidade ou continuar sofrendo em silêncio.

A grande ocorrência de Processos Mentais nos faz pensar na imagem *gay* que a televisão deseja construir em um mundo globalizado que necessita cada vez mais de consumidores para seus produtos . Ao compararmos o discurso *gay* apresentado em “América” com o discurso *gay* em “A Próxima Vítima”, detecta-se que na análise das orações extraídas da primeira houve apenas uma ocorrência de Processo Mental e na segunda foram dez ocorrências, demonstrando que os *gays* ganharam voz e o direito de expressarem seus sentimentos e preferências. Apesar do direito de se expressarem conquistado pelos *gays* na novela, sente-se nas orações de Júnior o peso da cobrança social: “Por que é tão difícil a gente sentir o que não devia?”. Existem, assim, dois discursos que se cruzam e levam o telespectador a optar entre a visão social mais tradicional e preconceituosa onde ser *gay* representa o descrédito social e a visão de que ser *gay* é permitido e o que realmente importa é alcançar a felicidade a partir daquilo que lhe foi dado. Existe na verdade um embate entre a identidade social e a real. Constata-se também a existência de uma outra voz que busca uma confissão e que na maioria das vezes se mostra através da personagem Zeca: “Por que você não encara o que tá sentindo?”

Com relação a transformação do estigma em atributo e a identidade social e real, Goffman (1988) distingue dois tipos de identidades: a social virtual e a social real. A social virtual é constituída a partir de “exigências” feitas aos indivíduos, demandas e ao caráter que imputamos a ele. A identidade social real corresponde aos atributos que os indivíduos na verdade possuem. Há discrepâncias entre os dois tipos de identidade e sendo assim um indivíduo poderá ser enquadrado em uma categoria e mais tarde ser reclassificado. Quando há discrepância entre as identidades virtual e real é conhecida, ela pode estragar a identidade social do indivíduo, afastando-o da sociedade e tornando-o uma pessoa desacreditada.

Já o termo estigma é usado por Goffman em referência a um atributo profundamente depreciativo e se encontra entre o atributo e o estereótipo. Ele aponta três tipos de estigma:

- 1- as deformações físicas;
- 2- as culpas de caráter individual como distúrbios mentais, vícios, homossexualismo, desemprego, etc;
- 3- os estigmas tribais de raça, religião, nação, etc que podem ser transmitidos por uma linhagem.

Assim, através da comparação entre os discursos apresentados nas duas análises foi constatada uma mudança significativa na forma pela qual a novela busca retratar os *gays* e seu universo. Tal mudança pode ser mais claramente identificada a partir do discurso analisado. Podemos dizer que a mídia, neste caso específico a televisão através das novelas, tem procurado acompanhar as mudanças sociais de gênero e tentado promovê-las por meios discursivos.

Porém, observa-se que o controle social mais direto se apresenta com maior clareza em “América” uma vez que Neuta, mãe de Júnior, representa a voz da sociedade

que busca ter um controle sobre o relacionamento homossexual. Em orações como “Eu não vou deixar que ninguém estrague sua vida” e “Eu quero o melhor para você, filho.”, percebe-se a visão social sobre a homossexualidade que, muitas vezes, é expressa pela maioria das mães ao saberem da homossexualidade dos filhos. Em certos diálogos a autora, através da figura materna controladora e super protetora, demonstra mais uma vez a visão da homossexualidade como doença mental:

“ A gente pode ir pro Rio de Janeiro, eu levo você pra um psicólogo... ele vai tirar todas essas bobagens de sua cabeça...”

Isto nos remete a Foucault (1976) que salienta que, no século XIX, devido à transformação do sexo em discurso, a irregularidade sexual passou a ser vista como doença mental. Da infância à velhice havia uma norma de desenvolvimento sexual definida a ser seguida e todos os possíveis desvios eram descritos cuidadosamente e moralistas, principalmente os médicos, eram colocados em ação com um enfático vocabulário de abominação.

Para uma melhor visualização a cerca das mudanças ocorridas no discurso das duas novelas em relação à homossexualidade, elaboro uma tabela comparativa usando a metafunção Ideacional:

<i>Processos</i>	<i>A Próxima Vítima - 8 orações</i>	<i>América -22 orações</i>
Material	2	1
Relacional	4	8
Mental	1	10
Verbal	1	1
Comportamental	1	2

Tabela 3: Comparação Ideacional entre as duas novelas

Observa-se que o número de orações relacionadas aos homossexuais em “A Próxima Vítima” extraídas dos 10 capítulos é menor do que o número de orações extraídas de “América”, também, em 10 capítulos. Em “A Próxima Vítima” foram encontradas 8 orações; já em “América” foram 22, fator que vem confirmar a maior

participação dos *gays* nas novelas no espaço decorrido entre a exibição das duas novelas e a força adquirida pelo seu discurso na televisão.

Já com relação à análise Interpessoal pude elaborar o seguinte quadro com relação a novela “América”:

Orações	Modo	Polaridade	Deiticidade	Sujeito
1- Eu tô me sentido envolvido.	declarativo	positiva	presente	falante
2- Ela me cobra um entusiasmo, um sentimento.	declarativo	positiva	presente	não-interactante
3- Se eu pudesse escolher...	declarativo	positiva	modal	falante
4- Por que é tão difícil a gente sentir o que não devia?	interrogativo	positiva	presente	falante
*5- Para que você tivesse um exemplo de pai.	declarativo	positiva	passado	endereçado
6- A vida inteira eu me senti culpado por não me parecer com ele.	declarativo	negativa	passado	falante
7- Uma sensação de liberdade saber que você não precisa ser parecido com o seu pai.	declarativo	negativa	presente	não-interactante
8- Você pode ser você mesmo.	declarativo	positiva	modal	endereçado
9- Você tá querendo saber se eu vou ter coragem de...	declarativo	positiva	presente	endereçado
10-Mãe, eu tô apaixonado pelo Zeca!	declarativo	positiva	presente	falante
11-A gente fica se perguntando quem sou eu, do que eu gosto, o que eu vou fazer da minha vida...	declarativo	positiva	presente	não-interactante
*12-Eu não vou deixar que ninguém estrague a sua vida.	declarativo	negativa	presente	falante
13-Eu não agüento mais ser o que eu não sou.	declarativo	negativa	presente	falante
14-Eu não sou o filho que você queria ter, mãe.	declarativo	negativa	presente	falante
15- Eu não agüento mais gostar das coisas que eu não gosto.	declarativo	negativa	presente	falante
16-Eu quero ser o que sou.	declarativo	positiva	presente	falante
*17-Eu quero o melhor pra você, filho.	declarativo	positiva	presente	falante
18-Eu nasci gay.	declarativo	positiva	passado	falante
*19-Ele é gay!	declarativo	positiva	presente	não-interactante
*20-Eu tenho muito orgulho de ter um filho gay.	declarativo	positiva	presente	falante
*21-Meu filho é um homem maravilhoso.	declarativo	positiva	presente	não-intractante
*22-Não tem nada demais ser gay.	declarativo	negativa	presente	não-intractante

Quadro 5: Análise Interpessoal em América

O grande número de sujeitos gays falantes em “América” aponta uma presença maior do EU em relação à “Próxima Vítima”, primeira novela analisada, quadro 4, na página 110 desta dissertação, demonstrando que os *gays* buscam assumir seus posicionamentos e atitudes, assim com suas preferências sexuais. Houve uma ocorrência

de oração interrogativa “Por que é tão difícil a gente sentir o que não devia?”, o que demonstra uma forma da autora da novela buscar uma interação maior com o público, especialmente os *gays*, buscando seu apoio e até mesmo gerar polêmica e debates a cerca da questão *gay*. Há, também, duas ocorrências de modalizadores, o que pode ser visto como uma outra forma de interação com os telespectadores, fazendo com que eles se coloquem no lugar das personagens e expressem suas opiniões pessoais, como na oração “Você pode ser você mesmo.” As orações assinaladas no quadro representam opiniões das outras personagens sobre os *gays* e constata-se, como já fora apontado anteriormente, que o termo *gay* em “América” encontra-se associado a um atributo de valor positivo.

Na análise Textual, levando em conta a relação Tema/Rema e Dado/Novo, constata-se que, na maioria das orações, a informação nova (NOVO) está presente no Rema, representando uma revelação da personagem Júnior a cerca de sua sexualidade, ou seja, o assumir-se *gay* representou a informação nova:

<i>Eu</i>	<i>nasci gay.</i>
Tema	Rema (NOVO)

<i>Eu</i>	<i>quero ser o que sou.</i>
Tema	Rema (NOVO)

Há orações onde o Rema tem que ser completado pelo telespectador, o que demonstra uma busca de interação com o público:

<i>Você</i>	<i>tá querendo saber se eu vou ter coragem de ...</i>
Tema	Rema

O Rema expressa, no contexto da novela, não só uma informação nova, mas uma redescoberta, como no caso de Neuta, que após descobrir a homossexualidade do filho,

acaba conseguindo enxergá-lo de outra forma e redescobrimo que o ama mesmo que ele não seja como ela sempre sonhou:

<i>Meu filho</i>	<i>é um homem maravilhoso.</i>
Tema	Rema (Novo)

Ao considerarmos os princípios da ACD e a concepção tridimensional de Fairclough (1994) e através de orações extraídas de “América” teremos as seguintes análises:

“ *Você pode ser você mesmo.* ”

A palavra *pode* já identificada anteriormente como um modalizador, na análise Sistêmico-Funcional, abre o leque de possibilidades de escolha para a personagem Júnior e permite ao telespectador participar da história e ter em suas mãos uma opção de escolha. Por outro lado, ela pode expressar uma permissão social, ou seja, a sociedade permite a personagem assumir uma determinada postura em dado contexto e momento. Isto nos remete aos possíveis destinatários da mensagem, ao público imaginado pela autora, *gays* que talvez quisessem se assumir, mas não tinham coragem devido ao peso do estigma social.

Desta forma, podemos dizer que por traz de tal palavra há, de forma ideológica, um processo de escolhas, ou seja, pode-se optar por uma determinada identidade e segundo Hall (2006) no mundo pós-moderno, nós somos confrontados por uma gama de identidades diferentes dentre as quais parece ser possível fazer uma escolha.

Já na oração: “ Eu não agüento mais gostar das coisas que eu não gosto.” O Processo Mental “agüento” traz consigo toda a carga do estigma social vivido pelos homossexuais. Através desta oração a personagem Júnior se coloca no lugar de todos os *gays* que carregam o peso de possuírem uma identidade social que está em constante

conflito com sua identidade real. Pode-se dizer que a autora tenha buscado, através de tal oração, uma interação maior com o público *gay*, ou seja, ela dividiu com este público o peso do estigma social. O mesmo pode ser observado na oração “ Ela me cobra um entusiasmo, um sentimento...” que, também, foi dita por Júnior e onde o Processo Mental “cobrar” possui função semelhante ao processo “agüento”, refletindo o peso de uma cobrança social e de uma identidade imputada ao indivíduo. Podemos dizer, levando em conta os princípios da ACD, que por traz de ambos os processos existe a ideologia de transformação, rompimento com práticas hegemônicas.

A partir das tendências apontadas por Fairclough (1995) a cerca da mídia atual, pode-se dizer que um dos fatores que tornou possível a inserção de casais *gays* em ambas as novelas, foi a concepção do público *gay* enquanto consumidor potencial. Ao contrastarmos orações extraídas da novela “A Próxima Vítima” exibida em 1995 com as orações extraídas de “América”, 2005, constata-se a tendência à comercialização. Orações como “Mãe, eu tô apaixonado pelo Zeca.” ditas por Júnior, só existiram a partir do posicionamento do público *gay* como consumidor e da concepção da novela enquanto vitrine através da visibilidade dos *gays* ainda que vistos a partir da lente da heterossexualidade.

Segundo Trevisan (2007) o que realmente importa é o consumo, de modo que certos aspectos morais passaram a ser regulados pelo mercado e, desta forma, os casais *gays* nas novelas visaram atender pesquisas que apontaram o enorme potencial de consumo homossexual.

A construção da identidade pelo olhar do Outro se faz notar com mais clareza na novela “A Próxima Vítima”, ficando comprovado pela grande quantidade de Processos Relacionais, porém tal construção também se manifesta em “América” a partir da imagem do pai que Neuta deseja imputar a Júnior e que ele rejeita, mais tarde, ao

descobrir que o pai não era exatamente o que todos pensavam que fosse, o que pode ser constatado nesta conversa entre Júnior e Zeca:

Júnior: Eu cresci com minha mãe o tempo todo dizendo o que era certo, o que era errado. Eu tô completamente confuso, cara.

Zeca: Você não tem mais que ser parecido com ninguém...Você pode ser você mesmo, Júnior.

Júnior: Eu fico até com vergonha de falar o que eu quero falar pra você, mas você é a única pessoa que eu confio neste momento. ...Eu tô me sentindo bem porque meu pai é um traste. Pare pra pensar: eu tô me sentindo bem porque não preciso ser igual ao meu pai.

As características das identidades sociais apontadas por Moita Lopes (2006), podem ser identificadas nas personagens *gays* de ambas as novelas onde contradição e o processo de construção chamam mais atenção. O aspecto contraditório das identidades se manifesta a partir do posicionamento das personagens na trama, se considerarmos a personagem Júnior, em “América” percebemos tal fator de forma mais acentuada. Aos olhos dos habitantes da cidade de Boiadeiros, ele é o filho que toda mãe gostaria de ter, ou seja, bonito, casado, pai de família, bravo e destemido como o pai. Porém, no fundo ele possui uma identidade contrária daquela projetada pelo meio social; ele é uma pessoa sensível, *gay* e que sonha em se tornar um estilista famoso.

Já a construção das identidades vista como um processo, também, se torna clara nas duas novelas. As personagens *gays*, como já foi dito anteriormente, são constituídas a partir do olhar das outras personagens, representando, neste caso, o olhar da sociedade. Em “América” nota-se um processo de mudança na personagem Júnior, que começa a novela como o filho exemplar que a mãe deseja que seja “igualzinho” ao pai; casa-se com Maria Elis, uma moça da região que está grávida e cujo filho Neuta acredita ser de

Júnior. A partir daí o papel de Maria Elis se torna fundamental para este processo de mudança, uma vez que ela, ao desconfiar da homossexualidade de Júnior e a partir de orações como “Não tem nada demais ser *gay*.”, faz com que ele assuma sua identidade *gay*, chegando, no final da novela, a se assumir com orações como “Eu nasci *gay*.”

A oração “Eu nasci *gay*.”, dita por Júnior, funciona como um símbolo de sua libertação e posicionamento diante das outras personagens, uma vez que segundo Hall (2006), Moita Lopes (2006) e Butler (2003) a identidade sexual é um continuum. Gallotti (2005) corrobora tal visão e cita o relatório Kinsey, de 1948, que demonstrou que a homossexualidade e a heterossexualidade não são definitivas, absolutas e independentes uma da outra. Para o relatório foram entrevistados 17 mil homens pertencentes a diversos segmentos da população e que manifestaram diferentes graus de bissexualidade. Gallotti lembra que a maioria das pessoas tende a se fechar sexualmente, sendo um erro tanto dos homossexuais quanto dos heterossexuais. Segundo a autora, o verdadeiro órgão que rege a sexualidade é o cérebro e que se os indivíduos se livrassem dos condicionamentos sociais e culturais que limitam seus impulsos naturais, certamente e em algum momento da vida, eles iriam se envolver em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. A sociedade, através da educação e dos modelos impostos, pressiona cada indivíduo a adotar uma postura única e inquestionável e sendo assim, seja ele homossexual ou heterossexual, ele deverá responder sempre a uma determinada identidade e todos aqueles que fugirem a estes moldes serão censurados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar, por meio de duas novelas da Rede Globo, “A Próxima Vítima” (1995) e “América” (2005), o discurso *gay* na televisão e sua contribuição para a construção da(s) identidade(s) *gay*(s) no Brasil. A pesquisa foi norteada pelas seguintes perguntas:

- 1- Que recursos lingüísticos, a partir das metafunções propostas pela GSF, são utilizados nas novelas da Rede Globo para promover uma maior interação/identificação com o público *gay* ?
- 2 - Os mecanismos lingüísticos usados reforçam ou não estereótipos e discriminação ?
- 3 - O discurso utilizado está em consonância com as mudanças sociais relacionadas aos gêneros ?
- 4 - Como o discurso *gay* nas novelas contribui para a construção da(s) identidade(s) homossexual (is) ?

Parti de uma micro-análise cuja base foi a GSF de Halliday onde busquei a noção de metafunção Ideacional, Interpessoal e Textual. Foram selecionados 10 capítulos de cada novela e transcritas as cenas onde o discurso *gay* era relevante. A análise sistêmico-funcional do *corpus* permitiu que fosse constatado que em “A Próxima Vítima”, primeira novela analisada, os *gays* não possuíam voz ativa, eram identificados e recebiam atributos das outras personagens, não possuindo o direito de expressar seus desejos e opiniões. Já em “América”, a segunda novela analisada, a situação se mostrou bastante diferente e a análise sistêmico-funcional mostrou que os *gays* conquistaram o direito de expressar suas opiniões, desejos e, até mesmo, afirmarem suas preferências. Eles ainda continuaram a receber atributos das outras personagens, porém ganharam o direito de expressão e auto-afirmação. A diferença entre o discurso *gay* nas duas novelas ficou ainda mais evidente devido à relevância que ele atingiu na segunda novela analisada.

Dos 10 capítulos analisados em ambas as novelas constatei 8 ocorrências de orações relevantes em “A Próxima Vítima” e 21 ocorrências em “América”. A partir de tais ocorrências ficou constatado que em “América” havia uma presença maior de *gays* enquanto sujeitos falantes, assumindo suas atitudes. Constatei, também, que em “América” o processo de auto-afirmação da personagem Júnior foi abordado como uma informação nova em cada ocorrência, ou seja, o “ser gay” ou “assumir-se gay” foi a informação mais importante nas orações.

Em seguida, a partir da micro-análise, parti para a macro-análise cuja base teórica principal foi Foucault (1976, 2007), Fairclough (1994, 1995), Connell (2005), Hall (2006), Moita Lopes (2006) e Goffman (1988). A macro-análise serviu para confirmar os dados extraídos da micro-análise e, a partir dos exemplos extraídos do *corpus*, ela revelou várias nuances do discurso *gay* nas novelas e ofereceu os subsídios necessários para que fossem respondidas as questões levantadas.

Quanto às perguntas 1 e 2, que se referem aos recursos lingüísticos usados nas novelas, constatei que eles se mostraram fator essencial, não só na busca de interação com o público *gay*, mas também como veículo ideológico de transformação e rompimento com hegemonias. Um grande exemplo disso pôde ser constatado em orações como “ Não tem nada demais ser gay!” ou “Eu não agüento mais gostar das coisas que eu não gosto.” Ambas foram extraídas de “América” e buscavam maior interação com o público *gay* através da desconstrução de visões sociais enraizadas e discriminatórias. Orações como estas não são encontradas em “A Próxima Vítima”, onde foram encontradas orações como “ Eu já te disse uma vez que você foi a maior alegria da minha vida?”, dita por Marcelo a Sandrinho durante uma conversa de homem para homem, buscando interação com o público *gay* através da suavização do estigma social.

Desta forma, concluo que em ambas as novelas não foram encontradas orações

que contivessem mecanismos lingüísticos que reforçassem estereótipos ou discriminação explícitos, mas que buscaram interação e identificação junto ao público *gay*, através da atribuição de adjetivos positivos às personagens, tendo como objetivo valorizar seus aspectos positivos e diminuir o peso do estigma social, mostrando ao telespectador que ser *gay* é algo normal.

Com relação à pergunta número 3, ficou constatado que houve uma mudança positiva no discurso *gay* nas novelas que procurou acompanhar as mudanças sociais de gênero. Em “A Próxima Vítima” não se discutia a relação entre os dois rapazes em momento algum; já em “América” a relação foi amplamente debatida e o discurso conservador se viu cortado por outros discursos que buscavam afirmação e reconhecimento. Em 1995, orações como “Eu nasci *gay*.” ou “Mãe, eu tô apaixonado pelo Zeca.” não poderiam ser ditas em novelas exibidas no horário nobre e assistidas por toda a família; já em 2005 elas foram ditas e debatidas. A sociedade passou a enxergar com olhos diferentes as relações entre pessoas do mesmo sexo e, embora tal aceitação seja frágil como adverte Trevisan (2007), ela está presente nas novelas que, além de refletirem tais tendências, se mostraram como veículo para que tais mudanças se tornassem possíveis a curto e longo prazo. Assim, o discurso *gay* nas novelas procurou, mesmo que para atender a interesses comerciais, acompanhar as mudanças sociais de gênero no período decorrido entre a exibição das duas novelas.

De uma forma geral, o discurso *gay* nas duas novelas apresentou uma característica importante, ainda que a homossexualidade tenha sido mostrada pelo viés da heterossexualidade e que a masculinidade hegemônica tenha sido privilegiada, ele contribuiu para a maior visibilidade dos *gays*, seja por meio dos produtos destinados a este público ou pelo debate a cerca da homossexualidade.

Tal visibilidade, na minha concepção, é o fator primário para a construção das

identidades *gays*. Parti da premissa que as identidades dos sujeitos se originam a partir da negociação discursiva entre os participantes de uma interação, ou seja, a identidade se constrói no discurso. Para autores como Hall (2006) as identidades são fragmentadas, incompletas e se constroem a partir do olhar do Outro. Ele ainda aponta que, devido ao processo de globalização, os indivíduos tornaram-se ainda mais fragmentados e compostos por identidades contraditórias e não resolvidas que estão em constante transformação. Em orações como “Você pode ser você mesmo.”, extraída de “América”, percebe-se o que Bauman (2003) identifica como sendo a capacidade do indivíduo globalizado de se desfazer de uma identidade e assumir outra que lhe é conveniente em um determinado contexto social.

Nas novelas, as características apontadas por Hall se fizeram notar, o que ficou constatado através do grande número de Processos Relacionais existentes em ambas. As personagens *gays* tiveram suas identidades criadas a partir do olhar das outras personagens e de seus discursos.

Ainda que sejam consideradas todas as características apontadas por Hall e Bauman a cerca das identidades dos indivíduos pós-modernos, concluo que, com relação a pergunta número 4, o discurso *gay* apresentado nas duas novelas analisadas contribuiu para a construção das identidades *gays* no Brasil. Apesar de muitos pesquisadores apontarem os fatores comerciais como um entrave para a aquisição de direitos civis e sociais, corroboro a opinião de Pereira e Ayrosa (2007) que consideram tal aspecto como uma forma de construção identitária, resistência e pertencimento a um determinado grupo.

Finalizo tentando entender o fascínio e o papel desempenhado pelas novelas junto ao público brasileiro, recorro a Moita Lopes (2006) que analisa o papel das narrativas na construção das identidades dos indivíduos. Segundo ele, as narrativas são instrumentos

usados para dar sentido ao mundo à nossa volta e, portanto, a quem somos. Ao historiarmos a vida social para o outro, estamos construindo nossas identidades sociais diante de nossos interlocutores. Desta forma, a novela cumpre o papel de, além de entreter, focalizar as diferentes realidades e aspectos da vida social e de trazer a tona discursos que buscam afirmação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Milhail. *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*. Hucitec. São Paulo. 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2003.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2003.
- BUTT, David et al, *Using Functional Grammar: an Explorer's Guide*, NCELTR Publications. Australia. 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Ed. Contexto. São Paulo. 2004.
- CONNELL, R.W. *Masculinities*. Berkeley. Los Angeles. 2005.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London. Continuum. 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Polity. Cambridge. 1994.
- _____. *Media Discourse*. Hodder Arnold. London. 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Ed. Loyola. São Paulo. 2007.
- _____. *History of Sexuality Vol. 1: The Will to Knowledge*. Penguin. London. 1976.
- _____. *Vigiar e Punir*. Ed. Vozes. 34ª edição. Rio de Janeiro. 2007.
- FIGARI, Carlos. *As Outras Cariócas: Interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro Séculos XVII ao XX*. Editora UFMG-Belo Horizonte; Editora IUPERJ-Rio de Janeiro, 2007.
- GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra Gay*. Ed. Planeta. São Paulo. 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Editora LTC. Rio de Janeiro. 1988.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. DP&A Editora. Rio de

Janeiro.2006.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar* . Edward Arnold. London, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. Ed. Arnold. 3 ed. London, 2004.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social Semiotics*. Cornell University Press. New York,1988.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. *Reading Images*. Routledge. New York.2006.

LACAN, Jacques. “O estágio de espelho como formador da função do eu.” In: Escritos. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 1998.

MEINHOF, Ulrick H. *Language Learning in the Age of Satellite Television*. Oxford University Press. New York. 1998.

MELO ANDRADE, Diogo de Calasans . *A inserção dos homossexuais nos padrões consumo*. Recife. 2008. Disponível em [www. diogocalasans.com.br/artigos.htm](http://www.diogocalasans.com.br/artigos.htm), consultado em 15/01/2009.

MELO, José Marques. *As telenovelas da Globo: Produção e Exportação*. Summus Editorial. São Paulo. 1988.

MICHOUL, Alec; GRACE, Wendy. *A Foucault Primer: Discourse, Power and the Subject*. New York University. New York.1997.

MOITA LOPES, L.P. *Identidades Fragmentadas*. Mercado das Letras. São Paulo. 2006.

NAPHY, William. *Born to be Gay: a History of Homosexuality*. Tempus. London. 2006.

NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculidade*. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1993.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A Construção Social da Masculinidade*. Ed. UFMG- Belo Horizonte. Ed. IUPERJ-Rio de Janeiro. 2004.

PEREIRA, Bill; AYROSA, Eduardo A . *A identidade homossexual masculina: o consumo como forma de enfrentamento e resistência*. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, UFPE, Recife. 2007.

PLATÃO. *Banquete*. Ed. Martin Claret. São Paulo. 1999.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane Vieira Sebba. *Análise de Discurso Crítica*. Ed. Contexto. São Paulo. 2006.

RODRIGUES JÚNIOR, A. S. . *Gender-bend(er)ing male identity: first steps in search of a critical-discursive approach to gay literature translation*. Cadernos de Tradução (UFSC), UFSC, v. 1, n. 13, p. 55-79, 2004.

SELL, Teresa Adada. *Identidade homossexual e normas sociais*. Ed. UFSC. Florianópolis, 2006.

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. Hodder Arnold.London. 2004.

TREVISAN, João Silvério . *Devassos no Paraíso*. Ed. Record. Rio de Janeiro. 2007.

VIEGAS, Marlene. *Aspectos sistêmico-funcionais da mudança lingüística em cartas familiares do early modern english*. Tese de Mestrado. Lisboa. Universidade de Lisboa.2004.

WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. In: Estudo Feministas. Vol.9, nº2, p.460-482. Florianópolis. 2001.

Sites pesquisados

www.unirio.br/morpheusonline/numero7.2005/almerindo.htm em 10/06/2006

www.ipce.info/ipceweb/Library/history_of_sexuality.htm em 09/06/2007

www.historyofsexuality.com/Article40.phtml em 15/03/2006